



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Experiência da Parafilia Coerciva:

Da Coerção sexual à patologização

Solange Micaela Vieira da Ponte

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de Seminário de Dissertação

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Criminal

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues, apresentada no ISPA- Instituto Universitário, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Criminal.

AGRADECIMENTOS

Considero esta parte uma das mais difíceis, pois é aqui que se centram todas as pessoas que contribuíram para a efetivação desta Dissertação. Sei que por simples palavras, torna-se por vezes, difícil expressar o quão importante, cada um de vós de forma unária, contribuiu para esta concretização pessoal. Nada é impossível, por isso darei o melhor de mim.

Agradeço ao meu Orientador Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues, por tão simpaticamente ter confiado e abraçado esta investigação, incentivando-me a dar o melhor de mim. Obrigada pelos conhecimentos teóricos transmitidos bem como, pelo seu empenho e dedicação!

Um especial obrigado à Instituição Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, na pessoa do Diretor Doutor Rui Sá Gomes. Também aos Diretores, Adjuntas e Equipas dos Estabelecimentos Prisionais de Lisboa e da Carregueira, por me deixarem recolher os dados fulcrais à realização da presente investigação, e ainda por toda a sua colaboração e disponibilidade.

Não posso deixar de gratificar os reclusos que aceitaram participar pois só assim foi possível a concretização deste trabalho...

Obrigado a todos os elementos da minha equipa de Estágio Académico, a Equipa de Lisboa Penal 6, que tudo fizeram para que este projeto fosse a bom porto!

Às minhas colegas, (a minha ilustre família Ispiana) com quem partilhei imensos conhecimentos e conversas profundas...partilhei tudo! De cá levo boas amizades...Rita, Mafalda, Anabela, obrigada!

Às minhas amigas Arsénia, Filipa, Jéssica P., Bárbara, Jéssica R., Rita, por todas as nossas vivências e experiências, por todo o carinho, dedicação e apoio que recebi, nesta fase em que pouco ou nada lhes dei. Sou grata pela vossa eterna amizade!

À minha família! Perdoem-me profundamente as ausências prolongadas, mas todas traduziram-se no que deposito aqui. Agradeço-vos! Sois o meu porto de abrigo... Os pilares fundamentais nesta construção tão única, tão nossa- a nossa família!

A ti, Diogo... Esperas-te e confias-te. Apoiaste, dedicaste... deste tudo de ti para ver o melhor de mim! Agradeço-te incondicionalmente, meu alicerce!

No fundo, a minha investigação traduz-se numa frase inspiradora “um sonho é um escrito, e muitos escritos não são mais do que sonhos” (Umberto Eco) pois, tudo o que aqui redigi são uma imensidão de sonhos, projetos e realizações que ansiava há muito fazer.

Agradeço a todas as pessoas que depositaram confiança em mim e me fizeram acreditar que esta investigação era pertinente e útil para a Psicologia bem como, para a área criminal, em Portugal...

*Termino os meus agradecimentos com a convicção de que “o que imaginamos nitidamente, desejamos ardentemente, perseguimos entusiasticamente, inevitavelmente acontecerá...”
(Colin P. Sisson)*

A todos vós,

O meu mais sincero e profundo obrigado!

RESUMO

Existe uma longa história de polémicas sobre se os violadores preenchem os critérios de uma patologia diagnosticável, em especial, os da Parafilia Coerciva. Os sujeitos que se dedicam a agressões sexuais não apresentam todos a mesma base motivacional, podendo colocar-se a hipótese de alguns deles serem considerados parafílicos coercivos. A natureza coerciva constitui o principal foco de excitação, que através do domínio, controlo e poder, praticam uma pluralidade de ofensas sexuais desviantes.

Objetivo: Este estudo pretende encontrar uma estrutura geral comum por detrás dos relatos das experiências vividas dos indivíduos parafílicos coercivos. A compreensão deste fenómeno contribui para que se consiga um maior aperfeiçoamento da terminologia empregue na atualidade, para se categorizar este grupo de sujeitos potencialmente perigosos.

Método: Foram recolhidos quatro relatos, onde os participantes relataram emoções, sentimentos e pensamentos sobre as agressões sexuais. A análise dos dados foi efetuada através da metodologia qualitativa e fenomenológica de Giorgi.

Resultados: Os relatos em comum dos quatro participantes permitiram criar uma estrutura geral sobre o fenómeno da parafilia coerciva, que descreve um conjunto de fatores predominantes, tais como, pensamentos, impulsos, desejos e comportamentos sexuais para praticar ofensas sexuais, através do uso do poder, controlo e domínio sobre as vítimas, reforçados pelas distorções cognitivas.

Conclusões: Os resultados da experiência vivida dos quatro participantes corroboram com a literatura prévia concebida em torno da parafilia coerciva, resumindo-se assim, através de fantasias sexuais persistentes, reforçadas pelas distorções cognitivas, para praticar uma pluralidade de atos coercivos com variadas vítimas não consensuais, refletindo uma excitação sexual desviante, implícita ao sexo forçado.

Palavras-chave: parafilia coerciva, coerção sexual, ato sexual desviante, agressores sexuais, experiência vivida.

ABSTRACT

There is a long history of controversy about whether offenders meet the criteria for a diagnosable pathology, in particular, the Coercive Paraphilia. The subjects who engage in sexual assaults do not have all the same motivational basis and can put the hypothesis of some consider paraphiliac coercive. The coercive nature is the main focus of excitement, that through mastery, control and power, practice a plurality of deviant sexual offenses.

Aim: The study aims to find common general framework behind the reports of the experiences of paraphiliac coercive individuals. Understanding this phenomenon that can contribute to further improvement of the terminology used in the timeliness, to categorize this group of subjects potentially dangerous.

Method: Four reports were collected, where participants reported emotions, feelings and thoughts about the sexual assaults. Data analysis was pursued with Giorgi's qualitative and phenomenological method.

Results: The reports in common of the four participants have created a general framework on the phenomenon of coercive paraphilia, which describes a set of predominant factors such as thoughts, impulses, desires and sexual behaviors to practice sexual offenses through the use of power, control and dominance on victims, reinforced by cognitive distortions.

Conclusion: The results of the lived experience of the four participants corroborate the previous literature designed around the coercive paraphilia, summing up, well through persistent sexual fantasies, reinforced by cognitive distortions, to practice a plurality of coercive acts with varying nonconsensual victims, reflecting one deviant sexual arousal, implied to forced sex.

Key-words: coercive paraphilia, sexual coercion, deviant sex, sex offenders, lived experience.

Índice

Introdução	1
-------------------------	---

Capítulo I

1. Enquadramento Teórico	2
1.1. Evolução do Conceito de Parafilia	2
1.2. A Perspetiva Histórica e Clínica da Parafilia Coerciva	4
1.3. Tratamento da Parafilia Coerciva segundo a investigação de Martin Kafka	10
1.4. Criação da Paraphilic Coercive Disorder Check-list	10
1.5. Existe suporte empírico para a Parafilia Coerciva?	12
2. Comorbilidade	15
2.1. <i>Perturbação Anti-Social e Psicopatia</i>	15
3. Diagnóstico Diferencial	16
3.1. <i>Diagnóstico do Sadismo Sexual</i>	16
3.2. <i>Diagnóstico da Biastofilia</i>	16

Capítulo II

1. Abordagens Teóricas da Agressão Sexual	17
1.1. Perspetivas Teóricas da Agressão Sexual	17
1.1.1. Perspetiva Biológica	17
1.1.2. Perspetiva Comportamentalista	17
1.1.3. Perspetiva Cognitiva	18
1.1.4. Perspetiva da Aprendizagem Social	18
1.1.5. Perspetiva Psicanalítica	18
1.1.6. Perspetiva Sociocultural	19
1.2. Modelos Teóricos da Agressão Sexual	20
1.2.1. Taxonomia de Knight e Prentky	20
1.2.2. Tipologia de Groth, Burgess e Holmstorm	21
1.2.3. Modelo de Abel, Becker e Cunningham-Rathner	22
1.2.4. Modelo de Compreensão da Agressão sexual de Marshall e Barbaree	23
Modelo de Inibição da Coerção Sexual de Barbaree e Marshall	24

1. Acesso ao Fenómeno	25
2. Questão de Investigação	26
3. Objetivo da Investigação	26
4. A Abordagem metodológica: da metodologia ao método	27
4.1. A Investigação Qualitativa	27
4.2. A Fenomenologia	28
4.3. A Psicologia Fenomenológica	28
4.4. Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia	30
4.4.1. <i>Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi</i>	31
5. Método	33
5.1. Participantes	33
5.2. Instrumentos.....	34
5.2.1. <i>Paraphilic Coercive Disorder Check-list</i>	34
5.2.2. Entrevista em Profundidade.....	36
5.2.3. Considerações Éticas	37
5.3. Procedimento.....	37
6. Resultados	39
6.1. Análise dos Resultados	39
6.2. Estrutura final- Quatro participantes.....	39
6.3. Análise pós-estrutural.....	41
7. Discussão	49
7.1. Diálogo com a literatura	49
7.2. Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras	54
Conclusão	55
Referências Bibliográficas	56
Anexos	

Lista de Anexos

Anexo A- Paraphilic Coercive Disorder Check-list

Anexo B – Guião de Entrevista

Anexo C – Carta de Consentimento Informado

Anexo D- Transcrição das Entrevistas dos quatro Participantes

- 1- Transcrição da Entrevista do participante P1
- 2- Transcrição da Entrevista do participante P2
- 3- Transcrição da Entrevista do participante P3
- 4- Transcrição da Entrevista do participante P4

Anexo E- Análise das Entrevistas dos quatro Participantes P1, P2, P3 e P4 utilizando o método fenomenológico de Giorgi

- 1- Análise da Entrevista do participante P1
- 2- Análise da Entrevista do participante P2
- 3- Análise da Entrevista do participante P3
- 4- Análise da Entrevista do participante P4

Anexo F- Síntese dos Constituintes Essenciais dos quatro Participantes

- 1- Constituintes essenciais do participante P1
- 2- Constituintes essenciais do participante P2
- 3- Constituintes essenciais do participante P3
- 4- Constituintes essenciais do participante P4

Lista de Tabelas

Tabela 1- Dados Sociodemográficos dos participantes

Tabela 2- Síntese dos Constituintes essenciais dos Quatro Participantes: P1, P2, P3 e P4

Tabela 3- Variações Empíricas dos Participantes

Lista de Figuras

Figura 1 - Estrutura final da Experiência da Parafilia Coerciva

Figura 2 – Estrutura final do Contexto de Reclusão

Introdução

A investigação em parafilias é uma área de estudo de crescente interesse em Portugal, em específico, na área criminal, e dada a inexistência de investigações no âmbito da parafilia coerciva, surgiu a especial necessidade, aliada ao interesse de se desenvolver uma pesquisa neste âmbito.

Porém, sabe-se que existe uma longa história de polémicas sobre se os agressores sexuais preenchem os critérios para uma patologia diagnosticável. Assim sendo, o foco deste estudo vai para esta pertinente parafilia, geradora de controvérsias na comunidade científica e psiquiátrica, pelo facto de não a considerarem como um diagnóstico psiquiátrico, visto o foco de excitação sexual ocorre através do domínio, controlo e coação de diversas vítimas não consensuais, em situações distintas

Somente, com a aceitação da sociedade de tal diagnóstico, se possibilitará um aperfeiçoamento da terminologia até agora empregada, para se categorizar estes sujeitos, e ainda, fornecer aos Manuais de Diagnóstico Psiquiátrico e ao sistema Judicial uma maior clareza e confiabilidade, de forma a se identificar o grupo de ofensores sexuais que já cometeram e são altamente prováveis de no futuro, exercerem violência sexual predatória.

Em Portugal, existe todos os anos indivíduos que entram em contacto com o Sistema de Administração da Justiça por crimes de natureza sexual (por exemplo, por violações, coação sexual ou abusos sexuais de menores). Segundo dados estatísticos do Relatório Anual da APAV, do ano 2014, foram registados no que concerne ao tipo de crimes sexuais contra as pessoas, cerca de 139 violações e 64 crimes de coação sexual. Indo de encontro a estes resultados, importa compreender que nem todos os sujeitos que se dedicam a agressões sexuais têm a mesma base motivacional, podendo colocar-se a hipótese de alguns deles serem considerados parafílicos coercivos.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Evolução do conceito de Parafilia

Em meados de 1846, emergiam os primeiros trabalhos de cariz científico sobre a patologização da sexualidade, e quatro décadas após, a sexualidade relacionada com as perturbações mentais (perversões) fora divulgada através de Krafft Ebing, com a publicação do livro *“Pyscopathia Sexualis”* (Russo, 2005).

O conceito de parafilia vem do termo grego *para*, “fora de” e *philia* “amor” e surgiu pela primeira vez, em 1922, com o psicólogo Wilhelm Stekel (cit. in Watson, 2013) e mais tarde, divulgado pelo sexólogo John Money (1984) com o intuito de referir a excitação sexual que o sujeito parafílico apresenta em relação a objetos, situações ou pessoas que não fazem parte da estimulação normativa e com isto, pode causar sofrimento ou graves problemas para o próprio ou para as pessoas a ele associadas.

Por volta de 1952, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) em alternativa à Classificação Internacional de Doenças, (CID) decidiu elaborar o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Perturbações Mentais (DSM), com o intuito de normalizar e homogeneizar a classificação psiquiátrica que até à data, terá abarcado inúmeras críticas devido à sua fraca confiabilidade (Russo & Venâncio, 2006).

Com a criação do primeiro Manual de Diagnóstico (DSM-I), verificou-se a introdução de uma classificação denominada “desvio sexual” inerente ao grupo Distúrbio de Personalidade Sociopática, que se encontrava incluído nas Desordens de Personalidade (Russo, 2005). Aqui, a descrição de “desvio sexual” era exclusiva a uma sexualidade desviante e não originava de uma patologia mais duradoura, como o caso da esquizofrenia. Assim, o desvio sexual descreveria o comportamento patológico tal como a homossexualidade, o travestismo, a pedofilia, fetichismo e o sadismo sexual (incluindo a violação, agressão sexual e mutilação) (APA, 1952, p.39, cit. in Russo & Venâncio, 2006).

Sensivelmente uma década e meia mais tarde (1968) ocorre a publicação do DSM-II, onde o conceito de “desvio sexual” fica colocado como subdivisão do grupo “Transtornos de Personalidade e outros certos transtornos mentais não-psicóticos”, ocorrendo uma alteração no conjunto dos desvios sexuais, passando então a incluir a homossexualidade, fetichismo, pedofilia, travestismo, exibicionismo, voyeurismo,

sadismo, masoquismo e outros (Russo & Venâncio,2006). Do ponto de vista de Russo (2005), esta categoria anteriormente descrita, foi elaborada para pessoas cujos interesses eram exclusivos a outros objetos, ao invés de pessoas do sexo oposto, manifestando atos sexuais bizarros, não associados com o coito, como o caso da necrofilia, fetichismo, sadismo sexual.

Doze anos mais tarde (1980), surge o DSM-III, onde a definição de “desvio sexual” deu origem a uma categoria intitulada “Transtornos Psicosexuais”, que se subdivide em “Desordem da Identidade e do Gênero”, “Disfunções Sexuais”, “Outras Disfunções Sexuais” e ainda “Parafilias”- salientado que todos os desvios sexuais tidos em conta na publicação do DSM-II (à exceção da homossexualidade) surgiram agregados neste novo grupo (Russo & Venâncio, 2006).

Na visão de Abreu (2005), a parafilia surgiu com o intuito de qualificar o conceito anteriormente denominado de “perversão sexual” ou “desvio sexual”, onde os sujeitos que praticam este tipo de atividade sexual, têm uma preferência desviante e única, excetuando o que a sociedade considera como sexualidade normal. Desta forma, a prática sexual é permutada por outras expressões de caráter sexual que se configuram como o único meio de obter prazer e excitação. Assim, existe um modo de atuação repetitivo dos comportamentos que se transforma num padrão rígido, impossibilitando assim outras variações sexuais (cit. in Russo & Venâncio, 2006).

Posteriormente, em 1994, foi publicado o DSM-IV, com uma revisão no ano de 2002, conhecida como DSM-IV-TR, não abarcando alterações no campo das parafilias.

O conceito de parafilia surge como um transtorno sexual caracterizado por, “fantasias recorrentes, intensas e sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos, que envolvem no geral, 1) objetos não humanos; 2) sofrimento ou humilhação de si próprio ou de outros parceiros; 3) crianças ou outras pessoas sob coação; e que ocorrem durante um período de pelo menos 6 meses”, correspondente ao critério A (DSM-IV-TR, 2002, p.566); e que “causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento”, correspondente ao critério B (Watson,2013). Este manual listou oito parafilias, nomeadamente, exibicionismo, fetichismo, frotteurismo, pedofilia, masoquismo sexual, sadismo sexual, fetichismo travesti, voyeurismo, incluindo também a Parafilia Sem outra Especificação, para as parafilias incomuns (Hinderliter, 2010).

Todavia, com a publicação a 18 de Maio de 2013, da quinta Edição do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais, surgiram novos conceitos, cingindo oito Parafilias, respetivamente, Desordem Voyeurística; Desordem Exibicionista; Desordem Frotteurista; Desordem Masoquista Sexual; Desordem Sadista Sexual; Desordem Pedofílica; Desordem Fetichista e Desordem Travesti (Zucker,2013).

De relevar, até a década de 70, a maioria dos ofensores sexuais classificados como tal, eram indivíduos que haviam agredido exclusivamente crianças ou crianças e adultos, dado que, na DSM apenas existia o diagnóstico de desvio sexual ou parafilia. Assim sendo, a maioria dos sujeitos que cometiam crimes de violação não preenchiam os critérios para tal diagnóstico, e por isso não estava incluída nas antigas leis referentes a psicopatas sexuais. Naturalmente, esta perspetiva tem sofrido diversas críticas, “uma vez que implica a caracterização dos ofensores sexuais como pessoas perturbadas mentalmente, reduzindo a sua responsabilidade no ato da agressão, o que também influencia a forma de tratamento” (Chung, O’Leary & Hand, 2006; Quinsey *et al.*, 2006 *cit. in* Balaias *et al.*, 2012, p.407).

1.2. Perspetiva Histórica e Clínica do Diagnóstico da Parafilia Coerciva

A Parafilia Coerciva teve uma longa história de controvérsias com o intuito primordial de a encarar como um suposto diagnóstico psiquiátrico. Inicialmente o conceito ganhou a designação de Transtorno de Agressão Sexual (*Sexual Assault Disorder*), (Watson & Knight, 2012) e mais tarde, tomou a designação de Transtorno da Parafilia Coerciva (Watson, 2013).

Por volta de 1980, a Subcomissão das Parafilias descreveu pela primeira vez, o diagnóstico supramencionado, nas revisões da Terceira Edição do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-III), tendo como finalidade incluir um distúrbio completamente desligado do Sadismo Sexual, apresentando como critérios de diagnóstico, particularmente: a) ao longo de um período de pelo menos seis meses a preocupação com impulsos sexuais recorrentes e intensos e o despertar fantasias sexuais que envolvem o ato de forçar o contacto sexual (por exemplo oral, vaginal ou anal penetração; agarrando um peito da mulher) na pessoa, sem o seu consentimento; b) é a natureza coercitiva do ato sexual que é sexualmente emocionante, e não os sinais de violência psicológica ou física que causa sofrimento na vítima (como

no sadismo sexual); c) o indivíduo age repetidamente sobre esses impulsos ou é marcadamente angustiados por eles (Thornton, 2010).

Entre 1983 a 1986, foram organizadas tentativas para inserir o diagnóstico da Parafilia Coerciva na Terceira Edição do Manual revista (DSM-III-R), com os critérios anteriormente descritos, mas esta decisão fora fortemente influenciada por psiquiatras, psicólogos e feministas, que reforçaram a sua oposição através de protestos e críticas (APA, 1987 cit. in Tosh, 2011).

Apesar do peso da evidência de pesquisa, os critérios de diagnóstico foram denegados do DSM-III-R, não pelo facto do diagnóstico ser considerado inválido, mas por causa das preocupações legais e sociais, ou seja, esta parafilia iria ser utilizada para rotular um subgrupo de violadores com um diagnóstico de parafilia discreto (Kafka, 2010) com o intuito de lhes reduzir a responsabilidade penal das agressões sexuais cometidas (Watson, 2013).

Abel e colaboradores (1990) constataram que os Manuais de Diagnóstico Psiquiátrico excluíram o diagnóstico de parafilia para violadores não sádicos, embora necessitasse fazê-lo dado que, a maioria dos indivíduos apresenta desejos, fantasias repetitivas e compulsivas para cometer agressões sexuais. Em última análise, os autores admitiram que a clareza científica seria equiponderada com a aceitação da sociedade de tal categorização.

No entanto, diversos fatores foram tidos em conta de modo a potenciar a proposta de diagnóstico, com a finalidade de a adicionar ao grupo das parafilias já existentes (Knight, 2010). Assim, como principais fatores, surgem, em primeiro lugar, os dados falométricos de diversos estudos utilizando como amostras, sujeitos sexualmente agressivos, assinalando assim um subconjunto de violadores. Com base nos resultados obtidos através da Pletismografia Peniana (PPG), em relação aos controlos dos sujeitos do estudo, verificou-se índices elevados de violação nas respostas dos estímulos associados à coerção sexual, comparativamente às respostas dos estímulos que representam uma atividade sexual consentida (Abel, Barlow, Blanchard & Guild, 1997; Barbaree, Marshall & Lanthier, 1979 cit. in Watson, 2013).

Como segundo fator, nos sistemas tipológicos de violadores criados até à data, identificou-se um tipo específico de violador, cuja motivação formulou-se por ser tendencialmente sexual (Knight, Rosenberg & Schneider, 1985, cit. in Watson, 2013). Posteriormente, como terceiro fator ressalta a Teria de Desordem no namoro/cortejo

levada a cabo por Freund, onde este afirma que algumas formas de violação envolvem distorções do comportamento normal do namoro (Freund, Sher & Hucker, 1983,1984; Freund, Sher, Racansky, Campbell & Heasman, 1986, cit. in Watson, 2013). Importa ressaltar que neste estudo, a excitação sexual aberrante foi sugerida como a componente-chave motivacional para um subconjunto de violadores, designados por violadores preferenciais (Freund, Seeley, Marshall & Gilfort, 1972, *cit. in* Watson, 2013). Assim surgiu a hipótese do violador preferencial ser considerado parafílico (tal como o voyeurista o exibicionista ou o sadista) e todos apresentavam distorções do namoro normal, o que de certa forma, possibilitou considerar esta teoria sólida e pertinente com a elevada instância de parafilias descobertas entre os agressores sexuais (Abel & Blanchard, 1974; Freund, 1990 cit. in Watson, 2013)

Durante os anos noventa, diversos estados reintroduziram as Leis do Predador Sexual Violento (SVP), onde a finalidade crucial era o compromisso civil de sujeitos condenados por crimes sexuais, portadores de um distúrbio mental e sexualmente perigosos e que estavam predispostos a cometer futuros crimes sexuais (Frances, 2011).

Nesta lógica, o compromisso civil no que diz respeito a pessoas sexualmente perigosas, condenadas por um crime sexual, envolve uma custódia de retenção do sujeito da sociedade, com o intuito de cumprir a pena que lhes era determinada e após cumprida, seriam colocadas numa instituição, como estabelecimento de saúde mental (Prentky *et al.*, 2006, cit. in Watson, 2013).

Quatro anos mais tarde, com a publicação do novo Manual, a parafilia coerciva permaneceu novamente excluída. Com a revisão do DSM-IV-R em 2002, o Comitê Consultivo considerou-a pouco comum no grupo de indivíduos que cometem violações (First & Halon, 2008) embora, elucidasse a necessidade de diferenciar a proposta sugerida do Diagnóstico de Sadismo Sexual (que também pode envolver fantasias de violação), tendo em conta que neste último, o foco de excitação é a humilhação e o sofrimento da vítima. Face a esta proposta, os defensores da parafilia coerciva referiram que, contrariamente ao Sadismo sexual é especificamente a natureza coerciva do ato sexual a fonte de excitação sexual para o sujeito (First & Halon, 2008).

No final de 2007, as Leis do compromisso civil para sujeitos sexualmente perigosos foram aprovadas pelo Governo Federal dos EUA e por dezoito estados, pelo que, posteriormente, o Supremo Tribunal sustenta a legitimidade de todas as leis (Kansas v. Hendriks, 1997 Kansas v. Grua, 2002, cit. in Watson, 2013). Embora

houvesse legitimidade destas leis, o uso das mesmas permanece polémico e os méritos relativos a isso mantiveram-se tema de um austero debate entre diversos profissionais, tais como, advogados, decisores políticos e psicólogos (Watson, 2013).

Apesar do diagnóstico não ser incluído nos manuais supramencionados, a prevalência das Leis dos Predadores Sexuais Violentos fez com que a natureza da parafilia coerciva fosse reexaminada, incentivando o uso da mesma em processos de compromisso civil, sob a designação de Parafilia Sem Outra Especificação (e muitas vezes referida como “Parafilia sem outra especificação, não Consentimento”) (APA, 1994; 2000 cit. in Watson, 2013) com a intenção primordial de diagnosticar o desvio sexual na forma de contacto sexual coercivo, maioritariamente, em crimes de violação sexual (Frances, Sreenivasan & Weinberger, 2008 cit. in Watson, 2013).

Os autores Levenson e Morin (2006) realizaram um estudo de 2000 a 2001 e concluíram que 30,1% dos sujeitos avaliados foram diagnosticados com Pedofilia e Parafilia Sem Outra Especificação (normalmente codificados com a descrição de "violação" ou "não consentimento") (cit. in Watson, 2013) e mais tarde, a investigação concebida por Jackson e Richards no estado de Washington, apresentou resultados significantes, sendo que, cerca de 42,6% dos agressores sexuais avaliados tinham o mesmo diagnóstico (2007, cit. in Watson, 2013).

Com base nos números surpreendentes, diversos membros da comunidade jurídica e psiquiátrica, caracterizaram a Parafilia Sem Outra Especificação, como um diagnóstico inapropriado atribuindo-lhe a expressão de “abranger tudo”, contendo frequentemente o papel de uma desordem mental sexual indutora de agressão, apesar da falta de critérios específicos para a sua implementação bem como, a ausência de confiabilidade e validade (Prentky *et al.*, 2006 cit. in Watson, 2013). Assim, o Dr. Allen Frances, redator da versão final do Manual “*Paraphilia NOS*” manifestou publicamente repúdio em relação ao diagnóstico, apelidando-o de claramente equivocado, com falta de credibilidade ou validade (Frances, 2010 cit. in Watson, 2013).

De forma irónica, alguns teóricos argumentaram que este diagnóstico seria injusto para usar nos casos SVP, visto considerarem-no vago ou pouco confiável. Estes argumentos foram postos em causa por Packard e Levenson (2006), elucidando que a capacidade dos profissionais de saúde para diagnosticar de forma correta o grupo das parafilias, incluindo a Parafilia Sem Outra Especificação não é distinta da capacidade em diagnosticar condições psiquiátricas em geral (cit. in Stern, 2010).

Para além do exposto, enquanto alguns pesquisadores afirmam a imprecisão do diagnóstico psiquiátrico, outros encaram a parafilia como uma condição diagnosticável, e neste sentido, as características se sobrepõem de forma significativa aos critérios do Sadismo sexual ou da violação não sádica em geral (Knight, 2010; Quinsey, 2010).

De salientar, alguns investigadores, com base nos seus estudos em que fizeram uso da Pletismografia Peniana, conseguiram identificar um índice de violação desviante nos violadores condenados (classificados como sádicos) comparativamente com outros violadores (Barbaree *et al.*, 1994 cit. in Thornton, 2010). No entanto, a confiabilidade estatística e o significado dessas diferenças têm sido postas em causa (Lalumière *et al.*, 2005; Thornton, 2010).

A Associação Americana de Psiquiatria propôs as revisões para a 5ª Edição do DSM onde, nestas revisões foram incluídos os critérios para a Parafilia Coerciva. Todavia, apesar da denegação dos critérios, o Grupo de Trabalho sobre Transtornos de Identidade Sexual e de Género, considerou esta parafilia para aceitação, presumivelmente como um apêndice (Beech & Harkins, 2012), na secção 3, utilizando como critérios de diagnósticos respetivamente, a) durante um período de pelo menos 6 meses, fantasias ou impulsos sexuais recorrentes, intensas e sexualmente excitantes, voltados para a coerção sexual; b) O indivíduo está angustiado ou prejudicado por essas atrações, ou procura estimulação sexual de forçar sexo em três ou mais pessoas que não o consintam, em ocasiões distintas; c) o diagnóstico de Parafilia Coerciva não é feito se o paciente preenche critérios para o diagnóstico de Transtorno de Sadismo sexual (cit. in Stern, 2010; Tosh, 2010; Beech & Harkins, 2012). De relevar, desde a publicação do DSM-III, este diagnóstico fora excluído pela quarta vez do corpo principal da DSM (Agalaryan & Rouleau, 2014).

Esta situação originou inúmeros debates, gerando profundas críticas em torno da parafilia coerciva. Se por um lado, argumentaram a favor deste diagnóstico, com críticas fundamentadas e inteligentes, por outro lado, ataques inúteis surgiram acerca do carácter da Comissão (Stern, 2010).

De um modo geral, como principais defensores da parafilia coerciva, ressaltam os autores Abel e colaboradores, Martin Kafka, David Thornton, Paul Stern, Zinik e Padilla, Jonathan Watson, enquanto como opositores de tal diagnóstico, são respetivamente, Allen Frances, Vernon Quinsey, Raymond Knight e Richard Balon.

Assim sendo, David Thornton, assessor do Grupo de Trabalho das Parafilias do DSM, formulou a sua própria análise e chegou à conclusão de que existe suporte empírico para o diagnóstico da parafilia coerciva, distinta entre os sujeitos condenados por violação. Este diagnóstico envolve uma excitação preferencial e sexual de forçar sexo numa mulher, de forma que esta, obviamente encara como coerciva. O autor refere que embora a parafilia coerciva estivesse conceitualmente relacionada com o sadismo sexual, representa claramente uma parafilia distinta (Thornton, 2010).

Dois outros assessores, por razões distintas, são desfavoráveis ao diagnóstico da parafilia coerciva. Segundo os estudos levados a cabo por Quinsey (2010), o sexo coercivo pode ter benefícios evolutivos (aptidão darwiniana), logo não pode ser considerado uma patologia. Do ponto de vista deste autor, a coerção sexual é uma exteriorização do conflito sexual que não é em si patológica, no entanto, as componentes do comportamento podem ser indicativas de uma personalidade anti-social, presumivelmente devido à insensibilidade do sujeito e à falha para apreciar a experiência da vítima, durante o episódio sexual.

Na visão de Knight (2010) este diagnóstico revela pouco suporte empírico e utilizar o mesmo como um diagnóstico levaria ao seu uso de indevido. Este autor menciona que não existe uma parafilia distinta da coerção sexual, afirmando que não existe evidência para apoiar uma caracterização do comportamento de violação.

O Doutor Allen Frances revela preocupação relativamente ao diagnóstico da Parafilia Coerciva, afirmando que *“the inclusion of coercive paraphilia in the DSM-V appendix is a bad idea because the appearance of this white elephant anywhere in DSM-V could be used to justify the Paraphilia NOS in SVP commitment”* (2011, p.4). Nesta lógica, este autor menciona que os violadores necessitam de receber mais penas de prisão ao invés de internamentos psiquiátricos, visto considerar estes últimos bastante questionáveis.

Do ponto de vista de Paul Stern (2010), assessor do DSM-V do subgrupo de trabalho de Transtornos de identidade sexual e de género, a recomendação para incluir a parafilia coerciva no DSM-V, representa uma melhoria no que concerne às opções atuais e levaria a uma minoração do leque de sujeitos cuja detenção ocorre por os considerarem predadores sexuais violentos. Para este autor, a utilização de critérios específicos e precisos permitirá aos profissionais de saúde mental abandonar a

designação até agora utilizada (Parafilia Sem Outra Especificação) bem como, desempenhar um papel fulcral nos processos de autorização civil.

No fundo, levará a uma utilização adequada dos critérios de diagnóstico nos sujeitos que só conseguem obter gratificação sexual coagindo diversas pessoas a envolverem-se em atividades sexuais indesejadas (Stern, 2010). Este autor menciona que os critérios de diagnóstico fornecem ao sistema judicial a melhor oportunidade para identificar o grupo de indivíduos que apresenta um padrão de violação desviante, e que praticam agressões sexuais prévias, sendo os mesmos capazes de no futuro, realizarem agressões sexuais predatórias (Stern, 2010; Beech & Harkins, 2012).

Ainda que, inúmeros autores ou investigadores com base nos resultados das suas investigações, tentaram incluir no último DSM-V a versão mais recente dos critérios de diagnóstico para a parafilia coerciva, a mesma permaneceu excluída. Pese embora, os critérios descritos em parágrafos anteriores não ilustram a melhor proposta de diagnóstico para esta parafilia, este assunto carece de especial atenção, sendo pertinente a sua consideração (Watson, 2013).

1.3. Tratamento da Parafilia Coerciva segundo a investigação de Martin Kafka

O autor Martin P. Kafka (1991) descreveu um violador específico que preenche os critérios de diagnóstico da parafilia coerciva, quando escreveu sobre como tratá-lo farmacologicamente (com a utilização de antidepressivo cloridrato de fluoxetina). Exposto por outras palavras, o autor revela como conseguiu tratar com sucesso um violador com fantasias intrusivas e persistentes para executar violações sexuais. O autor chegou à conclusão que os sintomas de impulsividade, ansiedade e depressão foram significativamente melhorados.

Kafka (2010) observou que os sujeitos violadores poderiam pertencer a um grupo maior de tais homens que poderiam atender a propostas atuais de critérios para a Parafilia Coerciva, do DSM-V.

1.4. Criação da *Paraphilic Coercive Disorder Check-list*

Diversos pesquisadores têm persistido na necessidade de dados empíricos válidos para justificar a inclusão de uma categoria no DSM-V, exclusiva para o diagnóstico da parafilia coerciva (Knight & Thornton, 2011). Apesar dos últimos

critérios desta parafilia não elucidarem a melhor proposta e das escalas de avaliação confiáveis e válidas ainda estarem em crescimento bem como, alguns autores afirmarem que o diagnóstico apresenta fraco suporte empírico, os autores Gary Zinik e Jesus Padilla criaram em 2010, a *Paraphilic Coercive Disorder Check-list (PCDC)*, considerando-a a primeira medida padronizada com utilidade para o uso “em contextos aplicados para identificar a presença de Parafilia Coerciva...que pode ser usada na prática clínica, uma vez que representa a opinião coletiva dos médicos, pesquisadores e avaliadores no campo e é, portanto, superior a qualquer esquema de diagnóstico disponível atualmente para avaliar a parafilia coerciva” (Zinik & Padilla, 2010, p.2 cit. in Watson, 2013).

O Manual da PCDC construído por estes autores, define a parafilia coerciva por impulsos, fantasias ou comportamentos persistentes, que envolvem atos sexuais coercivos, através do sexo forçado, com pessoas que não dão o seu consentimento e retratam uma excitação sexual desviante, concebida como a sexualização do poder, controle e domínio sobre pessoas não consensuais (Zinik & Padilla, 2010, p.2 cit. in Watson, 2013).

Na visão dos criadores, a parafilia coerciva constitui o foco de excitação sexual (desviante) para relações sexuais coercivas de alguns violadores em série, em específico, aqueles que apresentam atos repetitivos e persistentes de coerção sexual ao longo do tempo, com diversas vítimas (Zinik & Padilla, 2010, cit. in Watson, 2013). Segundo estes autores (2010) o sexo forçado inclui dano físico ou ameaças de dano físico, ou qualquer comportamento que prive a vítima da liberdade de escolher não participar na atividade sexual (exemplos como a força, medo, intimidação ou ameaça), onde nestas situações, não é necessário que a vítima lute fisicamente ou resista à agressão sexual (cit. in Watson, 2013).

Desta forma, os autores criaram a PCDC, escala que contém dezoito itens estruturados em cinco dominações teóricas separadas, respetivamente, Persistência de Ofensas Sexuais; Planeamento Avançado; Domínios correlacionados com o comportamento; Desvio Sexual e, por fim, Itens Contra-indicados. Estes itens foram desenvolvidos com base numa amostra de 121 agressores sexuais, embora a validade empírica da lista final nunca fora verificada (Watson, 2013).

Os itens propostos nesta escala vão de encontro aos elaborados por Doren (2002) concebidos para diferenciar o diagnóstico da “Parafilia Sem o Consentimento” do

Sadismo Sexual, sendo estes, em específico: ejaculação ou outros sinais claros de excitação sexual durante eventos que são claramente consensuais; padrões repetitivos de ações tal como os scripts; crimes são (quase) exclusivamente sexuais; violação surge quando a vítima consente; reincidência surge após um curto intervalo sem praticar agressões sexuais; violar sob circunstâncias com alta probabilidade de apreensão; violar quando existe parceiros sexuais cooperativos; heterogeneidade no tipo de vítima; manutenção do *kit* de violação. De todos os itens apresentados, seis deles com elaboração similar apareceram na PCDC.

Atualmente, a PCDC é a única escala de medida criada com o primordial intuito de diferenciar os indivíduos com o diagnóstico da parafilia coerciva comparativamente a outros tipos de agressores sexuais (Watson 2013).

A investigação de cariz quantitativo efetivada por Jonathan Watson avaliou a legitimidade deste diagnóstico ao tentar estudar as propriedades psicométricas e estatísticas da Paraphilic Coercive Disorder Check-list (Zinik & Padilla, 2010 *cit. in* Watson, 2013). Desta forma, o autor afirma que o estudo explora a estrutura, validade e confiabilidade dos fatores da check-list, informando a inexistência de possíveis publicações que abordem a utilização da PCDC em contextos clínicos e/ou de pesquisa (Watson, 2013).

A amostra final continha informação suficiente sobre os sujeitos, para avaliar uma parte substancial da PCD, ou seja, 14 itens da check-list, enquanto 2 itens do Desvio Sexual não estavam presentes nos dados dos 812 sujeitos (Watson, 2013).

A investigação embora tenha utilizado dados de arquivamento e auto-relato a partir de amostras diferentes, numa tentativa de maximizar a generalização dos resultados, somente teve implicações em adultos masculinos, condenados por crimes sexuais. Os resultados obtidos no presente estudo sugerem que a frequência do comportamento sexualmente coercivo e a variedade em escolher as vítimas é melhor determinada por uma psicopatologia desinibitória do que por fantasias ou comportamentos sexuais.

1.5. Existe suporte empírico para a Parafilia Coerciva?

Há uma unanimidade no que concerne ao período de tratamento dos violadores, onde estes relatam que as agressões cometidas são fruto de violações relacionadas com

impulsos sexuais e fantasias. Ainda, nesta fase de tratamento verifica-se que não é incomum os violadores relatarem intensos delitos relacionados com fantasias, em situações em que surgem conflitos interpessoais (por exemplo, McKibben, Proulx, & Lusignan, 1994 cit. in Thornton, 2010). Nas investigações com amostras de estudantes, a vontade de cometer violação auto-relatada (se detetada), encontra-se essencialmente relacionada com o envolvimento em fantasias sexuais coercivas (Thornton, 2010).

Para se avaliar as fantasias dos violadores, diversos teóricos referem o uso da Pletismografia Peniana para medir objetivamente as respostas sexuais para temas de fantasia. Esta metodologia evidencia dois benefícios em relação ao auto-relato, ou seja, torna-se independente da vontade do indivíduo em relatar o conteúdo das fantasias sexuais e, os estímulos sexuais podem alterar de uma maneira sistemática e estruturada de forma a determinar o aspeto que exerce um maior controle sobre a resposta sexual do indivíduo. Todavia, o método também revela-se falível dado que, os sujeitos avaliados podem manipular as respostas penianas em ambiente de laboratório ao invés de no mundo real (Thornton, 2010).

Neste sentido, foram realizados inúmeros estudos cujo objetivo era examinar o grau da relação das respostas penianas a estímulos que retratam violação face a estímulos que retratam sexo consensual (Thornton, 2010). Desta forma, os resultados individuais têm variado, mas uma meta análise desses estudos revela uma diferença substancial no que concerne aos violadores condenados em comparação com os ofensores não sexuais (Lalumière & Quinsey, 1994). Os resultados indicam que o conjunto de estímulos que empregam estímulos brutais é mais eficaz (Lalumière & Quinsey, 1994; Thornton, 2010). Lalumière e colaboradores (2003) comprovaram que, ao utilizarem procedimentos de ensaio ótimos, cerca de 60% dos violadores condenados mostraram uma excitação igual ou superior a temas de violação, em comparação com os temas consensuais (Thornton, 2010).

Também foram realizados estudos com amostras de sujeitos quer da comunidade (não condenados) quer criminais (condenados), com o intuito primordial de diferenciar os homens sexualmente coercivos dos não coercivos, não considerando pertinente o *status* criminal destes sujeitos (Knight *et al.*, 2009 cit. in Knight, 2010)

Nos estudos levados a cabo com amostras de sujeitos não condenados, a resposta sexual à violação foi apresentada como dependente de uma pluralidade de fatores, inclusive, se a vítima evidenciava ficar sexualmente excitada no episódio de violação

(Malamuth e Check, 1980), de fatores situacionais, ou seja, se o indivíduo foi recentemente insultado por uma mulher (Yates, Barbaree, & Marshall, 1984) e por último, de fatores culturais sendo respectivamente, as crenças de apoio de mitos de violação e de violência doméstica, dominação masculina sobre as mulheres, as relações antagônicas entre os sexos e atitudes sexistas sobre o comportamento masculino e feminino (Malamuth *et al.*, 1986, cit. in Thornton, 2010).

Posto isto, os indivíduos coercivos evidenciaram níveis mais altos de desejo sexual, maior frequência do comportamento sexual e um desvio sexual em comparação com os sujeitos não coercivos (MIDSA, 2008 *cit. in* Knight, 2010). Também foi possível averiguar a frequência da preocupação, compulsividade, o uso de pornografia, agressão expressiva face ao sexo feminino, o sadismo e a raiva generalizada (Knight, 1999 *cit. in* Knight, 2010).

Malamuth, Check e Briere (1986) com sucesso reconheceram um grupo de estudantes que auto-relataram a descoberta de forçar uma mulher a envolver-se em algo que ela não considera como sexualmente excitante e ainda nas avaliações PPG tendo por base representações agressivas (violação), obtiveram respostas penianas elevadas comparativamente a representações agressivas consensuais (*cit. in* Thornton, 2010).

Assim sendo, esse padrão pode ser encarado como indicativo de um interesse parafílico na coerção sexual, embora um diagnóstico de saúde mental adequado dependerá se causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo do funcionamento do sujeito (Thornton, 2010).

Todavia, os resultados apresentados parecem prover base empírica para a existência de uma parafilia, tendo por base a preferência sexual por coerção e ainda estão patentes as características habituais de uma mesma parafilia (interesse sexual persistente anormal, suficiente para prejudicar o funcionamento do sujeito). De acordo com o autor Thornton (2010), a parafilia aparenta estar presente numa minoria de violadores condenados, para que outros motivos desempenham claramente um papel importante em muitas violações.

2. Comorbilidade

2.1. *Perturbação de Personalidade Anti-social e Psicopatia*

Diversos estudos têm ligado a nível teórico e clínico, as ofensas sexuais à psicopatia (Knight, 2010; Knight e Guay, 2006, cit. in Watson, 2013) e os mesmos têm sido documentados com o intuito de explicar as marcadas diferenças individuais entre os sujeitos que estão propensos a cometer violação (Quinsey, 2010). De um modo geral, a relação da psicopatia com o sexo coercivo foi empiricamente suportada numa pluralidade de investigações (First & Halon, 2008; Lalumière & Quinsey, 2007; Knight e Guay, 2006; Rice, Warris & Quinsey 1990; Walters, Edens, Knight & Stanford, 2011 cit. in Watson, 2013). Nesta lógica, uma investigação produzida por Johansson *et al.*, (2008) sobre violação relatada, com uma amostra de gémeos finlandeses, permitiu concluir que a psicopatia, o uso de álcool e a coerção sexual encontravam-se positivamente correlacionados (cit. in Quinsey, 2010).

Conforme refere Lalumière e colaboradores (2005), se os violadores cometem uma pluralidade de ofensas sexuais (uma vez que o individuo cometeu uma segunda violação), existe uma grande probabilidade de persistir (cit. in Quinsey, 2010). Uma hipótese para explicar tal fato é de que a propensão é fruto de variações de anti-socialidade (conforme definido pela Perturbação de Personalidade anti-social ou psicopatia). Seguramente, a psicopatia encontra-se relacionada com a violação na medida em que autores têm argumentado que a sexualidade precoce e coerciva é uma característica que define a psicopatia (Harris, Rice, Hilton, Lalumière & Quinsey, 2007 cit. in Quinsey, 2010). Para Mealey, (1995) a hipótese para um eventual vínculo entre a psicopatia e o comportamento sexual coercivo também tem sido proposto nos modelos evolutivos da psicopatia. Este autor levanta a suposição de que “seria parcimonioso postular que elas (ou seja, a criminalidade/psicopatia e coerção sexual) podem ser expressões de um único espectro de sociopatia” (p.527, cit. in Patrick, 2005).

Embora se considere que os sujeitos altamente anti-sociais estão mais propensos a cometer violação face aos indivíduos menos anti-sociais, parece pouco provável que esta seja a única diferença individual relevante. Apenas uma parte dos sujeitos diagnosticados com Perturbação de Personalidade anti-social ou mesmo como psicopatas têm sido identificados como violadores (Quinsey, 2010).

3. Diagnóstico Diferencial

O diagnóstico de Parafilia Coerciva não deve ser equiparado aos critérios de diagnóstico do Sadismo Sexual nem aos da Biastofilia.

3.1. Diagnóstico do Sadismo Sexual

A DSM-IV (1994) define o Sadismo Sexual como um diagnóstico que envolve “fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, durante o mínimo de 6 meses, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo atos (reais ou simulados) no qual o sofrimento psicológico ou físico da vítima (incluindo humilhação) é sexualmente excitante para a pessoa” (p. 503). Desta forma, a pessoa age sobre estes impulsos num parceiro não consensual, ou as fantasias causam angústia ou marcadas dificuldades interpessoais. Para os sujeitos sádicos sexuais, os sinais de violência psicológica ou física e a humilhação são sexualmente excitantes, ao invés da Parafilia Coerciva, onde a natureza coerciva do ato sexual constitui a fonte de excitação sexual para o sujeito (First & Halon, 2008).

3.2. Diagnóstico da Biastofilia

A Biastofilia é considerada uma agressão sexual, onde o sujeito parafílico ataca de surpresa, uma vítima desconhecida, sem que esta o consinta. Nesta lógica, Money propôs o conceito afirmando que o foco de excitação para o sujeito parafílico advém do facto de a vítima aparentar estar aterrorizada e resistente. Assim este autor elaborou critérios mais consistentes tais como, “a) durante um período de 6 meses, a preocupação com impulsos sexuais recorrentes e intensos e a excitação sexual e fantasias que envolvem o ato de forçar o contacto sexual de penetração (por exemplo, oral, vaginal, anal ou penetração) na pessoa sem que esta dê o seu consentimento; b) é a natureza coercitiva do ato sexual e o terror da vítima e resistência que é sexualmente excitante; c) o indivíduo age repetidamente sobre esses impulsos ou é marcadamente angustiado por eles” (Money, 1999 cit. in Thornton, 2010).

1. Abordagens Teóricas da Agressão Sexual

Não existe em nenhum lado da literatura a etiologia desta parafilia. No entanto, foi concebido por diversos autores, uma panóplia de Perspetivas ou Modelos teóricos, de forma a providenciarem bases explicativas para o fenómeno da agressão sexual. Assim, o próprio comportamento sexual desviante pode ocorrer segundo diversas formas, e as abordagens em torno deste tema, surgem com o intuito de entender e explicar esse comportamento delinquente, tendo em conta os diversos fatores que o podem influenciar.

1.1. Perspetivas Teóricas da Agressão sexual

1.1.1. Perspetiva Biológica

A Perspetiva biológica defende que a agressão sexual poderá estar relacionada com fatores neurológicos, biológicos e orgânicos (Balaias *et al.*, 2012). Assim, o comportamento sexual ofensivo resulta de elevados impulsos sexuais que surgem devido às hormonas e a outros aspetos de natureza fisiológica (modificações cerebrais, doença mental, traumatismos crânio-encefálicos, níveis elevados de testosterona, traumas ou obsessões- compulsões). Segundo diversos investigadores, caso os sujeitos consigam controlar a ativação sexual, podem aprender a controlar o comportamento sexual desviante, de forma a evitar os crimes sexuais (Vieira, 2011).

O estudo realizado por Quinsey (1984) refere que há uma ligação entre os centros neuronais da agressão e da atividade sexual, onde a violência pode derivar das condições genéticas dos sujeitos. Todavia, resumindo esta perspetiva, a explicação dos crimes sexuais centra-se nos aspetos biológicos associados ao comportamento sexual de cariz agressivo.

1.1.2. Perspetiva Comportamentalista

Segundo esta perspetiva, o sujeito ao vivenciar práticas sexuais desviantes, estas podem dar origem a atividades sexuais distorcidas, onde a fantasia e a masturbação assumem um papel importante. Este desvio sexual deriva do condicionamento clássico,

do condicionamento operante ou da aprendizagem por modelagem (Rebocho, 2007 cit. in Balaias e colaboradores, 2012).

1.1.3. Perspetiva Cognitiva

Segundo a perspetiva cognitiva, os pensamentos negativos que o ofensor tem sobre si e sobre os outros, originam visões distorcidas da vida, que irão possibilitar o aparecimento da racionalização, justificação bem como, a minimização dos atos praticados (Balaias *et al.*, 2012).

1.1.4. Perspetiva da Aprendizagem social

Esta perspetiva explica a pertinência de certos fatores como as fantasias, a ansiedade e ativação sexual em relação a estímulos inapropriados, como relevantes para a adoção de condutas sexuais ofensivas. Nesta abordagem, o sujeito não consegue lidar adequadamente com as situações pelo facto de inexistir competências sociais e sexuais (Vieira, 2011). Na perspetiva da aprendizagem social, a agressão é aprendida com base na imitação e sustentada através do reforço. Assim sendo, a violação sexual é um comportamento agressivo que é aprendido, onde o sujeito observa atos reais ou imagens que não são punidas, provenientes dos *media* (Maria, 2004 cit. in Balaias *et al.*, 2012).

Para além do exposto, Maria (2004) considera que a violação é um comportamento motivado pela sexualidade, resultando das influências culturais, das experiências resultantes das atitudes, dos estereótipos dos papéis sexuais e de outros processos que ligam a socialização masculina à agressão física e ao ato sexual (cit. in Balaias *et al.*, 2012).

1.1.5. Perspetiva Psicanalítica

Nesta perspetiva, o comportamento sexual surge como um prosseguimento da sexualidade infantil, sendo que, as crianças assumem uma função defensiva de forma a evitarem a ansiedade proveniente da frustração (Vieira, 2011). Para Freud, os comportamentos de agressão sexual são também uma manobra defensiva que resultam de perturbações de personalidade, onde as fantasias sexuais da infância são gratificadas através do crime (Blackburn, 1994 cit. in Vieira, 2011). De acordo com a perspetiva psicanalítica, os comportamentos sexuais desviantes são encarados como estruturas

cognitivas defensivas, representando o trauma que o indivíduo passou na infância, ao nível da identificação com o agressor e o seu desejo de vingança.

Para Groth e Burgess (1977), nos comportamentos sexuais desviantes, estão presentes aspetos como a raiva, a necessidade de obter controlo e poder, aquando do cometimento do delito. Outros autores defensores das abordagens psicodinâmicas defendem que existem fatores influenciadores dos atos sexuais de cariz ofensivo, nomeadamente, a hiperlibidinização inata, a sedução na infância ou experiências traumáticas, visto que, estão na base das agressões sexuais (Blackburn, 1993)

Na visão de Flora (2011) existe uma estrutura deficitária do ego, onde prevalece sentimento de inadequados do agressor e ainda a importância da ansiedade e o desenvolvimento de perversões, que faz com que o sujeito tende a escapar para a agressividade, pensamentos e sentimentos sexuais (Rebocho, 2007 cit. in Balaias *et al.*, 2012).

1.1.6. Perspetiva Sociocultural

Nesta perspetiva, os fatores culturais revelam-se cruciais para o sujeito desenvolver um determinado conjunto de comportamentos e inibir outros, o que pode ser explicativo dos comportamentos sexuais. Exposto por outras palavras, Rebocho defende que “*em cada cultura, a estrutura do poder vigente define o que é sexualmente aceitável ou não*” (2007, p.40 cit. in Vieira, 2011, p.401).

Esta visão tem fomentado o desenvolvimento de uma perspetiva feminista, onde alguns defensores transformaram a imagem que a sociedade tinha deste fenómeno e especificamente das vítimas, como sendo em parte responsáveis pelo crime de que foram alvo, referindo que o crime de violação surge para expressar o poder ao nível dos relacionamentos entre homens e mulheres, no seio da sociedade (Vieira, 2011). Nesta lógica, os crimes de violação fazem uso da força, havendo uma conexão entre a masculinidade, o poder e a superioridade. Assim sendo, os defensores desta teoria afirmam que a violação depende do contexto cultural onde os sujeitos se encontram, e as suas crenças e atitudes vão ser fomentadoras ao poder exercido entre homem e a mulher (Blackburn, 1994 cit. in Vieira, 2011). As feministas consideram que tem havido uma intensificação de comportamentos brutos dos homens para as mulheres,

especificamente em filmes e ainda, têm demonstrado que os homens que se expõem à pornografia violenta são mais agressivos com as mulheres, em comparação com outros indivíduos (Maria, 2004 cit. in Balaias *et al.*, 2012).

1.2. Modelos Teóricos da Agressão Sexual

Os modelos teóricos aqui apresentados são distintos das perspectivas teóricas uma vez que tentam explicar o fenómeno, considerando diversos fatores e não um único, em exclusivo. As congregações de variados modelos explicativos sobre ofensas sexuais, por si só revelam-se fundamentais à compreensão dos próprios agressores sexuais. Deste modo, especialistas em ofensores constataram que existe uma variedade de apresentações clínicas de pessoas que se dedicam à sexualidade coerciva.

Diversos modelos etiológicos multifatoriais da agressão sexual foram concebidos com o intuito de explicarem os comportamentos sexuais coercivos em relação às mulheres e às crianças. Nos modelos explicativos direcionados para as mulheres e para crianças, as fantasias sexuais e os comportamentos desempenharam um papel mediador, prevendo a frequência do comportamento coercivo. Por fim, os autores Casey, Beadnell, e Lindhorst (2009) comprovam a relevância das componentes da sexualidade e da delinquência para prevenir o comportamento sexualmente coercivo na idade adulta (cit. in Wilson, 2011).

Na visão dos autores Bond & Evans (1967), os comportamentos desviantes são resultado de uma preferência sexual desviante (cit. in Wilson, 2011).

Estes modelos consideram diversos fatores explicativos e ainda dimensões não sexuais, tais como, aptidões para a gestão de emoções negativas, capacidade de resolver problemas e perturbações de personalidade, sendo que, os défices provenientes dos fatores constituem barreiras a um normal funcionamento do sujeito, que se traduz em stresse e que pode despoletar comportamentos sexuais desviantes, sobretudo nos sujeitos que apresentam uma propensão para agir desta forma (Ward, Hudson e Keenan, 1998 cit. in Wilson, 2011).

1.2.1. Taxonomia de Knight e Prentky

Sensivelmente nos anos 90, os autores Knight e Prentky elaboraram uma abordagem de cariz multidimensional, propondo um sistema de classificação de nove

tipos de violadores, onde cada tipo é assinalado por critérios bastante específicos que os distinguem dos demais. A este sistema os autores denominaram de MCT:3-*Massachusetts Treatment Center: Revised Rapist Typology*, usualmente empregada em contextos clínicos e forenses (cit. in Pereira, 2007). Os autores tentaram organizar os ofensores sexuais, de acordo com as suas características, classificando-os em nove categorias distintas: oportunista com elevadas competências sociais; oportunista com reduzidas competências sociais; universalmente enraivecido; sádico sexual manifesto; sádico sexual com elevadas competências sociais; não sádico sexual com elevadas competências; vingativo com reduzidas e moderadas competências sociais. Para Knight e Prentky, as baixas e altas competências sociais estão relacionadas com o estado civil (casado ou solteiro) a sua independência financeira e as competências nos relacionamentos interpessoais (cit. in Pereira, 2007).

Desta forma, a Parafilia Coerciva tenta lidar com essas distinções, concentrando-se especificamente, no fenómeno da sexualidade coerciva, como uma condição executável.

1.2.2. Tipologia de Groth, Burgess e Holmstrom

Os autores criaram uma tipologia de agressores, distinguindo a violação por poder e por raiva. Na violação por poder, o agressor pretende com a sua conduta exercer alguma forma de poder e controlo nas suas vítimas, recorrendo à intimidação, força física, armas ou ameaças à integridade física (cit. in Patherick, 2014). Dado que os sujeitos apresentam sentimentos confusos e inadequação sexual, encontram no ato sexual forçado uma forma de afirmação e validação pessoal. Os autores consideram que o agressor possui comportamentos ansiosos, compulsivos, fantasiados e repetitivos (cit. in Pereira, 2007).

Destacaram dois subgrupos deste tipo, especificamente, o violador por asserção do poder e o violador por validação do poder. No primeiro, a violação é encarada como uma expressão da sua masculinidade, controlo e domínio sobre a vítima, onde o ato em si, constitui em parte, o reflexo dos sentimentos de desadequação, identidade e autoestima do agressor, encontrando-se o seu juízo crítico alterado, levando-o a acreditar que é detentor do direito de tomar a mulher para fins sexuais (cit. in Pereira, 2007). Para Rossmo, (2000) este violador selecciona as suas vítimas através da sua observação, atacando-as de surpresa, de noite ou de madrugada (cit. in Mendes,

2014). Por outro lado, o violador por validação do poder, executa as agressões sexuais como forma a impedi-lo de pensar sobre os seus problemas ou sentimentos sexuais. No fundo, o ofensor pretende que a mulher fique numa situação sob o seu controlo, em que ela se sinta indefesa e sem fuga possível e não possa resistir ao interesse expresso pelo ofensor (cit. in Pereira, 2007).

O violador por raiva, expressa comportamentos de fúria, desprezo e ódio pela vítima, com o recurso à força física e agressividade. O ataque pode assumir contornos mais sádicos, e está relacionada com situações precoces de rejeição. É um indivíduo que demonstra fraca consideração sobre o sexo oposto e tem um longo historial de conflitos com mulheres. A satisfação sexual alcançada é reduzida. Esta categoria subdivide-se em dois tipos, respetivamente, o violador por raiva-retaliação (a agressão sexual é uma forma de expressar a sua raiva, fúria e hostilidade para com as mulheres) e o violador por raiva-excitação (onde o sofrimento dos outros constitui uma fonte de excitação sexual, sendo o seu comportamento classificado como sádico) (cit. in Pereira, 2007).

1.2.3. Modelo de Abel, Becker e Cunningham-Rathner

Visto como um dos primeiros modelos teóricos, criado por Abel e colaboradores (1984), baseia-se na teoria da aprendizagem social e refere que o desenvolvimento normal dos rapazes permite que aprendam a inibir a excitação sexual inapropriada, tendo em consideração os estímulos socialmente desadequados. Assim sendo, alguns indivíduos falham a tarefa da aprendizagem de inibição da sua excitação, o que os levam a desenvolverem crenças não usuais e comportamentos vistos pela sociedade como desajustados, e que irão manter em idade adulta, caso não haja uma reprovação por parte de outros significativos.

Na fase da adolescência, os jovens têm noção das suas preferências sexuais desviantes, que não vão de encontro às expectativas pela sociedade, desenvolvendo assim, distorções cognitivas para lidarem com estas situações. A presença de distorções cognitivas é reforçada pela masturbação e os mesmos autores salientam também, que este modelo vê as distorções cognitivas como facilitadoras dos comportamentos abusivos, mantendo-as e tornando-as mais enraizadas no sujeito.

1.2.4. Modelo de Compreensão da Agressão sexual de Marshall e Barbaree

Trata-se de um modelo multifatorial sobre as agressões sexuais, para tentar explicar o desenvolvimento e manutenção do comportamento sexual violento (Marshall & Barbaree, 1990). Este modelo explica que existe uma tarefa desenvolvimental crítica que ocorre na adolescência, ao nível dos impulsos agressivos sexuais, bem como da capacidade do sujeito de controlar os comportamentos agressivos durante os atos sexuais (cit. in Vieira, 2011).

Estes autores defendem que a vulnerabilidade do sujeito para cometer determinado tipo de ofensas sexuais varia consoante a resiliência do próprio, e esta faz com que o sujeito resista aos impulsos para praticar ofensas sexuais. Ainda, a violação e abuso sexual de crianças são fruto da interação de diversos fatores, tais como os processos biológicos, as tarefas desenvolvimentais, as questões culturais, as atitudes sobre a sexualidade, as questões de género e a vulnerabilidade psicológica inerente a estes fatores (cit.in Vieira, 2011).

Para se analisar os comportamentos de agressão sexual, deve-se ter em conta vários aspetos, como os fatores biológicos, o fracasso da inibição, as atitudes socioculturais, a pornografia, o contexto, as distorções cognitivas e as circunstâncias oportunas. Assim sendo, os aspetos biológicos revelam-se importantes para se entender o fenómeno da agressão sexual. Na visão dos autores do referido modelo, estes evidenciaram a pertinência da necessidade do jovem conseguir aprender a inibir estas tendências agressivas e de ajustar as suas necessidades sexuais às regras sociais, optando por práticas sexuais e parceiros adequados. Nas situações em que não há separação da agressividade da sexualidade, pode surgir o comportamento sexual agressivo.

A literatura menciona o fracasso da inibição como relacionada com as ofensas sexuais, onde identifica-se vários fatores que explicam uma aprendizagem reduzida por parte dos violadores na inibição dos comportamentos sexuais agressivos (Barbaree & Marshall, 1991). Nesta lógica, os aspetos suprarreferidos surgem no início do comportamento sexual agressivo, sendo reforçado de forma positiva ou negativa, visto que, o indivíduo irá desenvolver racionalizações do seu comportamento agressivo, através de cognições, de forma a legitimar e mantê-las. Assim, as crenças e distorções cognitivas desenvolvidas pelos agressores sexuais irão inibir os controlos internos das suas condutas e agressão sexual, possibilitando a racionalização da sua agressividade

sexual, facilitando a ocorrência desse comportamento em variadas situações. Também a pornografia é considerada um aspeto desinibidor dos sujeitos, originando comportamentos agressivos, reforçando a prática sexual desviante. Ainda, as circunstâncias precipitantes de vida são referenciadas como um fator que influencia as condutas agressivas sexuais. A oportunidade surge como aspeto crucial pelo facto da vítima se encontrar disponível, sendo facilitador ao cometimento do crime (Marshall & Barbaree, 1990).

Para Marshall e Barbaree (1990), os sujeitos que no seu dia-a-dia, experienciam tarefas desenvolvimentais conturbadas, não desenvolvem as competências e ou capacidades adequadas para lidarem com as situações de vida, apresentado assim dificuldades em lidar com a sexualidade. Neste sentido, indivíduos que apresentam emoções negativas causadas pela rejeição, tende a superá-las através de fantasias sexuais desadequadas, que poderão originar agressividade, onde os sujeitos satisfazem as suas necessidades psicológicas com base no comportamento sexual, e a própria atividade sexual funcionaria como fora de exporem o seu poder no outro e aliviar a tensão consolidando a sua noção de masculinidade.

Modelo de Inibição da Coerção Sexual de Barbaree e Marshall

Os autores Barbaree e Marshall (1991) elaboraram o Modelo de Inibição da Coerção Sexual para explicar a maior excitação sexual masculina durante as violações. O Modelo providencia uma explicação exequível para os resultados da Pletismografia Peniana (Knight, 2010). Estes autores formularam dois grupos distintos, que congregam subtipos. Por um lado, no modelo de controlo da resposta, a capacidades de suprimir a excitação estava patente em sujeitos sexualmente agressivos, que diferiam dos sujeitos não agressivos, dada a sua incapacidade para conter sentimentos de excitação; na compatibilidade da resposta, os violadores demonstraram similarmente agressividade hostil e excitação sexual, contrariamente à reação de um não violador (cit. in Pereira, 2007). Por outro lado, no modelo do controlo do estímulo, no que diz respeito à resposta ao estímulo, ficou comprovado que os violadores apresentam uma maior excitação a certos estímulos em comparação com os não violadores. Para além disto, no modelo de inibição, os violadores conseguem mostrar menos inibição às descrições de força e de angústia das mulheres do que os não violadores (Bernard *et al.*, 1999 cit. in Patrick, 2005).

“Ao encontro da Experiência vivida dos sujeitos parafílicos coercivos”

Esta parte da investigação procura, sobretudo, apresentar os pressupostos metodológicos essenciais que serviram de base para os resultados obtidos. Assim sendo, perante a inexistência de estudos no âmbito da parafilia coerciva e atendendo à persistente motivação para compreender como os agressores sexuais vivenciam a experiência de cometer atos sexuais de natureza coerciva, com diversas vítimas, surge a oportunidade de executar um estudo que possibilitasse alcançar o objetivo proposto.

Assim sendo, a realização do presente estudo exige a sequência de um percurso metodológico rigorosamente definido e que cumpra os requisitos delineados pelos autores e defensores de métodos de investigação adequados ao mesmo. No fundo, a metodologia empregue é de cariz fenomenológico, tendo como finalidade aceder à experiência vivida de uma pessoa, de forma a entender o seu sentido e significado, alcançando uma finalidade: a sua essência.

1. Acesso ao Fenómeno

Sendo a psicologia uma disciplina humana que tem como finalidade obter respostas sobre as pessoas, a investigação nesta área exige que se compreendam os fenómenos ocorridos de forma não isolada dos sujeitos que os vivenciaram, na globalidade da sua existência, integrando o seu objeto de trabalho as pessoas no seu todo. Assim sendo, para se descrever um certo fenómeno é pertinente a capacidade do sujeito em expor a experiência vivida, de forma autêntica e genuína.

Exposto por outras palavras, este estudo visa descrever e compreender um fenómeno como ele realmente o é, com base na sua essência, ou seja, a experiência de um grupo de participantes bastante específicos, respetivamente parafílicos coercivos. Desta forma, este estudo revela-se uma mais-valia, no sentido que possibilitará obter informações acerca do modo preferencial de excitação sexual destes indivíduos, com diversas vítimas não consensuais, em ocasiões distintas. Importa mencionar, na fenomenologia só se consegue ponderar sobre uma experiência se a mesma for

vivenciada por outros sujeitos que não o investigador, de forma a se conseguir obter uma síntese psicológica das vivências dos indivíduos.

O facto de este grupo ter um modo preferencial e específico de gratificação sexual, vai possibilitar a modificação de informação com base no senso comum em conhecimento científico, bastante pertinente no processo de entendimento de como se vivencia o fenómeno e, não obstante, possibilitará dar a conhecer um diagnóstico psiquiátrico- o da Parafilia Coerciva, que atualmente não é empregue na sociedade, embora a sua relevância em contextos clínicos ou forenses seja extrema.

2. Questão de Investigação

Tendo em consideração a especificidade do tema a investigar, bem como a possibilidade do contacto direto e prático com diversos ofensores sexuais, aliado à curiosidade e interesse persistente que o tema desperta e posterior revisão do estado da arte sobre o tema, surge a crucial necessidade de entender a forma como os agressores sexuais vivenciam diversos atos sexuais coercivos, de forma a se conseguir adquirir e atribuir um significado para as suas experiências, obtendo uma descrição, que envolva emoções, sentimentos e pensamentos sobre a realidade vivenciada e a perceção que têm da mesma, tendo em conta o seu contexto vivencial.

Neste sentido, a questão de investigação a elaborar deve ser clara e acessível, evitando ambiguidades e procurando apenas tentar saber como é vivenciada uma determinada experiência. Deste modo, a questão central desta investigação prende-se na compreensão da *“Experiência da Parafilia Coerciva: Da Coerção sexual à Patologização.”*

3. Objetivo da Investigação

Este estudo surge como uma tentativa de preencher sérias lacunas existentes na atualidade, no que concerne à Investigação qualitativa das experiências vividas dos sujeitos que apresentam uma série de critérios de diagnóstico da parafilia coerciva.

Assim, a fenomenologia aplicada à parafilia coerciva tem como primordial intuito, entender o que significa experienciar um certo fenómeno, descrito pelos sujeitos que o vivenciaram, no âmbito do senso comum (Giorgi & Sousa, 2012), possibilitando desta forma, o desenvolvimento de uma conduta de investigação que visa entender e

compreender a pessoa e o significado do seu ser. Por outras palavras, o presente estudo apresenta como objetivo geral a compreensão da experiência dos sujeitos parafílicos coercivos, no qual o seu modo preferencial de excitação advém da coação, controlo e domínio de diversas vítimas. A compreensão deste fenómeno contribuirá para que se consiga um maior aperfeiçoamento da terminologia até hoje empregue, para categorizar esses mesmos sujeitos.

4. A Abordagem metodológica: da metodologia ao método

4.1. Investigação Qualitativa

Como exposto em parágrafos anteriores, este estudo tem como objetivo explorar a experiência subjetiva e individual dos sujeitos parafílicos coercivos. Assim sendo, a escolha de um método qualitativo, de natureza fenomenológica, surge com elevada acuidade e parece ser o mais adequado tendo em conta o objetivo traçado, visto partir de experiências pessoais dos sujeitos que as vivenciaram, para alcançar de forma implícita ou explícita, o significado psicológico (Groenewald, 2004). Assim, os métodos de pesquisa devem ser seletados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma harmonia com a natureza do fenómeno estudado, como tal, é o próprio fenómeno que dita o método incluindo o tipo de sujeitos a participar (Groenewald, 2004).

Holanda (2002) menciona que a pesquisa qualitativa edificou um avanço significativo para as ciências humanas e preencheu lacunas, que a investigação quantitativa não alcançava “o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais” (p.156, cit. in Andrade & Holanda, 2010).

Nas palavras de McLeod, (2001) a investigação qualitativa tem como finalidade entender com o mundo é construído, reflexão que pode ser considerada sob diversas perspetivas. Para Holanda (2006) os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam os fenómenos, estando estes visíveis ou invisíveis. Esta investigação dá especial saliência às pessoas, às suas experiências e situações, tendo sempre em consideração o facto de os sujeitos serem os únicos capazes

de explicitar os significados intencionais sobre as experiências vividas (cit. in Maracek, 2003).

Todavia, na visão de Creswell (2007) os resultados obtidos em investigações qualitativas têm uma base orientadora, incorporando a experiência dos participantes, a observação feita pelo investigador, a descrição e análise do problema e as propostas de intervenção em relação à literatura.

4.2. A Fenomenologia

O conceito de Fenomenologia nasceu em finais do século XIX e início do século XX, como fundador do movimento fenomenológico, Edmund Husserl (Amatuzzi, 2009), influenciando outras áreas do saber, visto tratar-se de “uma linha de pensamento que extravasou os limites da ação filosófica inicial, permanecendo ativa até aos dias de hoje, não cessando de questionar múltiplos quadrantes da vida intelectual, científica e social” (Giorgi & Sousa, 2010, p.32). Encarada como uma filosofia, ou melhor, como uma ciência dos fenómenos, a Fenomenologia descreve a experiência, tal como se apresenta à consciência dos sujeitos (Silva, 2009).

A Fenomenologia rapidamente influenciou, desde cedo, diversas escolas de Psicologia, nos vários continentes. Assim sendo, as áreas da Psicologia, Psicopatologia, Psicoterapia bem como, a Psicanálise difundiram conceitos teóricos e práticos de cariz fenomenológico (Giorgi & Sousa, 2010).

Todavia, segundo Husserl (1990), a Fenomenologia é definida como uma ciência ou união de diversas disciplinas científicas e, similarmente este conceito designa um método e uma atitude intelectual filosófica (Borba, 2010).

4.3. A Psicologia Fenomenológica

De acordo com Giorgi & Sousa (2010), a Fenomenologia emergiu a partir de um duplo delineamento, ou seja, o de conceber princípios filosóficos que instituíssem um paradigma científico e em simultâneo, mostrar um método que estudasse os processos mentais. Assim sendo, o autor Husserl define a Fenomenologia como “um método original e novo de investigação do puramente mental e, simultaneamente, como um novo tratamento de questões que estão relacionadas com princípios específicos de filosofia, a partir dos quais começou a emergir à superfície, como anteriormente

referimos, uma nova forma de ser científico (um método científico moderno)” (1928/1997 cit. in Giorgi & Sousa, 2010, p.37).

Na visão de Husserl, a Fenomenologia emerge como um sentido duplicado, ou seja, observada por um lado, como fenomenologia psicológica, sendo crucial como ciência radical fundamental para a psicologia, e por outro, como fenomenologia transcendental, que junto com a filosofia, deverá ser a ciência filosófica de onde a filosofia brota (1928/1997 cit. in Giorgi & Sousa, 2010).

Do ponto de vista de Silva, existe uma relação de proximidade entre a Fenomenologia e a Psicologia. Esta aproximação surge com o próprio Husserl, ao criticar a Psicologia enquanto ciência positiva, antevendo uma psicologia de cariz fenomenológico. O autor entende “a necessidade da Psicologia se voltar para a subjetividade como objeto próprio dela, diferenciando-se da ciência clássica, que via na questão da subjetividade um empecilho para o conhecimento” (2009, p.142).

O exercício da fenomenologia envolve a experiência do sujeito, abrangendo a vivência dos processos mentais, estreitamente relacionada a uma corporalidade, a uma proporção física. Assim sendo, para se compreender o objeto de estudo da Psicologia Fenomenológica, é necessário ter em consideração o conceito de *intencionalidade*, encarado como condição imprescindível da consciência (Giorgi & Sousa, 2010).

Segundo Giorgi & Sousa (2010), a intencionalidade é sempre consciência de algo, a própria experiência humana e visa sempre um objeto intencional, (sentimento, fantasia, ou outra coisa), independentemente deste existir ou não, ou seja, mais concretamente, os atos de consciência detêm objetos reais (empíricos) e objetos ideais (não empíricos). Portanto, o objeto de estudo da Psicologia Fenomenológica é a *vivência intencional* dos sujeitos, ainda que, Husserl referisse que existiam experiências não intencionais (dor, náuseas), mencionou que o objeto não consegue ser analisado de modo independente, ou seja, é crucial o seu correlativo subjetivo-o ato de consciência intencional (Giorgi & Sousa, 2010). Assim, a fenomenologia seria a ciência da intencionalidade da consciência (Alves, 1996).

Dois termos, *noesis* (ato intencional, por exemplo a imaginação ou recordação de algo) e *noema* (o objeto como foi mirado de forma intencional, tal como recordando ou imaginando algo) são fundamentais e revelam-se indissociáveis. De acordo com Giorgi & Sousa, “os atos noéticos, enquanto atos intencionais, configuram já um sentido sobre o objeto que é visado, ao qual irão corresponder conteúdos noemáticos. Para

acedermos ao noema, é necessário que distinguir entre o objeto que é visado e o objeto tal como é visado” (2010, p.41).

Neste sentido, a Psicologia Fenomenológica tem como primordial finalidade indagar a experiência direta vivida dos indivíduos, analisando a forma como os objetos são facultados de forma direta à consciência e, como é que é a experiência destes mesmos fenómenos (Giorgi & Sousa, 2010).

Todavia, para Giorgi e Sousa (2010), “a utilização adequada da Fenomenologia, no âmbito de investigação qualitativa em Psicologia (...), requer um esforço de mediação. Importa manter um rigor na utilização de conceitos fenomenológicos e, simultaneamente, aplicar algumas transformações que coloquem a Fenomenologia como metodologia adequada a uma prática específica: a Psicologia” (p.17).

4.4. Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia

De acordo com os autores Giorgi & Sousa (2012), o método fenomenológico de investigação no âmbito da Psicologia incorpora certas configurações teóricas que devem ser consideradas de forma a obter o conhecimento dos fenómenos humanos, de forma suscetível e aplicada por diversos investigadores. Assim, o método aplicado à Psicologia é principiado com base na aquisição das **Descrições** das experiências de outros sujeitos, analisando desta forma as mesmas, ao invés das dos investigadores (Giorgi & Sousa, 2012). A descrição pretende na visão de Fernandes (2012), expor as características de um determinado fenómeno, descrevendo-o como ele é, tendo como finalidade o alcance da sua essência.

A Descrição está estreitamente relacionada com a perceção do sujeito que experiencia o fenómeno, descrito de forma inata, objetiva e fidedigna sobre o que foi vivido e percecionado (Carvalho & Valle, 2002). Posteriormente, na fase de análise, cabe ao investigador atribuir um significado psicológico às descrições dos sujeitos que integram a amostra, sendo que, estes significados não surgem diretamente pelos indivíduos da investigação (Giorgi & Sousa, 2012).

De seguida, após reunidas as descrições da amostra, o segundo passo é desenvolver a **Redução Fenomenológica ou Epoché**. A redução é definida pelo processo que mira o fenómeno como este é na sua essência, suspendendo assim qualquer juízo/ interferência de valor que possa ser formado, respeitante ao fenómeno. De acordo com Giorgi & Sousa (2012), “o sentido da redução fenomenológica-

psicológica é de que os objetos e as situações, i.e. tudo o que surge à consciência dos sujeitos, passam pela redução, mas não os atos da consciência, aos quais esses objetos e situações estão correlacionados” (p.76).

Todavia, o uso dos conceitos supramencionados cabe ao investigador e não aos sujeitos da investigação, uma vez que as informações disponibilizadas pelos mesmos são com base no senso comum, e não através de conhecimentos sobre o método de investigação (Giorgi & Sousa, 2012).

O último passo, a **Variação Livre Imaginativa**, dá a possibilidade de alterar aspetos de um fenómeno, como intuito de verificar se o mesmo se mantém identificável, de forma a alcançar uma estrutura global ou síntese dos significados psicológicos (Fernandes, 2012). A mesma ideia é partilhada por Giorgi & Sousa (2012), onde estes autores defendem que o objetivo deste passo consiste na procura da essência do fenómeno. No fundo é uma síntese significativa daquilo que os sujeitos vivenciaram, uma generalização dos resultados da investigação.

Contudo, na visão de Creswell (1998), o método fenomenológico constitui-se numa abordagem descritiva, partindo do pressuposto de que se pode deixar o fenómeno falar por si, com a finalidade de alcançar o sentido da experiência vividas de vários sujeitos, sobre um determinado fenómeno, visto estarem aptos a fornecer uma descrição compreensiva da experiência em questão, com a finalidade de aceder a uma estrutura essencial, o seu “significado central” (Holanda, 2006).

4.4.1. Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi

Dos diversos métodos de cariz fenomenológico concebidos, verifica-se que o método desenvolvido por Amedeo Giorgi é utilizado em grande parte, nos estudos fenomenológicos, nos contextos de saúde, especificamente, na área da psicologia fenomenológica (Fernandes, 2012). Importa essencialmente a descrição de um fenómeno e a aplicação do método de Giorgi é apropriada, dado que “o método é descritivo, pressupõe a aplicação da redução fenomenológica, pesquisa a essência do fenómeno, através de uma análise eidética, e presume uma relação intencional entre o sujeito e objeto” (Giorgi & Sousa, 2010, p.13). Assim sendo, de acordo com Fernandes (2012), o objetivo é o de estudar o sentido da experiência dos sujeitos, tendo por base uma conduta científica, metodologicamente sólida, e respeitando a sua verdadeira especificidade.

O método fenomenológico segundo Amedeo Giorgi exige o cumprimento de uma série de condições. É necessário a **Recolha de Dados**: os dados podem ser recolhidos através de depoimentos escritos diretos pelos sujeitos que a vivenciaram ou com base numa entrevista (Giorgi & Sousa, 2012), ou por outras palavras, através de relatos autobiográficos (podem ser orais ou escritos) e a observação participante, de forma pormenorizada e fidelizada (Fernandes, 2012). A amostra ideal para este método é a variação máxima da amostra, ou seja, procurar sujeitos que passaram pela mesma experiência, embora com características demográficas distintas (Langridge, 2007). Após a obtenção dos dados e a transcrição na íntegra (*ipsis verbis*) das descrições dos sujeitos, o protocolo está pronto para ser cuidadosamente analisado. A metodologia fenomenológica de Giorgi em si é constituída por quatro passos distintos:

1)Leitura Geral da Descrição – uma leitura apropriada dos dados recolhidos é crucial para uma análise posterior, permitindo, desta forma, estabelecer o sentido geral dos mesmos, ou seja, pretende-se somente uma compreensão geral das descrições dos sujeitos, obtendo assim, um sentido da experiência na sua totalidade (Langridge, 2007). Aqui, o investigador deve ler e reler as vezes que considerar pertinente para encontrar a essência do fenómeno em estudo.

2)Determinação das Partes: Divisão em Unidades de Significado – Depois da leitura, de forma a apreender o sentido geral dos dados, torna-se fulcral retomar o texto, desta vez, com o objetivo de especificar “unidades de significado/sentido”, tendo em consideração a linguagem do participante, não descurando o sentido que o próprio sujeito atribui ao que diz. Também estas unidades serão discriminadas de acordo com a perspetiva que interessa ao investigador, neste caso, a de natureza Psicológica (Giorgi & Sousa, 2010).

3)Transformações das Unidades de Significado em Expressões de caráter Psicológico – As unidades de significado são exploradas de forma a explicar o seu valor, utilizando assim, termos especializados (Fernandes, 2012). Por outras palavras, e na visão de Giorgi & Sousa (2010), ao se aplicar a redução fenomenológica e a análise eidética, a linguagem utilizada pelos sujeitos (senso comum) sofre modificações, no sentido de discriminar expressões que têm como finalidade clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dos sujeitos que as vivenciaram.

4)Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos – Considerado o último momento, no qual faz-se uso da *variação livre imaginativa*, transformando as unidades de significado em unidades essenciais, com base no fenómeno em estudo, apresentando assim, uma estrutura de descrição geral. Assim, em consonância com Giorgi & Sousa (2010), a estrutura geral congrega o sentido das unidades de significado, que previamente foram transformadas em expressões psicológicas. Provavelmente serão usados termos que não surgem nas unidades de significado, de forma, a articular e descrever a estrutura final.

Do ponto de vista de Giorgi & Sousa (2010), cada passo descrito anteriormente, é um refinamento do passo anterior, levando neste sentido, à determinação da estrutura geral dos significados, sendo então, vista como uma sinopse das unidades de significado psicológico.

5. Método

5.1.Participantes

Os participantes deste estudo foram selecionados tendo em conta o contributo que poderiam evidenciar para a presente investigação, visto serem os únicos aptos a descrever a experiência vivenciada, falando de forma legítima sobre a mesma, e partilhando-a com o investigador. Desta forma, o método de seleção da amostra teve em consideração uma pluralidade de critérios de inclusão, sendo pertinente para o estudo considerar:

- Adulto do sexo masculino, com idade igual ou superior a dezoito anos;
- Agressor sexual que esteja acusado por um crime sexual, não sendo necessariamente considerável que o mesmo tenha sido preso por este crime, embora precise, estar envolvido em processos judiciais;
- Aceitar de forma voluntária a sua participação na investigação, depois de receber informações sobre o objetivo do estudo, da metodologia utilizada, bem como, da garantia do anonimato e o direito do sigilo em relação aos dados obtidos e da possibilidade de desistir, quando assim o entender.

A amostra final contou com quatro participantes, todos do sexo masculino, de nacionalidade portuguesa e angolana, ambos residentes em Portugal. A média das idades situa-se nos 30,75 anos e as idades estão compreendidas entre os 23 (mínimo) e

os 35 (máximo). Os dados sociodemográficos mais relevantes dos participantes do estudo encontram-se na Tabela 1 e foram recolhidos aquando da realização das entrevistas individuais.

Tabela 1
Dados Sociodemográficos dos Participantes

Código	Idade	Sexo	Nacionalidade	Estado civil	Escolaridade
P1	35	Masculino	Portuguesa	Solteiro	Licenciatura
P2	37	Masculino	Angolana	União de facto	Secundário
P3	28	Masculino	Portuguesa	União de facto	Secundário
P4	23	Masculino	Angolana	Solteiro	Secundário

5.2. Instrumentos

A recolha de dados só foi possível através do uso da *Paraphilic Coercive Disorder Check-list*, cujo documento se encontra em Anexo A, para consulta. Tendo em conta a finalidade do estudo, foi aplicado um Guião de Entrevista, disponível em Anexo B e respetiva Carta de Consentimento Informado, no Anexo C. Salienta-se que todos os documentos descritos foram apresentados no Seminário de Dissertação e aprovados pelo Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues.

5.2.1. *Paraphilic Coercive Disorder Check-list*

Como referida em parágrafos anteriores, a *Paraphilic Coercive Disorder Check-list*, (PCDC) elaborada em 2010, pelos autores Gary Zinik e Jesus Padilla, é considerada a única medida concebida com o intuito de diferenciar sujeitos com o diagnóstico de parafilia coerciva de outros tipos de agressores sexuais. Para se construir a escala suprarreferida, os autores basearam-se numa amostra nacional de 121 agressores sexuais, apesar de, a validade empírica da lista final, nunca ter sido verificada. Este instrumento foi construído para ser utilizado com sujeito adulto, do sexo masculino, considerado agressor sexual, que tenha sido acusado ou condenado por um crime de cariz sexual. Desta forma, o sujeito pode ter estado oficialmente acusado de um crime

sexual ou envolvido em processos judiciais, não sendo necessário que este tenha recebido uma condenação (*cit. in* Watson, 2013).

A PCDC é composta por dezoito itens, que se distribuem em cinco domínios teóricos, respetivamente:

1) Persistência de Agressões Sexuais, composta por cinco itens (1.número de vítimas dos atos sexuais coercivos; 2.total das ocasiões em que houve condenação devido a crimes sexuais coercivos; 3. reincidência rápida/ nova ofensa sexual coerciva um ano depois da sanção/ libertação devido à agressão sexual coerciva anterior; 4.história de atos sexuais coercivos enquanto menor ou adulto; 5. comportamentos sexuais coercivos recorrentes durante um período de pelo menos 6 meses);

2) Planeamento Avançado, composto por quatro itens (6. evidência de kit de violação; 7.vídeo ou gravação de áudio de atos sexuais coercivos; 8.Andar de carro ou a passear à procura de vítimas; 9. qualquer planeamento prévio ou premeditação antes de cometer atos sexuais coercivos);

3) Correlatos Comportamentais, composto por cinco itens (10.sinais físicos de excitação (ereção, ejaculação) durante o sexo coercivo; 11.comete atos sexuais coercivos apesar de existir um parceiro sexual consensual disponível; 12.comete atos sexuais coercivos com uma ampla gama de tipos de vítimas, incluindo dois ou mais dos seguintes: homem, mulher, criança, adolescente, adulto, idoso, deficiente; 13.rituais estereotipados, padrões de comportamento repetitivos, *modus operandi* durante o sexo compulsivo como se estivesse a encenar guiões; 14. coleciona e guarda objetos da vítima para recordação);

4) Desvio Sexual, composto por dois itens (15. Ler, visualizar ou escrever pornografia com temas sexuais coercivos; 16. reporta impulsos sexuais coercivos ou fantasias com masturbação);

5) Itens Contraindicados, composto por dois itens (17. Cessa do sexo coercivo quando a vítima chora ou grita; 18.perde ereção quando a vítima reclama ou resiste) (*cit. in* Watson, 2013).

De relevar, que em catorze dos dezoito itens da PCDC, o indivíduo pode obter uma pontuação bruta, de 0 ou 1. À exceção dos dois primeiros itens (questão número 1 e 2 da referida check-list), onde o agressor pode atingir uma pontuação entre 0 e 2, todas

as outras questões são respondidas de forma dicotômica, com um “Sim” ou “Não” (0=NO, 1= YES ou -1=Ausente). Os itens finais da check-list (17. Cessa do sexo coercivo quando a vítima chora ou grita; 18. perde ereção quando a vítima reclama ou resiste) contra indicam a parafilia coerciva, onde a pontuação sucede entre o -1 e 0. Após o preenchimento de toda a PCDC, os 18 itens são somados a fim de se obter uma pontuação (que vai desde -2 a 18), e posteriormente, transformada numa pontuação final, traduzindo assim os valores em níveis de gravidade. Ou seja, se um determinado sujeito obtiver uma pontuação de -2, “**Não há Parafilia Coerciva Detetável**”; entre -2 a 4 pontos traduz-se em “**Parafilia Coerciva Improvável**”; entre os 5 e 8 pontos são indicativos de “**Parafilia Coerciva Moderada**” e por fim, uma pontuação entre 9 e 12 apontam para a existência de uma “**Parafilia Coerciva Grave**”.

5.2.2. Entrevista em Profundidade

Diversos autores (Salvador, 1980; Ribeiro, 2008) consideram que a técnica de entrevista tem recebido grande relevância nas últimas décadas, visto ser um instrumento de grande uso, nas áreas das ciências sociais e psicológicas, para se aceder a determinados fenómenos fornecidos pelos sujeitos (*cit. in* Júnior & Júnior, 2011).

Para Hutchinson e Wilson (2007), as entrevistas implicam um processo de recolha de dados relativos a sentimentos, experiências e comportamentos pessoais, que são analisados, numa fase posterior.

Na visão de Giorgi e Sousa (2010), a entrevista fenomenológica não visa simplesmente na “...aplicação de um instrumento de recolha de dados diferente, reflete, em si mesmo, uma conceção diferente de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a ação humana” (p. 80).

A aplicação de entrevistas em profundidade na pesquisa qualitativa recebe especial destaque dado que, as informações obtidas são ricas no seu conteúdo e são aquelas que apresentam grande flexibilidade e utilidade, possibilitando ao entrevistado a construção de respostas, de uma forma livre. Estas entrevistas são mais adequadas em situações em que não existe muita informação sobre o fenómeno estudado ou onde percepções minuciosas são necessárias a partir de pontos de vista individuais (Oliveira, Martins & Vasconcelos, 2012).

No presente estudo, utilizou-se a entrevista em profundidade, considerada útil para apreender uma realidade, quer para se abordar situações do foro íntimo do

entrevistado, quer para descrever processos complexos nos quais o sujeito esteve envolvido. As entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, dando a possibilidade de o entrevistador e o entrevistado divergirem, a fim de obter uma resposta mais detalhada.

Tendo em consideração que, por vezes, o discurso do participante torna-se repetitivo ou descontextualizado, houve a necessidade de se criar previamente um guião de entrevista (Anexo B), servindo de orientação ao entrevistador. Apesar de se recorrer sempre que se considerasse necessário, ao guião de entrevista, houve momentos que exigiram a colocação de questões simples e objetivas, com a finalidade de recentrar a atenção dos participantes ou de possibilitar a continuidade de um pensamento reflexivo, imprescindível para se compreender o fenómeno.

5.2.3. Considerações Éticas

A concretização de qualquer trabalho científico exige o cumprimento de um conjunto de princípios éticos, no sentido de proteger o participante do estudo, sendo necessário a elaboração da Carta de Consentimento Informado (Anexo C). No fundo, este documento deve conter a identificação do investigador e assinatura do participante, como forma de garantia do seu consentimento. Para além do exposto, deve descrever os procedimentos e a finalidade da investigação, o que se pretende com os resultados obtidos e outras informações pertinentes.

Para além do exposto, importa ressaltar alguns aspetos a ter em conta, nomeadamente, o respeito pela identidade e privacidade dos sujeitos participantes, garantindo assim o anonimato e o sigilo profissional. Para tal, como forma de garantia da preservação da confidencialidade dos dados obtidos, foram atribuídos códigos à amostra, através de letras e números, e todas as referências identificativas foram retiradas. As entrevistas foram realizadas em suporte de lápis e papel, tendo como preocupação, respeitar a veracidade na descrição e análise dos dados. Foram ainda esclarecidas todas as dúvidas referentes à realização do trabalho, procurando a participação voluntária dos indivíduos.

5.3.Procedimento

Para a realização do estudo, solicitou-se por meio de um ofício, a autorização à Direção Regional de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), em específico, a dois

estabelecimentos prisionais, o Estabelecimento Prisional de Lisboa e o Estabelecimento Prisional da Carregueira, de forma a possibilitar quer o acesso aos processos individuais de utentes, quer a realização de uma entrevista individual. A recolha da amostra decorreu de Abril a Junho de 2015.

Deste modo, a adoção destes procedimentos tiveram como intuito primordial obter uma amostra bastante específica, ou seja, sujeitos que reunissem o maior número de critérios de inclusão do diagnóstico da parafilia coerciva, amostra crucial à realização da presente investigação.

Num primeiro momento, foram analisados os processos dos sujeitos acusados de violação sexual, (de acordo com o artigo 164º do Código Penal), onde continham informações relativas aos dados biográficos, informações da cena do crime e *modus operandi*, e similarmente, aplicou-se a check-list, com o intuito de selecionar a amostra. Foram descartados todos os sujeitos que não reuniam a totalidade dos itens definidos para a seleção da amostra, para se considerar, pelo menos, a existência de uma parafilia coerciva moderada.

Assim sendo, a segunda fase do estudo consistiu numa análise mais aprofundada dos processos individuais e de seguida, a realização de uma entrevista individual com cada sujeito. As entrevistas foram realizadas em suporte de lápis e papel, com a devida autorização dos participantes, tendo a duração média de uma hora e meia. Como referido anteriormente, com a finalidade de preservar a confidencialidade, foram atribuídos códigos a cada participante, salvaguardando assim todas as suas identificações.

Numa fase posterior, as entrevistas individuais foram analisadas à luz das etapas do método fenomenológico de Amedeo Giorgi. Assim, após transcrição das entrevistas em *ipsis verbis* dos participantes, procedeu-se a uma leitura minuciosa da totalidade das entrevistas, de modo a apreender o sentido geral de cada uma. Posteriormente ao entendimento do sentido geral, realizou-se uma nova leitura com a finalidade de dividir cada entrevista em *unidades de significado*. Estas últimas foram transformadas em *unidades de significado de carácter psicológico*, incluindo comentários que resumem as *unidades de significado psicológico*.

Salienta-se, que houve um esforço redobrado por parte do investigador, no sentido de ser fiel no processo de transcrição minuciosa das entrevistas e análise rigorosa do seu conteúdo.

6. Resultados

6.1. Análise dos Resultados

Com este capítulo pretende-se apresentar os resultados obtidos através da análise da transcrição das entrevistas dos participantes, tendo como ponto de partida a questão norteadora deste estudo. Tendo por base os quatro passos do método fenomenológico de Giorgi, a transcrição das entrevistas (Anexo D) e a transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico (anexo E), estão disponíveis para consulta, na secção dos Anexos. Assim, os resultados serão apresentados com base numa *síntese dos constituinte-chave* comuns aos quatro participantes do estudo, que se encontram expostos na Tabela 2, sendo que, os constituintes essenciais respetivos a cada participante pode ser consultado, em anexo (Anexo F), e no que concerne às *estruturas gerais dos significados psicológicos*, esta pode ser sintetizada através da Figura 1, onde contempla a essência em comum dos relatos das experiências subjetivas dos (quatro participantes) agressores sexuais que vivenciaram diversos atos sexuais coercivos. Ainda a Figura 2, descreve a estrutura final do contexto de reclusão. Também encontra-se patente neste capítulo, a descrição e análise dos *constituintes essenciais* da experiência bem como, as respetivas *variações empíricas*, estando estas últimas disponíveis, na Tabela 3, de forma a se compreender e articular a correlação entre as diferentes unidades.

6.2. Estrutura Final – Quatro Participantes

Tabela 2

Síntese dos Constituintes essenciais dos Quatro Participantes: P1, P2, P3 e P4

Constituintes essenciais dos Participantes
<ul style="list-style-type: none">• pensamento acompanhado de desejo sexual• impulsos incontrolláveis para praticar agressões sexuais• padrão de atuação - <i>Modus operandi</i>• resistência física por parte das vítimas• violações surgem pela necessidade de exercer poder, domínio e controlo nas vítimas• coerção nas vítimas• distorções cognitivas• reincidência

- descoberta dos crimes cometidos
- sentimentos de vergonha
- receio de julgamentos por parte de outros significativos
- acompanhamento Psicológico e psiquiátrico – proporciona mudanças positivas
- necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico para compreenderem certas vivências passadas.

A identificação de diversos constituintes-chave, após análise dos dados dos quatro participantes, constituiu aspetos relevantes, que de acordo com os relatos dos sujeitos, surgiram ao longo das agressões sexuais e em contexto de reclusão. Esta análise permitiu concluir que os constituintes identificados fazem referência a dois momentos distintos, que assumem estruturas diferentes, porém encontram-se interligados. Com o intuito de se entender o significado que os participantes atribuem aos constituintes aqui apresentados, foram retirados exemplos de transcrições das entrevistas de cada pessoa, e os mesmos encontram-se em discurso direto na Tabela 3.

Para os participantes, a entrevista principiou-se com o relato de um primeiro momento, isto é, a exploração das suas vivências passadas, através da identificação dos crimes pelos quais se encontravam condenados, havendo por parte de todos, um destaque para o crime de violação sexual. Deste modo, P1, P2, P3 e P4 mencionam que, previamente a cada agressão havia sempre presente o **pensamento acompanhado de desejo sexual e impulsos incontrolláveis para praticar agressões sexuais**.

Posteriormente, os participantes conseguem contextualizar o início das ofensas sexuais onde fazem referência a um conjunto de procedimentos adotados, que se traduziram num **padrão de agressão – Modus operandi**. De relevar, nestas condutas sexuais, a enorme **resistência física por parte das vítimas**, que não manifestavam interesse no cenário sexual.

Inevitavelmente, para P1, P2, P3 e P4, as **violações surgem pela necessidade de exercer o poder, domínio e controlo nas vítimas**, pelo que consideram a necessidade de **coerção nas vítimas**. Nos relatos dos participantes, foi possível verificar que os seus comportamentos sexuais de índole desviante eram sustentados com base nas **distorções cognitivas**, ou seja, as crenças que formulavam em relação às suas vítimas. Todos salientam que mantinham um período temporal sem praticar agressões sexuais, que começava a esbater-se, até que o pensamento e impulsos sexuais voltavam a invadir a mente dos participantes, havendo assim, a **reincidência** nos comportamentos coercivos.

Um segundo momento relatado pelos participantes remete para o contexto de reclusão, onde fazem referência à **descoberta dos crimes praticados**, ao qual atribuem um significado negativo, promovendo assim **sentimentos de vergonha e receio de julgamentos por parte de outros significativos**. Contudo, já na própria reclusão, os participantes referem como aspeto positivo, o **acompanhamento psicológico e psiquiátrico - proporciona mudanças positivas**, nos vários domínios da sua vida. Pese embora haja a identificação de mudanças positivas, os participantes admitiram a **necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico para compreenderem certas vivências passadas**.

6.3. Análise pós-estrutural

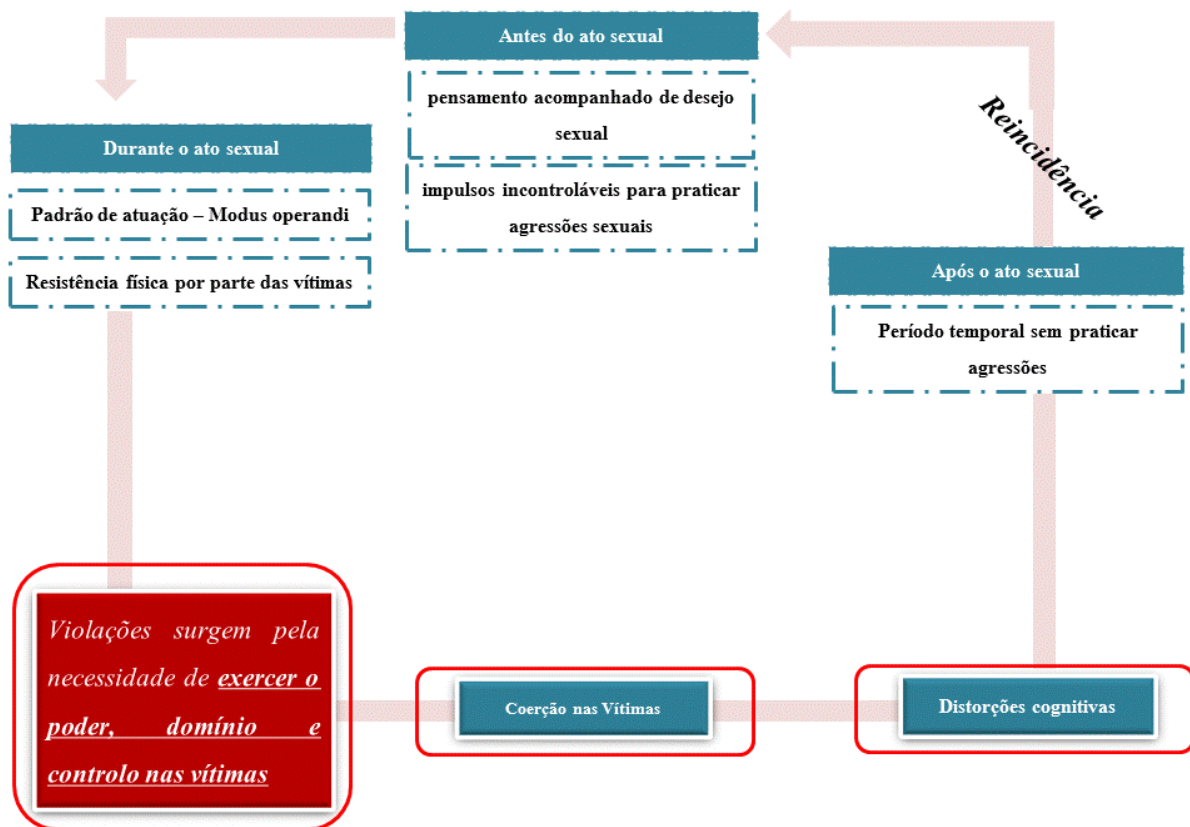


Figura 1 - Estrutura final da Experiência da Parafilia Coerciva

Para os participantes, a entrevista principiou-se com o relato de um primeiro momento, isto é, a exploração das suas vivências passadas, que consideraram como negativas, ou seja, através da identificação dos crimes pelos quais se encontravam

condenados, havendo por parte de todos, um destaque para o crime de violação sexual. Ao se explorar estas vivências passadas, foi evidente que os agressores não definiram o que motivou a prática de tais comportamentos. No entanto, P1, P2, P3 e P4 mencionam que, previamente a cada agressão, havia sempre presente o **pensamento acompanhado de desejo sexual e impulsos incontroláveis para praticar agressões sexuais**, que invadiam a mente dos próprios. Nestes episódios, os participantes assumem que a vontade incontrolável se sobreponha ao raciocínio, havendo assim a passagem ao ato sexual agressivo.

Posteriormente, os participantes conseguem contextualizar o início das ofensas sexuais onde foi percebido por P1, P2, P3 e P4, a presença de um **padrão de agressão – Modus operandi**, pela forma como abordavam ou interagiam com as pessoas envolvidas. A descrição detalhada de um *modus operandi* possibilitou aos participantes a identificação de um conjunto de procedimentos adotados, que se iniciaram através da observação e consequente perseguição das vítimas, sendo frequente em todas as agressões sexuais, a utilização de uma arma. Ainda, a maioria dos participantes (P1, P2 e P4) refere o recurso a um disfarce (gorro), com a finalidade primordial de não serem identificados pelas vítimas. Exposto por outras palavras, pode-se fazer referência ao uso de um “*kit de violação*” por parte dos sujeitos.

Por esta razão, os participantes mencionam uma enorme **resistência física por parte das vítimas**, onde estava expresso que as mesmas não manifestavam o seu consentimento na agressão sexual. Quando as vítimas se encontravam coagidas, procediam ao roubo dos seus objetos pessoais, para com isto, dar continuidade aos seus comportamentos, antecipadamente traçados. Segundo os quatro participantes, a aquisição dos objetos pessoais não tinha uma finalidade em concreto.

Porém, a resistência das vítimas não foi impeditiva à prossecução do crime havendo numa fase posterior, a consumação do ato sexual, com sinais físicos de excitação sexual (ejaculação). Para além destes fatores, os participantes referem o uso constante de ameaças físicas e verbais.

Para os quatro participantes, as **violações surgem pela necessidade de exercer o poder, domínio e controlo nas vítimas**, revelando o acrescido desejo de intimidar e submeter as vítimas às práticas sexuais, como forma de sobrevalorização ou afirmação perante o sexo oposto. No fundo, a **coerção nas vítimas** tinha como finalidade privá-las

da liberdade de escolher não participar na atividade sexual, para que aquelas aderissem às práticas sexuais forçadas e ao local premeditado pelos participantes.

Estes comportamentos sexuais refletem uma excitação sexual desviante subjacente ao sexo forçado, tendo em consideração que, com base nas **distorções cognitivas**, os participantes sustentavam as crenças de que, as vítimas não se encontravam assustadas e manifestavam concordância com a ofensa sexual. Estas distorções cognitivas serviram para demonstrar as crenças implícitas que os participantes têm sobre as suas vítimas, formando as suas próprias interpretações sobre os comportamentos, desejos e atitudes delas. Os participantes distorceram toda a informação percebida, tornando-a coerente com as crenças erróneas e mal adaptativas que possuíam.

Em relação ao espaço temporal das agressões, os participantes identificaram a periodicidade das agressões, onde os crimes sucedem no mínimo, ao longo de seis meses, juntamente com a descrição da totalidade das vítimas. Estes fatores identificados por todos, constituíram-se como aspetos fundamentais para se confirmar a pluralidade dos atos sexuais coercivos, em ocasiões distintas, havendo uma não repetição da mesma vítima. Para além disto, os participantes também referem que mantinham um período temporal sem praticar agressões sexuais, que começava a esbater-se, até surgir novamente, uma vontade de praticar novas agressões sexuais de natureza idêntica às praticadas, havendo assim, a **reincidência** nos comportamentos sexuais coercivos.

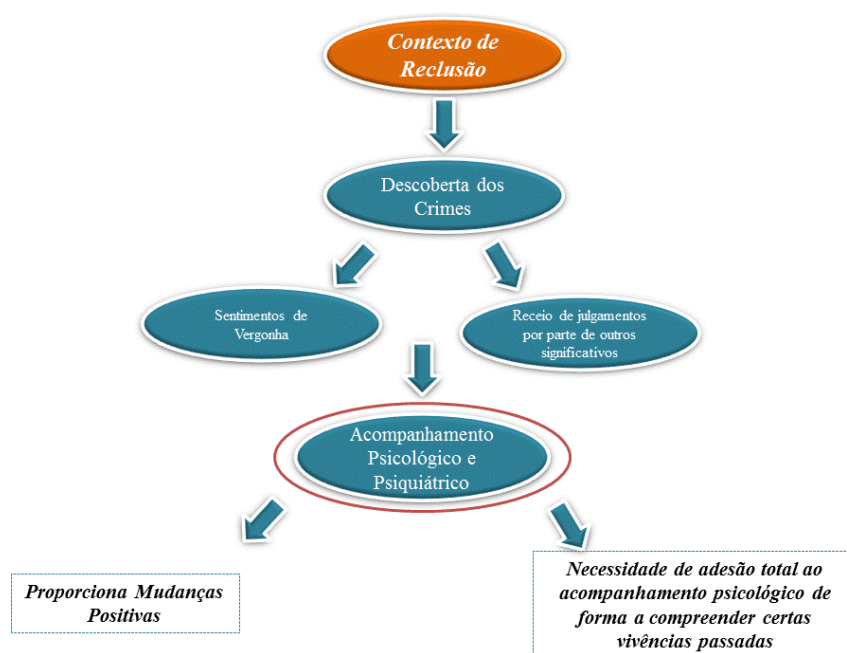


Figura 2 – Estrutura final do Contexto de Reclusão

Um segundo momento relatado pelos participantes remete para o contexto de reclusão, onde estes referem que a **descoberta dos crimes praticados** foi vivenciada de forma negativa (situação de choque), quer pela descoberta quer pela exposição externa das ofensas sexuais, provocando nos participantes **sentimentos de vergonha**, e como consequência direta, um enorme sofrimento pelo **receio de julgamentos por parte de outros significativos**.

Porém, a maioria dos participantes (P1, P2 e P4) refere que permanecia a possibilidade de manter as agressões sexuais, caso não houvesse a descoberta dos crimes praticados e ainda a instauração de um processo judicial.

No que concerne à situação jurídico-penal, os participantes referenciam uma interiorização e aceitação da sua moldura penal, mas, no entanto revelam indefinição caso houvesse a possibilidade de atribuir uma nova condenação. Os quatro participantes destacam como aspeto positivo, a pertinência do **acompanhamento psicológico e psiquiátrico - proporciona mudanças positivas**, identificando como fatores positivos, a satisfação e o bem-estar que os acompanhamentos proporcionam. Ao depositarem uma atitude de confiança nos acompanhamentos, os participantes conseguiram estabelecer um diálogo aberto, expondo assim os seus sentimentos e pensamentos, de forma livre.

De relevar, P1, P2, P3 e P4 mencionam cada vez mais o que sentiam e o que pensavam, sem receios de julgamentos, o que de certa forma possibilitou a exploração das suas vivências positivas e negativas passadas. Associadas à exposição destas vivências, os participantes identificaram um maior sentimento de tranquilidade.

Para finalizar, os participantes consideraram a **necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências passadas**.

Posteriormente, é apresentado um resumo com o uso de uma tabela (Tabela 3) onde se destaca as Variações Empíricas dos Constituintes Essenciais dos Quatro Participantes do estudo.

Tabela 3

Variações Empíricas dos Participantes

Constituintes essenciais	P1	P2	P3	P4
-----------------------------	----	----	----	----

<p><i>pensamento acompanhado de desejo sexual</i></p>	<p>“Antes do ato basicamente sentia um grande desejo...”</p>	<p>“Sim...(silêncio) Eu sentia mais «eu vou experimentar», dava-me uma adrenalina...”</p> <p>“eu ia na rua e via uma rapariga atraente e para dentro de mim dizia «vou ter de fazer alguma coisa a essa»”</p> <p>“aquilo no momento vinha uma coisa de dentro que não conseguia explicar...”</p>	<p>“pode-se falar numa pré-excitação...”</p> <p>“uma espécie de revolta misturada com desejo...”</p>	<p>“Não sei dizer muito bem...explica-se com o sentir, sentir o momento mais do que palavras...”</p> <p>“mas na altura dos crimes, sentia que não me servia de nada não ir atrás delas...que ganhava mais ao levar a minha ideia até ao fim...não pensava nas consequências...”</p> <p>“dava-me aquela grande vontade...”</p>
<p><i>impulsos incontroláveis para praticar agressões sexuais</i></p>	<p>“uma grande vontade de fazer aquilo...”</p>	<p>“eu não conseguia parar... não conseguia controlar...”</p> <p>“Uma espécie de adrenalina... sentia que queria fazer mesmo aquilo, entende?”</p> <p>“não conseguia dormir no momento se não fizesse aquilo...”</p>	<p>“sentia aquele mix de excitação com vontade...uma vontade do tipo “tem de ser”...até ser mesmo...”</p>	<p>“aquilo era uma coisa instintiva, uma coisa do momento...”</p> <p>“Uma certa vontade de as seguir... de as violar...”</p> <p>“fiz isto sem pensar...mas sim, ficava um período sem fazer nada e lidava bem com isto...mas depois a vontade voltava a surgir e aí não havia volta a dar... tinha de violar.”</p> <p>“porque aquilo era instintivo...também tenho um fraco controlo dos impulsos...”</p>
<p><i>padrão de atuação - Modus operandi</i></p>	<p>“Geralmente aquilo seguia uma ordem... primeiro revistava-lhes a mala... depois fazia perguntas... Depois pedia para se despirem...elas ficavam em cuecas...eu estava</p>	<p>“Sim... fazia tudo sempre igual, tudo igual.”</p> <p>“Nunca pensei muito nisso... (silêncio) mas sim, considero que sim porque eu quando cometi estes atos, acabava por fazer</p>	<p>“Sim...Eu via alguém com o qual me identificasse e ia ter com a pessoa... puxava-as para uma zona descampada e depois agarrava-as com muita</p>	<p>“Acho que sim... eu de certa forma agia sempre do mesmo jeito... a hora do crime é que podia ser diferente... no final de tarde, quando saia do</p>

	<p>vestido, geralmente só tinha o pénis de fora... depois solicitava que me fizessem sexo oral...o ato era consumado...”</p> <p>“geralmente de manhã não, porque gosto de dormir e não me ia levantar para fazer isso...agora à tarde e à noite sim...depende de há quanto tempo é que eu tinha feito isso...”</p>	<p>sempre a mesma coisa com elas (vítimas).”</p> <p>“Depois pedia para elas se despirem... elas diziam para eu parar e imploravam para irem embora... eu não parava e despia as calças e continuava a relação...”</p>	<p>força...costumava fazer um bloqueio de braço... os guardas e polícias fazem todos esse bloqueio... mandava-as ao chão...elas pediam para largar e saírem daquela posição, mas eu tirava o braço e passava para o pescoço...usava este método com todas porque era uma forma de as prender.”</p>	<p>trabalho... ou à noite, também quando saia mais tarde do trabalho.”</p> <p>“quando me dirigia aos transportes, avistava uma rapariga e depois seguia-a”</p> <p>“e acabava por agir mais ou menos da mesma forma...”</p>
<p>Resistência física por parte das vítimas</p>	<p>“...e houve uma rapariga a quem eu não fiz nada porque ela começou a resistir...”</p>	<p>“Sim, houve...não em todas...me recordo um caso em que, quando lhe levantei as saias ela tentou fugir e bateu-me... mas eu apertei-lhe o pescoço e disse para se calar...”</p>	<p>“usava sempre um x-acto nas agressões para coagir as vítimas e houve resistência mas não me fez parar a situação...fiz sempre o que quis.”</p>	<p>“mas algumas resistiram e outras não e acho que isso dizer muita coisa...”</p>
<p>Violações surgem pela necessidade de exercer poder, domínio e controlo nas vítimas</p>	<p>“Eu tenho necessidade de controlar e não me considero meticuloso...”</p> <p>“Havia na maioria uma sensação de domínio...”</p> <p>“nas fantasias ou mesmo no modo de cometer as violações não era com domínio... o que não implica que não haja, porque sei que houve situações em que isso ocorreu.”</p>	<p>“eu antes não sabia responder...mas agora tenho a certeza que era por posse sobre alguém...”</p> <p>“Acho que era pelo poder nas vítimas...o meu passado não me levou a fazer isso, porque antes eu não aceitava isso, era mais pelo poder...”</p> <p>“era essa que queria exercer o meu domínio, queria-me afirmar.”</p> <p>“mas penso que era para me valorizar, para me afirmar em relação às mulheres...”</p>	<p>“eu estava submetido a alguém e naquelas situações (violações) eu quis-me afirmar sobre alguém percebe isso?”</p> <p>“Eu estava sendo oprimido pela mãe da minha filha e eu queria-me afirmar, sentir-me alguém, queria exercer o meu poder, queria-me sentir superior a alguém...coisa que nunca fui antes...”</p> <p>“queria era exercer simplesmente o meu domínio...”</p>	<p>“como disse, aquela vontade de chegar perto delas... de controlá-las..”</p> <p>“começava a sentir aquela vontade de seguir...de violar...de voltar a controlar a moça e sei que isso é que era o principal fator...”</p>
<p>Coerção nas vítimas</p>	<p>“depois coagia as vítimas com uma pequena navalha a deslocarem-se ao último piso...”</p> <p>“eu avisava-as para não me magoarem, isso passava-me pela cabeça</p>	<p>“procurava tapar-lhe a boca e assustava-a com uma faca que trazia sempre comigo...”</p> <p>“Eu atacava-as sempre por trás, pelas costas, com a faca enfiada no pescoço. Elas ficavam assustadas e</p>	<p>“e depois agarrava-as com muita força...costumava fazer um bloqueio de braço (demonstra)...”</p> <p>“mandava-as ao chão...elas pediam para largar e saírem</p>	<p>“agarrava quando elas estavam de costas e tapava-lhes a boca...”</p> <p>“ameaçava que se fizessem barulho e gritassem por socorro, que as</p>

	...aí entrava a parte da coação...”	não faziam nada.”	daquela posição, mas eu tirava o braço e passava para o pescoço” “usei a força física para lhes coagir, para elas (vítimas) não fugirem...”	matava...” “havia as ameaças físicas e verbais...”
<i>Distorções cognitivas</i>	“Na primeira situação, a vítima olhou-me nos olhos, colocou saliva nas próprias mãos para me masturbar, e estava com um olhar...Que não estava assustada e isso fez com que quase imediatamente eu ejaculasse...para mim esse olhar naquele momento representou desejo...” “algures na minha fantasia sentia que o meu desejo de ser desejado era também partilhado pelas vítimas...”	“ela chorava e pedia para parar...mas quando introduzi o meu pénis nela, eu vi na cara dela que ela estava a gostar!” “Não sei bem... mas sentia que aquele choro não era real... que ela estava a gostar da situação.”	“Perguntava-lhes o nome, onde moravam... e elas aí já estavam bem... já não se encontravam assustadas e a conversa fluía naturalmente.”	“Quando abordei pelo menos duas vítimas... elas não reclamaram...vieram comigo até onde quis... por isso penso até que não é bem o violar uma pessoa...” “Eu sei que fui condenado por 6 violações neste processo... mas considero apenas algumas umas violações, em que as raparigas não consentiam a violação e lutaram comigo... enquanto outras nem abriam a boca.”
<i>reincidência</i>	“qualquer espaço que eu tivesse que não precisasse de justificação, eu de imediato pensava que era uma boa oportunidade...só estava mais refreada se tivesse cometido um ato recentemente.”	“mas depois esquecia e passado 4 a 5 dias, ou talvez semanas, eu voltava a cometer o mesmo”	“Podia ficar semanas sem fazer nada...mas depois violava...”	“Podia ser uns dias ou umas semanas... mas não era mais do que isso... mas depois voltava a seguir outra moça e voltava a violar...”
<i>Descoberta dos crimes cometidos</i>	“Até ter sido abordado pela Polícia Judiciária eu não sabia sequer da existência de uma única queixa...no final achava que não tinha feito nada de mal, mas sabia que era ilegal...”	“cometi essas agressões ao longo de oito meses, até ser descoberto...”	“quando soube da denúncia nem queria acreditar...”	“senti-me em choque...”
<i>sentimentos de vergonha</i>	“mas senti-me envergonhado, com raiva de mim...”	“Era um misto de vergonha, arrependimento e tristeza...”	“fiquei envergonhado por mim, pelas minhas colegas...”	“nervoso, envergonhado...”
<i>receio de</i>	“com medo de contar à “Y”, por temer a sua	“O meu pai antes de morrer disse-me «porque estás	“fiquei assustado sem saber o que elas	“com medo do que a minha família me

<i>julgamentos por parte de outros significativos</i>	reação...”	preso?» ...eu menti, disse que eram agressões... mas depois disse a verdade e o meu pai não entendeu o porquê de ter cometido isso”	poderiam pensar de mim...”	poderiam dizer, pensei em várias coisas ao mesmo tempo”
<i>Acompanhamento Psicológico e psiquiátrico proporciona mudanças positivas</i>	<p>“Têm corrido bem... Antes fui acompanhado por outro profissional...”</p> <p>“mas gosto do atual, sinto-me bem...”</p> <p>“também noto menos desejo sexual, mesmo com a minha companheira... não sei se é da medicação ou também pela reclusão em si e também me masturbo com menos frequência...”</p> <p>“depois de desabafar com o psicólogo... foi um peso que me saiu de cima...”</p> <p>“...pois sei que não estou a ser julgado.”</p>	<p>“Têm corrido muito bem... me sinto muito bem.”</p> <p>“Gosto de falar com o psicólogo... Eu sinto necessidade de falar com as pessoas... eu preciso de ajuda, preciso de falar com alguém... falo com a doutora, para ela me ajudar a entender o porquê de ter feito as violações...”</p> <p>“ela me entende bem e não me julga como o meu pai...”</p> <p>“aos pouco vou ficando em paz porque vou compreendendo o que fiz”</p>	<p>“atualmente tenho mais raciocínio sobre as coisas... consigo pensar mais calmamente e também a psicóloga têm-me ajudado mesmo muito.”</p> <p>“aqui dentro até já consigo falar, raciocinar, expressar...”</p> <p>“seria ótimo um acompanhamento diário para obter mais respostas pelos crimes que fiz.”</p> <p>“Sim, sem dúvida... falo abertamente...”</p> <p>“porque confio na doutora... sem problema.”</p>	<p>“Sim... sinto necessidade de ser acompanhado, de receber orientações pelo melhor caminho... aqui dentro fiquei motivado para concluir os estudos e consegui...”</p> <p>“mas depois com os acompanhamentos fui-me endireitando...”</p> <p>“hoje em dia não sou a mesma pessoa... não sou o mesmo garoto que cometeu esses crimes sem pensar...”</p> <p>“fui ouvindo a psicóloga, fui questionando certas dúvidas da minha vida...”</p>
<i>necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências passadas</i>	<p>“mas sinto que ainda não me entreguei completamente e que aos poucos, irei conseguir aderir por completo, até porque terei benefícios na compreensão de todo o meu passado...”</p>	<p>“apesar de perceber que, aos poucos e só com a minha entrega, conseguirei falar sobre todo o meu passado...”</p>	<p>“eu sinto que preciso me envolver para poder compreender o que fiz.”</p>	<p>“a cada sessão noto uma diferença, e sinto que o meu empenho é cada vez maior...”</p>

7. Discussão

7.1. Diálogo com a literatura

O presente estudo retrata a análise fenomenológica aprofundada da experiência da parafilia coerciva de quatro sujeitos, em contexto de reclusão. Através do uso do método fenomenológico de Giorgi, foi possível compreender a experiências destes agressores sexuais.

Sabe-se que a parafilia coerciva atualmente não é empregue na sociedade, existindo uma enorme polémica por parte da comunidade psiquiátrica e científica em torno deste conceito, com o intuito de classificá-la como um suposto diagnóstico psiquiátrico, embora a sua relevância em contextos clínicos ou forenses seja extrema.

No que concerne à questão central deste estudo, os participantes enumeraram vários componentes que suportam o corpo teórico de diversas investigações. Um dos aspetos identificados pelos participantes, e que constitui o primeiro momento da experiência vivida, foi a identificação numa fase prévia ao ato sexual, do **pensamento acompanhado de desejo sexual e os impulsos incontroláveis para praticar agressões sexuais**. A literatura nos últimos anos tem exposto que estes fatores são preponderantes no cometimento de diversas agressões sexuais. As fantasias dos agressores sexuais constituem ideias, pensamentos, desejos persistentes e recorrentes, que surgem de forma involuntária, invadindo a consciência do sujeito (Bradford, 2011 cit. in Pereira, 2007). Para ilustrar esta constatação, o participante P2 referiu que *“eu não conseguia parar... não conseguia controlar... não conseguia dormir no momento se não fizesse aquilo”*. Ou seja, para este participante, o pensamento e os impulsos sexuais para executar ofensas, estavam sempre presentes na sua mente, levando a um sentimento de inquietude. Um estudo de McKibben, Proulx, & Lusignan, 1994 (cit. in Thornton, 2010), permite constatar que os agressores sexuais relataram que as violações encontram-se relacionadas com fantasias e impulsos sexuais.

Tal como foi referido por Vieira (2011) o comportamento sexual ofensivo resulta de elevados impulsos sexuais que surgem devido às hormonas e a outros aspetos de natureza fisiológica. No fundo, essas fantasias vão se tornando de uma forma gradual em pensamentos mais fixos. Marshall e Barbaree (1991) mencionam que o fracasso da inibição dos impulsos dos ofensores sexuais, encontra-se relacionado com as ofensas sexuais. Esta ideia corrobora com a teoria de Abel e colaboradores (1984) onde evidenciam que alguns indivíduos falham a tarefa da aprendizagem da inibição da sua

excitação, e como consequência desenvolvem crenças não usuais e comportamentos desajustados que irão manter na adultez, caso não haja reprovação de outros. Estas constatações foram comprovadas no estudo de Barbaree e Marshall (1991), onde as capacidades de suprimir a excitação era evidente em sujeitos sexualmente agressivos, que diferiam dos sujeitos não agressivos, dada a sua incapacidade para conter sentimentos de excitação.

Com base nos relatos das vivências dos participantes, foi possível identificar a presença de um **padrão de agressão – *Modus operandi***, pela forma como os participantes descreveram o conjunto de procedimentos adotados. Estes procedimentos principiaram-se através da observação e consequente perseguição das vítimas, (Rossmo, 2000 cit. in Mendes, 2014) sendo frequente em todas as agressões sexuais, a utilização de uma arma (Groth, Burgess e Holmstrom, 1977 cit. in Patherick, 2014), como forma de intimidar o sexo oposto. A título de exemplo, P3 referiu que *“Sim...Eu via alguém com o qual me identificasse e ia ter com a pessoa... puxava-as para uma zona descampada e depois agarrava-as com muita força... usava sempre um x-acto nas agressões para coagir as vítimas”*.

Neste estudo, os participantes mencionam também uma enorme **resistência física por parte das vítimas**, onde estava expresso que as mesmas não manifestavam o seu consentimento na agressão sexual. Quando as vítimas se encontravam coagidas, era comum entre todos os participantes, o roubo dos seus objetos pessoais, para com isto, dar continuidade aos seus comportamentos, antecipadamente traçados. Para além destes fatores, os participantes referem o uso constante de ameaças físicas e verbais, como forma de controlar as vítimas. Indo de encontro à ideia defendida por Pereira (2007), o agressor pretende que a mulher numa determinada situação, fique sob o seu controlo e se sinta indefesa, sem possibilidade de fuga, para que não possa resistir ao interesse expresso pelo ofensor.

A característica em comum que mais se destaca nos relatos dos participantes foi a perceção de que as **violações surgem pela necessidade de exercer o poder, domínio e controlo nas vítimas**, revelando o acrescido desejo de intimidar e submeter as mesmas às práticas sexuais, como forma de sobrevalorização ou afirmação perante o sexo oposto, tal como afirmam os autores Groth e Burgess (1977) nos comportamentos sexuais desviantes, estão presentes aspetos como a necessidade de obter controlo e poder, aquando do cometimento do delito (cit. in Blackburn, 1993). Isto reforça a ideia

de Groth, Burgess e Holmstrom (1977) que na violação por poder, o agressor pretende com a sua conduta, exercer alguma forma de poder e controlo nas suas vítimas, recorrendo à intimidação, força física, armas ou ameaças à integridade física (cit. in Patherick, 2014). Ainda, os mesmos autores partilham da ideia de que, a violação é encarada, por parte do agressor, como uma expressão da sua masculinidade sobre a vítima. Esta ideia é também partilhada por (Blackburn, 1994 cit. in Vieira, 2011), havendo uma conexão entre a masculinidade, o poder e a superioridade.

Para os participantes, a **coerção nas vítimas**, tinha como finalidade privá-las da liberdade de escolher não participar na atividade sexual, para que as vítimas aderissem às práticas sexuais forçadas e ao local premeditado pelos participantes. Estes dados suportam o estudo de Malamuth, Check e Briere (1986, cit. in Thornton, 2010). Contudo, os comportamentos descritos pelos participantes refletem assim uma excitação sexual desviante, subjacente ao sexo forçado (Bond e Evans, 1967 cit. in Wilson, 2011; Zinik & Padilha, 2010 cit. in Watson, 2013), tendo em consideração que, com base nas **distorções cognitivas**, os participantes sustentavam as crenças de que, as vítimas manifestavam concordância/ gosto pela violação sexual. Dando o exemplo para o que foi previamente exposto, através do relato do participante P2, “*ela chorava e pedia para parar...mas quando introduzi o meu pénis nela, eu vi na cara dela que ela estava a gostar!*”, foi possível verificar as distorções cognitivas implícitas, que os participantes têm das suas vítimas, formando as suas próprias interpretações sobre os comportamentos, desejos e atitudes delas, distorcendo assim toda a informação percecionada.

Assim sendo, os resultados encontrados, suportam a literatura prévia, (Groth, Burgess e Holmstrom, 1977; Abel, Becker e Cunningham-Rathner, 1984; Marshall e Barbaree, 1990). Desta forma, pode-se percecionar que o comportamento sexual de índole agressiva, pode ser reforçado de forma positiva ou negativa (Marshall & Barbaree, 1990), permitindo ao sujeito desenvolver visões distorcidas das suas vivências, que irão possibilitar o surgimento da racionalização, justificação ou a minimização dos atos praticados (Balaias *et al.*, 2012) o que irá facilitar a ocorrência desses comportamentos, em situações futuras.

Outro aspeto pertinente relatado pelos participantes, foi o facto de manterem um período temporal sem praticar agressões sexuais, pelo que posteriormente, começava a esbater-se, até haver a **reincidência** nos comportamentos sexuais coercivos, (por

exemplo P4 alude que “*Podia ser uns dias ou umas semanas... mas não era mais do que isso... mas depois voltava a seguir outra moça e voltava a violar*”). Isto corrobora com o estudo de Thornton (2010) e de Doren (2002). Na visão de Lalumière e colaboradores (2005) se os violadores cometem uma pluralidade de ofensas sexuais existe uma grande probabilidade de persistir nos mesmos comportamentos (cit. in Quinsey, 2010).

O segundo momento destacado nos relatos dos participantes remete para o contexto de reclusão, onde os participantes referem que a **descoberta dos crimes praticados** foi vivenciada de forma negativa (reação de choque), quer pela descoberta e a exposição externa das ofensas sexuais, provocando nos participantes **sentimentos de vergonha**, e como consequência direta, um enorme sofrimento pelo **receio de julgamentos por parte de outros significativos**.

Porém, os quatro participantes destacam como aspeto positivo, a importância do **acompanhamento psicológico e psiquiátrico - proporciona mudanças positivas**, onde identificaram como aspetos positivos a satisfação, tranquilidade e o bem-estar. Isto reforça o estudo de Bedics et al., (2005) e de Fernandes e Maia (2008).

O estabelecimento de uma atitude de confiança possibilitou aos quatro sujeitos estabelecer um diálogo aberto com os profissionais, através da exposição dos seus pensamentos e sentimentos (Fernandes e Maia, 2008). Isto vai de encontro aos resultados encontrados nos estudos de Hanna e Puhakka (1991) e Levitt e Williams (2010), que afirmam a necessidade de haver uma relação de confiança entre o terapeuta e o cliente, de forma a se conseguir alcançar resultados positivos.

De relevar, P1, P2, P3 e P4 mencionam cada vez mais o que sentiam e o que pensavam, sem receios de julgamentos, o que de certa forma possibilitou a exploração das suas vivências positivas e negativas passadas. Para finalizar, os participantes consideraram a **necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências passadas**. Isto reforça o estudo de Fernandes e Maia (2008).

Os sujeitos com parafilia coerciva são regularmente caracterizados por apresentarem impulsos, fantasias ou comportamentos persistentes, que envolvem atos sexuais coercivos, com base no sexo forçado, retratando uma excitação sexual desviante, concebida como a sexualização do poder, controle e domínio com diversas

peessoas que não manifestavam o seu consentimento (Zinik & Padilla, 2010 cit. in Watson, 2013; Stern, 2010; Tosh, 2010; Beech & Harkins, 2012).

Os resultados da análise aos relatos dos quatro participantes deste estudo suportam a literatura prévia, nos quais afirmam que os pensamentos acompanhados com impulsos e desejos sexuais recorrentes para executar ofensas sexuais estavam sempre presentes. Associada a estes fatores, também ficou patente que os participantes executavam as práticas desviantes com uma série de vítimas, no mínimo, num período temporal de seis meses. Isso corrobora os critérios previamente definidos pela Associação Americana de Psiquiatria para se classificar esta parafilia (Stern, 2010; Tosh, 2010; Beech & Harkins, 2012).

Também, foi possível verificar no discurso dos sujeitos, que nem todos adquiriam satisfação sexual durante as ofensas, (por exemplo P2 refere que “*parecia ser doentio mas eu não sentia prazer...mas porquê? Porquê que eu fazia isso... não sei...eu ficava triste*”), o que de certa forma vai de encontro à literatura, ou seja, mais do que o ato sexual, é a natureza coerciva a fonte de excitação para estes sujeitos (Zinik & Padilla, 2010 cit. in Watson, 2013), visto haver entre todos os participantes a necessidade de exercer o seu controlo, domínio e poder nas vítimas. Para além disto, as práticas sexuais desviantes provocavam sofrimento para os participantes, para outros significativos e para as vítimas, e esta constatação vai de encontro aos critérios concebidos em diversos manuais de Diagnóstico Psiquiátrico para a parafilia coerciva (por exemplo DSM-III).

Atualmente, sabe-se que os sujeitos sexualmente agressivos são abrangidos no *Diagnóstico da Parafilia sem Outra Especificação* (pelo facto de não se considerar a parafilia coerciva como um diagnóstico psiquiátrico apropriado). No fundo, os defensores da parafilia coerciva (como exemplo, Stern, Knight, Thornton, Watson, entre outros) pretendem com as suas pesquisas, “alcançar mais luzes” sobre o fenómeno da parafilia coerciva, e aperfeiçoar a terminologia até agora empregue. Com a aceitação da sociedade deste diagnóstico, possibilitará ao sistema judicial uma maior confiabilidade e clareza (Stern, 2010) com vista a identificar o grupo de indivíduos, que já cometeram e são altamente prováveis de cometer no futuro o tipo de violência sexual predatória. Assim sendo, ao se utilizar critérios bastante específicos (isto é, a natureza coerciva constitui a fonte de excitação sexual, o sofrimento que causa ao próprio e a outros, a pluralidade de vítimas, o período temporal das agressões sexuais) possibilitará delimitar

este mesmo grupo (Stern, 2010) ao invés de o ampliar, como afirmam alguns opositores da parafilia coerciva (por exemplo Allen Frances, 2011).

7.2.Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras

Com a elaboração deste estudo, é possível verificar algumas delimitações, que podem ser colmatadas em investigações futuras. Em primeiro lugar, destaca-se a amostra reduzida neste estudo, pelo que, um maior número de amostra possibilitará uma generalização dos resultados. Nesta lógica, os constituintes essenciais comuns aos quatro participantes, podem não se verificar em outros sujeitos, com características díspares.

Assim, este estudo pode ser replicado como uma amostra maior, de forma a ser verificar se os constituintes comuns encontrados nos relatos dos participantes se mantêm.

Os estudos concebidos até à atualidade retratam em grande maioria, amostras de sujeitos condenados. Como possível sugestão, seria pertinente o uso de outras amostras. Para além disso, seria fundamental o uso de outros métodos, visto que a maioria das investigações desta natureza apresenta resultados puramente quantitativos. Assim sendo, a lacuna existente acerca da compreensão da experiência vivida dos sujeitos parafílicos coercivos, pode ser colmatada em futuras investigações, com o uso da metodologia fenomenológica-existencial.

Outro aspeto que se destaca no presente estudo, centra-se no uso da check-list sobre a parafilia coerciva, visto a mesma ter sido concebida exclusivamente para agressores sexuais masculinos. Se futuras investigações tiverem como finalidade o uso desta check-list como uma ferramenta indispensável às suas investigações, seria pertinente elaborar uma estrutura que pudesse avaliar a parafilia coerciva em outros públicos-alvo, tais como jovens, mulheres e ainda populações não presidiárias.

Conclusão

A experiência da parafilia coerciva constitui uma área de investigação pouco explorada, especialmente no que concerne à metodologia fenomenológica- existencial. As polémicas em torno deste conceito persistem na atualidade, pelo facto de haver uma enorme relutância da sociedade em aceitá-lo como um diagnóstico confiável e válido.

Como se pode observar neste estudo, os fatores que os participantes descreveram na exploração das suas vivências passadas (ao qual atribuem um significado negativo) possibilitaram a identificação de duas estruturas distintas, mas que se encontram interligadas, ou seja, uma estrutura geral que define sinteticamente a experiência da parafilia coerciva e outra relativa ao contexto de reclusão.

Assim sendo, os aspetos comuns aos quatro participantes, foram respetivamente, os pensamentos, desejos, impulsos ou comportamentos persistentes, que envolvem atos sexuais coercivos, com base no sexo forçado, concebida como a sexualização do poder, controle e domínio com diversas pessoas, não consensuais, em ocasiões distintas (Zinik & Padilla, 2010 cit. in Watson, 2013; Stern, 2010; Tosh, 2010; Beech & Harkins, 2012).

Os resultados obtidos no presente estudo vêm corroborar as investigações previamente concebidas, onde afirmam que a natureza coerciva do ato sexual desviante constitui o foco de excitação sexual para estes sujeitos (Zinik & Padilla, 2010 cit. in Watson, 2013).

Assim sendo, estes resultados possibilitam “obter mais luzes” sobre o fenómeno da parafilia coerciva e ainda aperfeiçoar a terminologia presentemente empregue, o que fomenta assim a crescente literatura. Para tal, só com a aceitação da sociedade deste diagnóstico, se possibilitará ao sistema judicial uma maior confiabilidade e clareza, com vista a identificar o grupo de indivíduos, que já cometeram e são altamente prováveis de cometer no futuro o tipo de violência sexual predatória (Stern, 2010).

A utilização do método fenomenológico de Amedeo Giorgi, possibilitou dar resposta à questão norteadora deste estudo e espera-se que no futuro, nasçam outras investigações neste âmbito, de forma a suportar e complementar os resultados expostos nesta investigação.

Referências Bibliográficas:

- Abel G. & Rouleau, J. (1990). Rape as a paraphilia. In W. L. Marshall, D.L. Laws, & H.E. Barbaree (Eds), *Handbook of Sexual Assault: Issues, theories and treatment of the offenders*, pp. 18-19. New York: Plenum Press.
- Agalaryan, A. & Rouleau, J. (2014). *Paraphilic Coercive Disorder: An Unresolved Issue*. Published online: Springer Science + Business Media New York.
- Alves, P. (1996). A Ideia de uma Filosofia Primeira na Fenomenologia de Edmund Husserl. Uma tentativa de interpretação. *Philosophica* 7, Edições Colibri, pp. 3-37.
- Amatuzzi, M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Revista Estudos de Psicologia*, 26 (1), pp.93-100.
- American Psychiatric Association (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th ed). Washington. Dc: Author.
- Andrade, C., Holanda, A. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 27 (2), pp. 259-268.
- APAV (2015). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2014. Relatório Publicado*.
- A. R. Beech, L. Harkins (2012). *Aggression and Violent Behavior*. 17, p.527 – 539.
- Balaias, D., Oliveira, V., & Almeida, F. (2012) In F. Almeida & M. Paulino, *Profiling, Vitimologia e Ciências Forenses-Perspectivas Actuais*. (pp.393-427). Lisboa: Pactor.
- Balon, R. (2010). The Debate About Paraphilic Coercive Disorder is Mostly Ideological and Going Now here. *Arch Sex Behav*, 41, p.535 – 536.
- Barbaree, H.E., & Marshall, W.L. (1991). The Role Of Male Sexual Arousal in rape: Six models. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, p.621-630.
- Blackburn, R. (1993). *The Psychology of Criminal Conduct: Theory, Research and Praticce*. Chichester: Wiley.

- Borba, J. (2010). A Fenomenologia em Husserl. *Revista do Nufen*, vol. 01, 02, p. 90-111.
- Carvalho, M.; Vale, E. (2002). A Pesquisa Fenomenológica e a Enfermagem. *Acta Scientiarum*, 24 (3), p. 843-847.
- Creswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage Publications.
- Doren, D. M. (2002). *Evaluating sex offenders: A Manual for civil commitments and beyond*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- DSM-IV-TR (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, 4ª Ed., Texto Revisto. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, I. (2012). Quando o Enfermeiro se Torna Doente. Acedendo à Experiência Vivida. *Tese de Doutoramento em Enfermagem*. Universidade de Lisboa.
- First, M. B., & Halon, R. L. (2008). Use of DSM paraphilia diagnoses in sexually violent predator commitment cases. *Journal of the American Academy of Psychiatry and Law*, 36, 443-454.
- Frances, A. (2011). DSM-5 Rejects coercive paraphilia: Once again confirming that rape is not a mental disorder. *American Journal of Forensic Psychology*, 28, p.1-4.
- Gannon, T. A., Ward, T. & Collie, R. (2007). Cognitive distortions in child molesters: Theoretical and research developments over the past two decades. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 402-416.
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *International Journal of Qualitative Methods*, 3, (1).
- Hanna, F. J., & Puhakka, K. (1991). When psychotherapy works: Pinpointing an element of change. *Psychotherapy*, 28 (4), 598-607.
- Hinderliter, A. C. (2010). Defining paraphilia: Excluding exclusion. *Journal of Forensic Psychology*, 2, p.241-272.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (24), p. 363-372.

- Hutchinson, S. & Wilson, H. (2007). Entrevistas de Investigação e Terapêuticas – Uma Perspectiva Pós-Estruturalista in Morse, Janice M. – *Aspectos Essenciais de Metodologia de Investigação Qualitativa*. Coimbra: Formasau – Formação e Saúde, Lda. pp. 294-308.
- Júnior, A. & Júnior, N. (2011). A utilização da técnica de entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, 7, 7, p. 237-250.
- Kafka, M. (1991). Successful treatment of Paraphilic Coercive Disorder (a rapist) with fluoxetine hydrochloride. *British Journal of Psychiatry*, 158, p.844 – 847.
- Knight, R. (2010). Is a Diagnostic Category for Paraphilic Coercive Disorder Defensible?. *Arch Sex Behav*, 39, p.419- 426.
- Knight, R. & Thornton, D. (2011). A dialogue on paraphilia coercive disorder: Moving toward an empirically based consensus. *Sex ofender Law Report*, 12, 33, p.43-46.
- Lalumière, M.L., Quinsey, V. L., Harris, G.T., Rice, M. E., & Trautrimas, C. (2003). Are rapists differentially aroused by coercive sex in phallometric assessments? In R. A. Prentky, E. Janus, & M. Seto (Eds.), *Sexual coercion: Understanding and management*, (pp. 211 – 224).New-York: New York Academy of Sciences.
- Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1994). The discriminability of rapists from non-sex offender using phallometric measures: A meta-analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 21, pp.150 – 175.
- Levitt, H. M., & Williams, D. C. (2010). Facilitating client change: Principles based upon the experience of eminent psychotherapists. *Psychotherapy Research*, 20 (3), 337-352.
- Malamuth, N.M. & Check, J.V.P. (1980). Penile tumescence and perceptual responses to rape as a function of victim's perceived reactions. *Journal of Applied Social Psychology*, 10, 578-547.
- Maracek, J. (2003). Dancing throughminefields: toward a qualitative stance in psychology. In P.M. Camic, J.E. Rhodes & L. Yardley (Eds.), *Qualitative Research in Psychology: Expanding Perspectives in Methodology and Design*. (pp.49-69) Washington, D.C. American Psychological Association.

- Marshall, W. L., Laws, D. R., & Barbaree, H. E. (1990). Issues in sexual assault. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds.), *Handbook of sexual assault* (pp.3-7). New York: Plenum.
- McLeod, J. (2001). The phenomenological approach. *Qualitative Research in Counselling and Psychotherapy*, 3, 33-54. London: Sage Publications.
- Mendes, B. (2014). Profiling Criminal: Técnica Auxiliar de Investigação Criminal. *Dissertação de Mestrado em Medicina Legal*. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Porto.
- Money, J. (1984). Paraphilias: Phenomenology and Classification. *American Journal of Psychotherapy*, 38, p.164-178.
- Oliveira, V., Martins, M., Vasconcelos, A. (2012). Entrevistas “em Profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: Pistas teóricas e metodológicas. *Simpoi 15 Anos, Anais*, pp. 1- 12.
- Patherick, W. (2014). *Profiling and serial crime: theoretical and practical issues*. Waltham, USA: Elsevier.
- Patrick, C. (2005). *Handbook of Psychopathy*. Guildford Imprensa.
- Pereira, J. (2007). Distorções Cognitivas e Agressão sexual: Estudo Exploratório com agressores intra e extra-familiar. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto
- Quinsey, V. L. (1984). Sexual Agression: Studies of offenders against Women. In D. Weisstu (Ed), *Law and mental Health: International Perspectives*, Vol. (pp.84-121). New York: Pergamon Press.
- Quinsey, V. (2010). Coercive Paraphilic Disorder. *Arch Sex Behav*, 39, pp.405-410.
- Russo, J., & Venâncio, A. T. A. (2006). Classificando as pessoas e suas perturbações: a revolução terminológica do DSM III. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, 9 (3), pp.460-483.
- Russo, J. (2005). A Sexualidade no DSM III. *Salud, sexualidade y diversidad em América Latina*.
- Silva, F. (2009). Fenomenologia e Psicologia: Uma relação Epistemológica. *Revista Psicologia & Foco*, 2 (1), pp. 139-142.

- Stern, P. (2010). Paraphilic Coercive Disorder in the DSM: The Right Diagnosis for the Right Reasons. *Arch Sex Behav*, 39, pp.1443–1447.
- Thornton, D. (2010). Evidence Regarding the Need for a Diagnostic Category for a Coercive Paraphilia. *Arch Sex Behav*, 39, pp.411–418.
- Tosh, J. (2011). The medicalisation of rape: A discursive analysis of ‘Paraphilic Coercive Disorder’ and the psychiatrisation of sexuality. *Psychology of Women Section Review*, 3 (2).
- Vieira, Sandra (2011). Ofensores sexuais: das crenças ao estilo de pensamento. *Tese de Doutoramento em Psicologia*. Universidade do Minho.
- Watson, J. (2013). Paraphilic Coercive Disorder: Assessing the Structure and Validity of the PCDC Check-list. *Master’s Thesis*. Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences. Department of Psychology.
- Watson, J. & Knight, R. (2012). Paraphilic Coercive Disorder: Assessing the Structure and Validity of the PCD Checklist. *Poster Published*. Brandeis University.
- Wilson, Robin J. (2011). Paraphilic Coercive Disorder: A clinical and Historical Perspective. *Sex Offender Law Report* (2011).
- Zucker, Kenneth J. (2013). DSM-5: Call for Commentaries on Gender Dysphoria, Sexual Dysfunctions, and Paraphilic Disorders. *Arch Sex Behav*.
- Yates, E., Barbaree, H. E., & Marshall, W. L. (1984). Anger and deviant sexual arousal. *Behavior Therapy*, 15, pp.287-294.

Anexos

Anexo B. Guião de Entrevista

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DAS CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Mestrado em Psicocriminologia – Dissertação de Mestrado

Guião de Entrevista

Participante ____ *Idade:* ____ *Estado civil:* _____ *Profissão:* _____ *Habilitações L.* _____

- 1) **Pronuncie-se sobre o motivo que deu origem ao processo pelo qual se encontra acusado/condenado?**
- 2) **Existe algum motivo para o que alegadamente cometeu? Se sim, descreva-me detalhadamente.**
- 3) **O que sentia nestas situações? (prazer/excitação sexual)?**
- 4) **Já sentiu o que descreveu anteriormente em outros contextos/situações que não os do presente processo?**
- 5) **Quantas pessoas é que estão envolvidas no processo?**
- 6) **Houve repetição da mesma pessoa? Se sim, porquê e como?**
- 7) **Porquê, em específico, as pessoas descritas anteriormente?**
- 8) **Tem algum perfil/ protótipo de vítima? (Perceber o lhe atraí mais)**
- 9) **Em que circunstâncias é que abordou ou interagiu com as pessoas envolvidas? (Perceber se havia planeamento prévio; se andava há procura das vítimas ou se era ocasional)**
- 10) **Tinha algum padrão de atuação (*modus operandi*) nas agressões sexuais? Se sim, como?**

11) Durante quanto tempo é que sucederam as diversas agressões? E quanto tempo durava cada ato por si cometido?

12) Houve consentimento por partes dessas pessoas para os atos por si descritos? Se não? Porquê procedeu na mesma aos atos?

13) Usava algum disfarce nas agressões? E algum objeto para intimidar as vítimas? (perceber se usava arma ou outro objeto cortante)

14) Chegou a gravar/filmar/fotografar alguma situação?

15) Ficava com algum objeto/ pertence pessoal das pessoas? Se sim, porquê?

16) 13) Como acha que estas pessoas/vítimas se sentiam nestas situações?

17) O que sentia antes de cometer os alegados atos descritos no processo?

18) E o que sentia após realizar os atos anteriormente por si descritos?

19) O que sentiu quando descobriram as agressões sexuais?

20) Considera justa a situação processual em que se encontra? Se sim/não porquê?

21) Se fosses um juiz que moldura penal/pena atribuías a ti?

22) Já foi condenado por crimes de natureza idêntica aos do presente processo? Se sim, em que circunstâncias?

Observações:

Anexo C. Carta de Consentimento Informado

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DAS CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente investigação “*A Experiência da Parafilia Coerciva numa Perspetiva Fenomenológica-existencial*” insere-se no âmbito do Seminário de Dissertação do Mestrado em Psicocriminologia do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA-IU), orientada pelo Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues.

Neste sentido, o objetivo primordial deste estudo centra-se na compreensão da vivência dos sujeitos que cometeram agressões sexuais. Nesta lógica, importa compreender que nem todos os agressores sexuais têm a mesma base motivacional, podendo colocar-se a hipótese de alguns destes serem parafilicos coercivos.

Desta forma, o seguinte estudo não apresenta qualquer risco, tomando por responsabilidade proteger contra possíveis lesões mentais, perigos e desconfortos. Tendo em consideração a descrição e o objetivo da investigação, comprometemo-nos a respeitar todos os princípios inerentes aos padrões éticos da Investigação em Psicologia, como o direito ao sigilo e o direito de interromper e recusar a sua participação nesta entrevista a qualquer momento.

Obrigada pela sua colaboração e atenção.

Eu, _____, declaro que tomei conhecimento dos objetivos e do caráter voluntário da participação no estudo, bem como da possibilidade de a qualquer momento poder desistir da minha participação. Declaro, igualmente, que tive a oportunidade de formular as questões que considerei oportunas, as quais me foram claramente esclarecidas.

Data ____/____/____

Assinatura do participante _____

Assinatura da investigadora _____

Anexo D. Transcrição das Entrevistas dos Quatro Participantes: P1, P2, P3 e P4

1- Transcrição da Entrevista do participante P1

As transcrições foram realizadas em *ipsis verbis* e, para efeitos de registo, foram atribuídos os códigos “I” para identificar o investigador e “P1” para identificar o participante do estudo.

I1 – Ainda se recorda o motivo que originou o seu processo judicial?

P1 –É porque fui preso por vários crimes, roubo, sequestro, rapto, fotografias ilícitas, abuso sexual e coação ... mas o mais relevante é o crime de violação ... eu cometi a maior parte dos crimes mas não sei precisar quando começou ... foi em 2007 ou 2008.

I2 – Falou que o mais relevante era o crime de violação. Porquê? Há algum motivo para ter cometido as violações?

P2 – Não sei explicar ... não tenho uma resposta objetiva...isto começou um bocadinho antes, em 2004/2005 ...comecei por tirar fotografias a mulheres e raparigas, com idades entre os 15 e os 25 anos, que eu achava atraentes ...eu não as conhecia ... tirava as fotografias basicamente quando podia, na rua, em lojas de roupa, nos transportes públicos ... tirava as fotos com o telemóvel e elas não percebiam porque eu fingia que estava a falar ao telemóvel e ia tirando as fotografias ... basicamente tirava fotografias que apanhassem a cara, depois podia fotografar o corpo inteiro, mas primeiro tinha que apanhar a cara ... também cheguei a tirar várias fotografias à mesma pessoa, tirei muitas fotos repetidas da mesma mulher... não sei quantas fotografias tirei, talvez uma centena ...depois passava as fotografias para o computador e organizava por pastas ... o critério para arquivar as fotografias era o local e/ou a data, era tudo muito bem etiquetado ... depois vai parecer estranho mas não fazia nada... eu não via as fotografias simplesmente ia acrescentando cada vez mais.

I3 – Não fazia nada com as fotos?

P3 – Não, não fazia nada. Eu nunca gostei de deitar nada fora... era o mesmo com a música...queria tanto ouvir uma música, tirava-a da internet e nem a ouvia ...e quando tocava na rádio era a mesma coisa, não a ouvia...e se me emprestassem um CD, até podia ser de música clássica, e eu só gostasse de uma faixa, mas ficava na mesma com as músicas todas...e com as fotografias era a mesma coisa...até podiam estar desfocadas mas eu guardava todas.

I4 – O que sentia quando tirava as fotografias?

P4 – Não sei...não era uma sensação sexual...era mais «já cá cantas», «já estás apanhada»... mas nunca tive nada com nenhuma delas... nem tinha um padrão definido, podia ser loura, ruiva, asiática/...mas depois a minha namorada, a “Y”, descobriu tudo.

I5 – Qual foi a reação da sua namorada quando descobriu as fotografias?

P5 – Quando ela descobriu disse que eu era um grande porco ...e perguntou-me porque é que eu fazia aquilo e eu prometi que não voltava a fazer ... apaguei aquilo tudo e depois caiu no esquecimento ...não voltei a tirar fotografias.

I6 – O que sentiu quando apagou as fotografias?

P6 – Eu não queria apagá-las ...ainda pensei mudá-las de sítio para depois ir lá buscá-las... mas como tinha prometido à “Y” que as apagava foi isso que fiz, apaguei-as ...mas senti tristeza e vergonha de mim...depois não voltei a repetir isso e passei a violar.

I7 – Pode então contar-me como abordava as vítimas...

P7 – Seguia alguém aleatoriamente na rua...quem eu achasse interessante...atraente... bonita... acho que todas as vítimas tinham essa característica em comum...curiosamente a “Y” não é tão bonita como algumas das vítimas...para mim ser bonita é não ser disforme...uma pessoa olha e gosta...quando digo que é bonita refiro-me à cara e isso inclui o cabelo, é indiferente a cor e o comprimento do cabelo...neste caso o cabelo

comprido é dominante mas também há mulheres lindas de cabelo curto...em relação ao corpo utilizo outro tipo de adjetivação tem que ser uma mulher boa...se é proporcional...pode ser mais cheiinha, mais magra, mais delineada...não tenho um padrão definido...não tinha que ser branca...mas neste caso foram todas...eu tenho uma atração maior pelas caucasianas que não é fator de escolha, mas não discrimino as outras.

I8 – Então seguia alguém de forma aleatória?

P8 – Sim. Eu seguia alguém na rua na esperança de passar num sítio perfeitamente escondido ou então a pessoa entrar no prédio de casa e o mesmo ter condições para eu proceder à violação...eu não conhecia o prédio, entrava com a vítima como se fosse um vizinho e via se o prédio tinha condições ou não, como portas de incêndio que dão para o vão das escadas ...depois coagia as vítimas com uma pequena navalha a deslocarem-se ao último piso...encostava a navalha ao pescoço sempre com o lado cortante para fora...depois dizia «vem comigo até ali»...e elas geralmente não lutavam nem reagiam.

I9 – Havia uma ordem para realizar o que descreveu?

P9 – Geralmente aquilo seguia uma ordem...primeiro revistava-lhes a mala...mas nem sei porque é que fazia isso porque eu tinha mais dinheiro do que elas, depois fazia perguntas...perguntava coisas pessoais: o nome, a profissão dos pais, em que escola é que andavam...perguntava sobre as experiências sexuais que tinham tido... não gostava que me mentissem, mas até era legítimo que me mentissem dado a situação em que elas estavam...no fundo, fazia um enquadramento para as tentar conhecer...uma das coisas que eu acho que fazia era tentar criar um elo de ligação com a vítima.

I10 – Um elo de ligação?

P10 – Sim, porque mais do que o ato sexual o que eu mais procurava era sentir-me desejado...acho que há desejo mas não é a componente principal...a componente principal é ser desejado fisicamente e sexualmente, e aqui já entram todas as minhas experiências anteriores...porque nunca tive uma aventura de uma noite com

ninguém...no meu caso tinha o estigma de nunca ter curtido com ninguém e eu procurava a componente de aventura...e como eu tinha a “Y” isso era incompatível...estava e estou bem com ela, não queria outro relacionamento...mas com a “Y” sempre me deu a ideia de que ela não queria fazer amor comigo mas consentia fazê-lo... e eu acho que o que mais procurava era a outra componente para me sentir desejado...e eu queria ser desejado...pura e simples...e era isso que eu procurava.

I11 – E depois o que acontecia? O que fazia?

P11 – Depois pedia para se despirem...elas ficavam em cuecas...eu estava vestido, geralmente só tinha o pênis de fora mas uma vez tirei a camisola...o que eu mais apreciava era o tronco...cheguei a beijar e a tocar nos seios e isso excitava-me...beijava-as na cara, na boca, no pescoço...acariciava-lhes o cabelo...depois solicitava que me fizessem sexo oral...o ato era consumado...tinha sempre orgasmo...depois limpava-me com lenços ou com uma meia delas...às vezes dava-lhes a meia outras vezes deitava-a fora...e depois ia-me embora...algumas ameacei-as... tirei fotos em que elas estavam semi-nuas e dizia que punha na internet ou na porta do prédio se contassem a alguém...mas nenhuma me disse que ia contar.

I12 – Com que frequência acontecia estes atos?

P12 – Ah... eu não tinha nada calendarizado em relação à periodicidade com que fazia...era de mês a mês ou de 2 em 2 meses.

I13 – O que sentia quando acariciava as vítimas?

P13 – Eu estava a realizar uma fantasia...ser desejado...não me preocupava com doenças...porque a sida não se pega com um beijo na boca e em relação à hepatite eu sou vacinado...eu acreditava no instinto... isto pode não fazer sentido mas um dos motivos porque eu não recorria a prostitutas era por causa das doenças...e também porque recorri duas vezes...e a situação das prostitutas era ainda mais artificial do que estando a violar alguém e sentia-me ainda menos desejado.

I14 – Pode existir desejo sem consentimento?

P14 – Isso é que é estranho...mas na minha mente isso fazia sentido. Eu estava a violar uma pessoa e achava que era menos intrusivo e menos traumatizante o sexo oral...era mais desejável do que o sexo vaginal ou anal ...eu avisava-as para não me magoarem, isso passava-me pela cabeça ...aí entrava a parte da coação, eu dizia «se me aleijares faço-te mal»...geralmente nesta altura eu já tinha a navalha guardada no bolso...num caso ou noutro era para intimidar...mas geralmente já estava fora do cenário.

I15 – Ok. Sabe precisar quanto tempo demorava com cada pessoa?

P15 – Demorava mais ou menos uma hora com cada vítima, o episódio todo, desde abordar, revistar, conversar.

I16 – E depois o que acontecia?

P16 – Ou desligava o telemóvel ou pedia para tirarem o som...nunca fiquei com nenhum telemóvel...depois tirava as baterias e deixava uns metros mais à frente...para só depois poderem telefonar a alguém...de modo a retardar a chamada de socorro. Uma vez tive uma ereção antes de abordar a vítima...mas geralmente quando começava a beijar a vítima ficava excitado...e tinha orgasmo fora da boca delas...era eu que tirava ou então avisava porque achava que era demais...estando a abusar não queria abusar...com a “Y” também era fora...os orgasmos eram diferentes...

I17 – Diferentes em que aspeto?

P17 – Penso que era mais fácil atingir o orgasmo com as vítimas, mas em termos de intensidade não sei comparar possivelmente era a mesma e eu também nunca fui sádico com as vítimas... por exemplo, uma vez estávamos num sítio escuro e tínhamos que acender a luz porque senão ela ficava assustada...são estes pormenores.

I18 – O que sentia após realizar os atos que relatou?

P18 – Sentia duas coisas! Em menor escala sentia que podia ter aproveitado para fazer mais coisas, como sexo vaginal, anal...fosse o que fosse ...por outro lado sentia um arrependimento, por mim, pela vítima, pela “Y”, nessa altura pensava nela...sentia angústia e culpa...e no dia a seguir sentia-me mal disposto do estômago...não tinha um padrão...mas depois do ato em si, imaginando que foi ontem, hoje estaria na fase do arrependimento...achava que aquilo não contribuía para a minha felicidade, que não precisava daquilo para nada...era um misto de repulsa e recordação do prazer...mas depois começava a esbater-se... até passar uns dias e voltar a cometer novos atos...

I19 – Entendo. E como se sentia antes de praticar os atos?

P19 – Antes do ato basicamente sentia um grande desejo, uma grande vontade de fazer aquilo...depois durante o ato, já sentia um misto de emoções...já havia o lado mais consciente, em que pensava que a rapariga não tinha culpa, que isto era ilegal, que não devia fazer isto, que a rapariga não tinha culpa, e isto juntamente com o prazer...coexistia essa dualidade...mas globalmente, sentia repulsa de mim mesmo e sentia por elas um sentimento de injustiça, do porquê a elas, que não mereciam, não fazia sentido, era desnecessário, visto que havia uma dualidade entre alguns sentimentos positivos e negativos.

I20 – Portanto...Pode-se falar num padrão de atuação nas agressões?

P20 – Não sei se há padrão...geralmente de manhã não, porque gosto de dormir e não me ia levantar para fazer isso...agora à tarde e à noite sim...depende de há quanto tempo é que eu tinha feito isso...qualquer espaço que eu tivesse que não precisasse de justificação, eu de imediato pensava que era uma boa oportunidade...se o meu chefe dissesse que à tarde não precisava de mim, que eu tinha a tarde livre, eu não dizia à “Y”, para não ter que ficar em casa ou telefonar e automaticamente deslocava-me a esses sítios para seguir alguém...fosse quem fosse.

I21– Costumava pensar em perseguir alguém?

P21 – Tinha essa ideia recorrente...sempre presente...só estava mais refreada se tivesse cometido um ato recentemente. Houve muitas vezes em que persegui alguém e o prédio era adequado e tudo e a pessoa até correspondia aos meus padrões mas depois não fazia nada...e conseguia ir para casa, ficava só pela orquestração do ato porque conseguia sobrepor o raciocínio à minha vontade e conseguia refrear a minha ideia.

I22 – Recorda-se o total de vítimas? Mais ou menos uma estimativa...

P22 – (Acena com a cabeça) Sim! Lembro-me perfeitamente quantas vítimas foram... mais ou menos dezena e meia...todas mulheres, nunca desejei homens...raparigas mais novas porque as mulheres mais velhas têm um fator dissuasor...elas já têm a personalidade formada por isso ofereciam mais resistência, e do meu ponto de vista seria mais fácil fazerem queixa do que uma pessoa mais vulnerável.

I23 – Havia algo em comum entre as vítimas?

P23 – Eram pessoas com vidas diferentes...uma disse-me que era filha de um polícia mas não foi isso que fez conter o meu ímpeto...e houve casos de estudantes universitárias, era indiferente...estava a tentar estabelecer uma ligação para me sentir mais próximo da pessoa... eu não cheguei a fazer amizade com nenhuma, mas fiquei próximo de alguém que não está no processo...porque não fez queixa de mim...e houve uma rapariga a quem eu não fiz nada porque ela começou a resistir...

I24 – E o que aconteceu?

P24 – Uma vizinha dela foi à porta e eu fui-me embora...levei-lhe a mala, fugi e escondi-a nuns prédios mais atrás...tirei-lhe o número de telefone e telefonei para lhe dizer onde estavam as coisas dela para ela ir buscar...só que o número já não era aquele.

I25- Então não ocorreu nada neste dia?

P25- Não...

I26 – Ok! E houve repetição da mesma pessoa?

P26 – Não houve uma vítima que abordei duas vezes... isso é mentira...aquilo não aconteceu.

I27 – Está bem... Chegou a usar algum disfarce... ou algo que precisasse nas violações?

P27 – Sim, só em Oeiras...o que eu fui fazer foi apenas de voyeur...eu apenas ia para ver a prática de atos sexuais de outros indivíduos porque aquilo é um parque de estacionamento, depois vi o casal em questão e não me consegui conter...o gorro era para me esconder porque uma cara branca com gorro escuro não era tão visível... já observei mais vezes e naquela ocasião recorri ao gorro porque na outra vez fui detetado...não fiz mais nada além de observar.

I28 – O que sentia quando observava os casais na sua intimidade?

P28 – Não sei explicar...dava-me prazer...sentia alguma excitação...não tinha orgasmo...julgo que não me masturbava, não me recordo, não posso garantir.

I29 – Há alguma explicação para abordar as vítimas que se encontravam com os seus parceiros?

P29 – Não sei porquê (silêncio) ...a primeira vez até nem ia fazer nada...queria ver quase na primeira pessoa...eles recusaram... queria estar em cima do ato sexual deles.

I30 – Houve recusa por parte dos casais?

P30 – Se recusaram entre eles, eu exigi que fosse feito a mim...uma fez só masturbação, a segunda é que fez masturbação e sexo oral...houve momentos de masturbação antes do sexo oral, mas também depende, se houvesse orgasmo não havia sexo oral...o sexo oral era a busca final do prazer.

I31- E qual foi a reação dos namorados?

P31- Hum...o primeiro rapaz não viu, disse-lhe para ficar virado de costas e eu consegui manobrá-lo através de ameaças sobre a outra pessoa...dizia «atenção que tenho aqui a chave de fendas e posso fazer mal a ela» ... no segundo caso não sei se quando houve a negociação, ele já estava manietado com fita-cola no banco de trás do carro...foi ela que lhe pôs fita-cola nas mãos e foi ele que foi lá para trás segundo a minha indicação... isto ocorreu dentro do carro, na viatura deles.

I32 – O que sentia perante os atos praticados?

P32 – Havia na maioria uma sensação de domínio mas nem era o domínio nem a intimidação que eu buscava... o que me dava prazer era o prazer pelo prazer ou sentir-me desejado a nível puramente sexual. Na primeira situação, a vítima olhou-me nos olhos, colocou saliva nas próprias mãos para me masturbar, e estava com um olhar... (silêncio)

I33 – Com um olhar de...?

P33- Que não estava assustada e isso fez com que quase imediatamente eu ejaculasse...para mim esse olhar naquele momento representou desejo, não quer dizer que fosse.

I34 – Pois...Tenho uma outra questão a colocar-lhe. Quando cometeu esses atos que descreveu, mantinha relacionamento com a “Y”?

P34- Nesta altura eu tinha relações com a “Y” 1/2 vezes ao fim de semana...tinha relações orais e vaginais...podia ter das duas...depende de há quanto tempo não fazia amor... mas tinha curiosidade em ter relações anais embora não tivesse desejo ... a “Y” nunca fez nenhum comentário no final a dizer que gostou ...se lhe agradava algo ela própria dizia na altura... durante o ato e não no final...assim adaptávamo-nos logo e não havia qualquer tipo de problema...de vez em quando ela solicitava-me para fazermos amor e eu claro que dizia que sim mas na maioria das vezes era eu que a solicitava...às vezes ela aceitava outras vezes rejeitava...dizia que estava cansada ou

podia não evocar nenhum fundamento...eu sondava e percebia que ela não estava para aí virada.

I35 – Como considera o seu desempenho a nível sexual?

P35 – É normal...nem fenomenal nem medíocre...assim como o tamanho do pénis e o tempo de ereção...é tudo normal.

I36 – E a sua atividade sexual?

P36 – Hum...Comecei a masturbar-me desde os 12/13/14 anos de idade, quase diariamente... em 7 dias masturbo-me 5...à tarde, à noite...até agora, imaginemos uma sexta-feira à tarde no trabalho em que me masturbava...nessa sexta-feira à noite podia aproximar-me da “Y” e não havia nada, e não sei se no sábado à noite ainda existiria algum rescaldo da minha masturbação anterior e houve uma altura em que deixei de abordar tanto a “Y” para não a estar sempre a chatear porque eu também me sentia mal por ela estar sempre a rejeitar... estava sempre a insistir, a chateá-la, e então optei pelo caminho da masturbação.

I37- Havia calendarização para os relacionamentos?

P37 – Hum, penso que não. Não havia rotina para termos relações sexuais mas era mais ao fim de semana...por razões óbvias...tínhamos mais tempo...quando me masturbo é por desejo sexual, para obter prazer...e eu penso que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar e aquele orgasmo já ninguém me tira...eu tenho sempre orgasmo...via filmes, imagens e fotografias pornográficas, ou imaginava situações com mulheres que nunca vi ...no trabalho era só com o pensamento e algumas das vítimas também foram alvo de fantasias...serviam de fundo para outras excitações...um dos sentimentos que eu tinha era que podia ter feito mais qualquer coisa com elas e então quando me masturbava imaginava o resto sem perturbar a vítima... mas essas fantasias eram dissipadas a meio. Num dia com masturbação o orgasmo surgia um pouco enfraquecido (...) mais tardiamente...e tinha menos prazer...e num dia sem masturbação...tinha mais

prazer... o orgasmo era mais intenso e mais precoce...as relações sexuais eram mais gratificantes sem masturbação prévia.

I38 – Falou-me há pouco que visualizava filmes e imagens pornográficas... Em que contexto surgiam?

P38 – Visualizava várias cenas... isoladas, várias vezes. O contexto era normal, dentro do género normal de pornografia...

I39- Ok, entendo... Mas, quando se refere ao “normal”, o que significa para si “normal”?

P39 – Ah... refiro à pornografia habitual...encontros casuais, filmes eróticos... a pornografia gratuita da internet.

I40 – Eram imagens ou vídeos com agressividade? Havia algo deste género?

P40 – Hum...penso que não havia coação, não me recordo...

I41 – Ok! Disse-me há pouco, que chegou a imaginar situações com mulheres que nunca viu... ou mesmo as vítimas foram alvo de fantasias, certo? Gostaria que me explicasse isso melhor.

P41 – Bem...Eu não fantasiava com as vítimas nem com o ato sexual... o ato era a forma final de atingir o prazer...fantasiava encontros casuais e situações espontâneas com mulheres. Eu tenho necessidade de controlar e não me considero meticuloso... nas fantasias ou mesmo no modo de cometer as violações não era com domínio... o que não implica que não haja, porque sei que houve situações em que isso ocorreu.

I42 – Claro, claro. Existe algum motivo para ter recorrido à masturbação antes de ter tido relações sexuais?

P42 – Vou fazer uma analogia... quando tenho sede bebo água e fico satisfeito, quando tenho muita, muita sede bebo muita água e fico muito satisfeito... portanto será que vou não beber água quando apenas tenho sede para sentir a satisfação de beber muita água quando tenho muita sede? ...é preferível um orgasmo intenso uma vez por semana ou vários orgasmos diariamente? ...já tive orgasmos na masturbação que me fizeram sentir o que as relações não fizeram e outros orgasmos nas relações sexuais que superaram a masturbação.

I43 – Hmhm.

P43- Sabe, eu aproveitava todas as situações em que havia oportunidade para fazer isso. Lembro-me depois de começar o tratamento com os comprimidos...depois de desabafar com o psicólogo... foi um peso que me saiu de cima... (silêncio) e lembro-me em Dezembro quando o chefe me deu a tarde, de estar em casa com a “Y” e só depois é que me lembrei que não me tinha lembrado de ter ido ao ataque...noto diferença no comportamento... aquela sensação que tinha, de aproveitar aquela tarde, isso basicamente foi reduzido ao máximo, ou desapareceu...também noto menos desejo sexual, mesmo com a minha companheira...não sei se é da medicação ou também pela reclusão em si e também me masturbo com menos frequência, uma vez de 15 em 15 dias.

I44 – Houve possibilidade de no passado ter sido alvo de agressões sexuais...de abusos?

P44 – Não, diretamente não... houve um rapaz, devia ter vinte e poucos anos e eu 20 anos...fui perseguido depois de uma noite com os meus amigos, mas consegui despistá-lo porque entrei no comboio e voltei a sair... sabia que era para violar porque ele veio a assobiar na rua atrás de mim e metia-se nitidamente comigo.

I45 – Depois as agressões que cometidas por si foram descobertas. Como de sentiu?

P45 – Até ter sido abordado pela Polícia Judiciária eu não sabia sequer da existência de uma única queixa, mais uma razão que comprova que a outra acusação é falsa...algures na minha fantasia sentia que o meu desejo de ser desejado era também partilhado pelas

vítimas...no final achava que não tinha feito nada de mal, mas sabia que era ilegal...mas senti-me envergonhado, com raiva de mim, com medo de contar à “Y”, por temer a sua reação...se não tivesse havido queixa, não sei se teria parado... não sei se teria coragem de falar com a “Y”.

I46 – Mas chegou a contar-lhe o sucedido?

P46 – Depois quando contei à “Y” o que andava a fazer... acerca das violações, houve um choque tanto a nível de proximidade como a nível sexual...

I47 – Como assim?

P47 – Ela chorou, gritou, deitou-se no chão a bater com as mãos e teceu comentários a lamentar-se da vida que tinha...mas depois pouco a pouco as coisas foram-se recompondo...eu estava à espera que ela acabasse com tudo, mas ela surpreendeu-me, e tem-me apoiado de todas as formas possíveis e imaginárias...desde o dia em que ela soube, até à detenção foram 4 a 5 meses.

I48 – Ok. Gostaria de lhe fazer outra questão. Considerou justa a sua condenação? O que me tem a dizer sobre isso?

P48 – Ah... (silêncio) No início do processo judicial estava tranquilo...sinceramente não tinha expectativas...mas sei que tem que haver moldura penal ou pelo menos uma punição pela sociedade porque é assim que a nossa sociedade funciona...bem ou mal, tem que haver penalização, pelo menos para dissuadir casos futuros...se eu fosse juiz, ou dava vinte e cinco anos, que é a pena máxima, ou no outro extremo pedia para internar...o meu sitio não é dentro das prisões, nem pela minha personalidade porque cometi crimes mas nem sei se sou criminoso... não faz sentido os guardas serem amassecas de um recluso ou outro em particular...o outro extremo é o tratamento em meio hospitalar ou em casa com pulseira eletrónica...na altura, não conseguia conceber o que era justo para mim porque não pode ser justo para os dois lados... eu não acho que mereça dez anos na prisão mas também acho que quem fez isto merece pelo menos

vinte anos pelo impacto futuro que vai ter na vida delas e pelo desrespeito pela legislação em vigor.

I49 – Sei que tem acompanhamento psicológico cá. Como têm corrido as coisas?

P49 – Têm corrido bem... Antes fui acompanhado por outro profissional... não gostava muito, mas gosto do atual. Desabafo muito...

I50- Agora uma questão mais fora do contexto que o trouxe aqui...Quem é o “P1”? Quem é esta pessoa que tenho à minha frente?

P50- O “P1” em si, tirando esses fenómenos, sempre foi cumpridor de todas as restantes leis, como a reciclagem, apanhar o cocó do cão...são deveres cívicos que não estão imputados ...sempre tentei ser o melhor namorado possível e não devo ter sido o pior, porque ela ainda hoje está comigo, continua a ser minha namorada...também tento ser um bom filho e fui o que considero ser um bom trabalhador, comprometi toda a minha carreira... também acho que não mereço tanto tempo, por exemplo, alguém com um ano, com o meu tipo de crime é capaz de representar oito anos de reclusão com outro tipo de crime.

2- Transcrição da Entrevista do participante P2

As transcrições foram realizadas em *ipsis verbis* e, para efeitos de registo, foram atribuídos os códigos “I” para identificar o investigador e “P2” para identificar o participante do estudo.

I1- Boa Tarde. Ainda se recorda o motivo que originou o processo pela qual se encontra condenado?

P1- Eu estou preso porque cometi vários crimes...violações, sequestro e roubo. Recordo perfeitamente o que se passou.

I2- Há algum motivo para o que cometeu?

P2- Hum... (silêncio) Olhe estou aqui há procura e eu não consigo responder porque não encontro resposta... sei que, quem comete estes crimes tem de ter um motivo e eu nestes anos estou à procura... mas sei que fiz muita coisa mal.

I3- Pois, entendo. Falou-me nas violações. Consegue dizer-me o que sentia quando as cometia?

P3- Sim...(silêncio) Eu sentia mais «eu vou experimentar», dava-me uma adrenalina, eu não conseguia parar... não conseguia controlar ... depois de cometer isso, eu sentia raiva e nojo de mim... entrava na água para tomar um banho e sentia nojo de mim e não ficava feliz.

I4- Disse-me que estas situações davam-lhe adrenalina e que não conseguia parar... Eu quero perceber como se sentia ao certo.

P4- Uma espécie de adrenalina... sentia que queria fazer mesmo aquilo, entende?

I5- Sim...mas aquilo dava-lhe prazer?

P5- Penso que sim... misturado com adrenalina...com o não conseguir me controlar.

I6- Ok. E durante os atos o que sentia?

P6- Parecia ser doentio mas eu não sentia prazer...mas porquê? Porquê que eu fazia isso... não sei...eu ficava triste.

I7- Ok. Era costume pensar em cometer estes crimes?

P7- Ah...cometia estes crimes no momento...eu não escolhia a pessoa quando ia a passear... simplesmente via aquela pessoa e aquilo no momento vinha uma coisa de

dentro que não conseguia explicar...não conseguia dormir no momento se não fizesse aquilo...sei que não fiz isso por fazer, porque quando fazemos algo, é porque aquele pensamento está na minha cabeça...eu queria fazer aquilo, pois se não quisesse não fazia.

I8- Então se diz que se quisesse não fazia, porque os fez? Consegue encontrar uma resposta?

P8- (silêncio) ... eu antes não sabia responder... mas agora tenho a certeza que era por posse sobre alguém...

I9- Explique-me isso melhor...

P9- Era poder sobre o outro...

I10- Poder sobre o outro? Como assim? Consegue explicar o objetivo dessas violações?

P10- Acho que era pelo poder nas vítimas...o meu passado não me levou a fazer isso, porque antes eu não aceitava isso, era mais pelo poder... eu ia na rua e via uma rapariga atraente e para dentro de mim dizia «vou ter de fazer alguma coisa a essa» e seguia-as... e isso dava-me adrenalina...eu sei que não escolhia as vítimas, mas dessa forma acabava por escolher... era essa que queria exercer o meu domínio, queria-me afirmar.

I11- Queria se afirmar? Em que aspeto?

P11- Sim.... (silêncio) eu começava por cometer duas coisas... ora o poder e depois a violação...mas sei que em primeiro lugar o poder!

I12- Entendo o que me diz... mas existe algum motivo em concreto para querer exercer este poder na vítima?

P12- Eu não sei muito bem... sei que quando nós queremos fazer algo é porque queremos e eu não tinha dificuldades em envolver-me com mulheres, eu tinha uma

companheira... mas penso que era para me valorizar, para me afirmar em relação às mulheres... mas peço desculpa pelo que fiz... quando vejo as mulheres quem vêm aqui, eu para dentro de mim digo «peço desculpa»... sei que não violei aquelas mulheres que vêm às visitas mas sinto necessidade de dizer isso... porque fiz coisas que não devia fazer.

I13- Hum... Tenho uma outra questão... O que lhe cativava nas vítimas? O que via nelas para proceder aos atos?

P13- Eu não sei a resposta certa porque as raparigas que encontrei, poderiam ser outras. Eu sempre abominei as pessoas que praticavam estes crimes... para mim era pena de morte, até acontecer comigo. Eu tenho uma explicação para tudo isto... não é loucura mas é doença (silêncio).

I14- Porque diz isso?

P14- Na altura em Angola, a violação naquele tempo era quase normal, não é que seja normal... eu só depois de estar preso e de perceber as vivências de outras pessoas que estão aqui por crimes de violação, é que percebo que é crime. Em Angola, um amigo meu tinha feito isso e eu deixei de falar com ele... sentia nojo dele e abominava estes crimes porque tenho três filhas... e tinha uma mulher com quem eu ia casar e na altura... a minha mulher sofreu agressões sexuais em Angola com 5 homens e foi parar ao hospital e não consegui casar com ela...

I15- Porquê?

P15- Perdi a vontade... depois de cometer estes crimes, vi o quanto essas raparigas eram vítimas. Eu voltei a entrar em contacto com a minha ex-companheira e pedi desculpa por na altura não a compreender. Aquilo é um trauma o que fiz aquelas raparigas... eu peço perdão, não vou conseguir mudar e ajudar a que aquelas raparigas consigam ultrapassar o que fiz. É um fardo que vou para sempre carregar. O meu pai antes de morrer disse-me «porque estás preso?» ... eu menti, disse que eram agressões...

mas depois disse a verdade e o meu pai não entendeu o porquê de ter cometido isso ... eu era obediente e ele não conseguia acreditar no motivo e disse que não se ia zangar comigo, mas que estava triste e desiludido comigo... o meu pai faleceu em 2011 e eu não consegui dar as minhas explicações. Em relação à minha mãe, não quero que ela morra sem antes conversar com ela sobre os crimes. Sei que se alguém fizesse isso à minha irmã eu nem sei o que fazia.

I16- Tenha calma. Voltemos à questão que lhe fiz inicialmente. Consegue explicar o que atraiu nas raparigas que abordou?

P16- Não sei ao certo... sei que as raparigas eram até bonitas e jovens... era isso que apreciava.

I17- Ok. Pode contar-me como procedia às violações?

P17- Sim! (silêncio)... Hum... eu via um sítio escuro... fiz isso sempre de noite... e se a vítima estivesse a vir, procurava tapar-lhe a boca e assustava-a com uma faca que trazia sempre comigo...

I18- Quando lhe tapava a boca, estava frente a frente com a vítima?

P18- Não! Eu atacava-as sempre por trás, pelas costas, com a faca enfiada no pescoço. Elas ficavam assustadas e não faziam nada.

I19- Ok. E depois o que acontecia?

P19- Depois levava a pessoa para um sítio...um sítio escuro... a desculpa que dava, era para roubar o que elas tinham, mas era mentira...

I20- Como assim?

P20- Aquilo era só motivo para iniciar a violação... até nem percebo porque fiz aquilo, porque eu tinha dinheiro e até trabalhava... numa outra situação fiquei com o telemóvel da rapariga...

I21- Fez isso em todas as situações? E ficou com os objetos pessoais das vítimas?

P21- Sim fiz... fiquei com o dinheiro que elas traziam... mas sei que não precisava daquilo para nada.

I22- E depois o que acontecia?

P22- Depois pedia para elas se despirem... elas diziam para eu parar e imploravam para irem embora... eu não parava e despia as calças e continuava a relação...

I23- Sim... E depois?

P23- Até ejacular e só depois as deixava ir embora. Houve uma situação de uma rapariga que estava com medo de ir embora sozinha e pediu-me para ir com ela. Eu esperei por ela para ir embora, fiz com que não ficasse sozinha com medo...

I24- Durante os atos, mantinha conversa com as vítimas? Dizia-lhes algo?

P24- Sim... procurava perceber se as raparigas tinham namorado, como se chamavam... tentava falar com elas.

I25- Procedeu sempre da mesma forma com todas as vítimas? Daquilo que me descreveu, atuava sempre da mesma forma?

P25- Sim... fazia tudo sempre igual, tudo igual.

I26- Então podemos falar de um padrão de atuação nas agressões?

P26- Nunca pensei muito nisso... (silêncio) mas sim, considero que sim porque eu quando cometi estes atos, acabava por fazer sempre a mesma coisa com elas (vítimas).

I27- Em alguma situação, houve resistência por parte das vítimas?

P27- Sim, houve... não em todas ...me recordo um caso em que, quando lhe levantei as saias ela tentou fugir e bateu-me... mas eu apertei-lhe o pescoço e disse para se calar.

I28- E depois o que aconteceu? Continuou com o ato?

P28- Sim... aquilo não me impediu de continuar. Ela depois calou-se. Também me recordo de um caso e deve estar no processo... de uma rapariga que quando a violei...ela chorava e pedia para parar...mas quando introduzi o meu pénis nela, eu vi na cara dela que ela estava a gostar!

I29- Porque afirma isso?

P29- Não sei bem... mas sentia que aquele choro não era real... que ela estava a gostar da situação.

I30 – Hum... E como se sentia depois de praticar os atos?

P30- Eu depois da violação não me sentia bem... eu pensava «como será que elas estão» ... eu chegava a casa, sentava-me no sofá a pensar... se cometesse uma violação, nessa noite não dormia, ficava sempre a pensar naquilo... e sentia-me arrependido...mas depois esquecia e passado 4 a 5 dias, ou talvez semanas, eu voltava a cometer o mesmo. Ainda me sinto um porco, sinto nojo... eu não penso tanto em mim, porque sei que fui o causador... eu ainda não me sinto em paz, tenho 3 filhas... tenho uma filha de quase dez anos e a minha mulher perguntou «se me tinhas a mim porque me fizeste isso?».. eu não compreendi e tentei me suicidar... mas a morte não me levou e aí eu pensei que seria um sinal de Deus e também para mudar a minha vida... sei que não posso mudar o que fiz, mas aprendi.

I31- Hum...agora tem a noção que o terminar com a sua vida não resolveria os seus problemas e se está convicto que pode mudar a sua vida e aprender com os erros, é assim que deve pensar. Agora tenho outra questão. Recorda-se mais ou menos de quantas vítimas foram? Uma estimativa...

P31- Sim recordo...se não estiver enganado, umas 4 ou 5 raparigas. Eu me recordo que uma ainda era menor e as outras quatro eram grandes.

I32- Ok. E dessas raparigas que me falou, houve repetição de alguma?

P32- Não, isso não... que eu saiba não!

I33-Sabe precisar quanto tempo demorava com cada pessoa?

P33- Sei...mais ou menos vinte minutos. Ia a passear, via a rapariga, abordava, fazia a relação e depois ia-me embora...cometi essas agressões ao longo de oito meses, até ser descoberto.

I34- Usou algum objeto?

P34- Usava sempre uma faca... tenho tido pesadelos com isso, sonho com as vítimas... eu vejo as novelas e está a dar a «Única Mulher» e vejo um episódio de violação em específico e faz-me lembrar eu...sonho com as vítimas... sei que há caras que abordei na escuridão que não me recordo, mas há outras que me recordo perfeitamente e sonho com elas.

I35- Hum...Quando diz que sonha com elas... sonha com o quê, em específico?

P35- Olhe há uma rapariga que violei em Carcavelos, eu sonho com ela... era uma inglesa e revejo certas frases em inglês que ela me disse... na altura não ligava porque nem percebia o que ela dizia... mas, agora como estou a ter aulas de inglês é que entendo o que ela me dizia.

I376 E como se sente ao reviver este episódio?

P36- Sinto raiva, tristeza... sinto nojo de mim e arrependimento...

I37- Está bem... Chegou a usar algum disfarce nas violações?

P37- Sim... usava sempre um gorro para não ser reconhecido.

I38- E depois o que sentiu quando descobriram as agressões que cometeu?

P38- Era um misto de vergonha, arrependimento e tristeza...eu era o dono da moral, eu era o senhor que falava mal destes crimes e depois fiz isso... por isso é que quando eu fui condenado a 18 anos de prisão, achei justo.

I39- Achou justa a sua condenação?

P39- Achei sim... nem recorri a nada e até hoje acho justo, sei o que fiz e estou pagando por isso. É a oportunidade que Deus me deu para mudar a minha vida. Eu mereço cada segundo e cada ano e o que me foi dado vou cumprir. Eu sei que quando sair daqui vou olhar de maneira diferente para as mulheres.

I40- Porque diz isso? O que o leva a pensar assim?

P40- Quando passam filmes de agressões sexuais aqui no programa onde estou com outros agressores, eu me revejo ali, sinto tristeza...sinto que foi o que fiz... o programa me tem feito bem.

I41- Hum, ok. Sei que tem acompanhamento psicológico e psiquiátrico aqui. Como têm corrido as coisas?

P41- Têm corrido muito bem... me sinto muito bem...aos pouco vou ficando em paz porque vou compreendendo o que fiz. Gosto de falar com o psicólogo... Eu sinto necessidade de falar com as pessoas... eu preciso de ajuda, preciso de falar com

alguém... falo com a doutora, para ela me ajudar a entender o porquê de ter feito as violações...ela me entende bem e não me julga como o meu pai...apesar de perceber que, aos poucos e só com a minha entrega, conseguirei falar sobre todo o meu passado...

I42- Atualmente está a tomar medicação?

P42- Sim... tomo uns comprimidos para dormir, porque quando vim para a prisão, não conseguia dormir... atualmente durmo bem e faço as minhas coisas bem. Vou aos programas que a minha educadora me aconselhou... vou ao psicólogo quando me chamam e de vez em quando é que falo com o psiquiatra.

I43- E como se tem sentido?

P43- Bem, doutora.... Estou bem e sinto que quando sair daqui irei ser uma pessoa diferente.

I44- Diferente em que aspeto?

P44- Eu recordo todos os dias do que fiz e sei que não quero isto para a minha vida...não quero fazer mais isso... eu sei que dizem e tenho ouvido nos programas que as pessoas que violam têm tendência para reincidir... mas eu tenho a certeza que não vou voltar a cometer esses crimes ... eu não respeitava o sexo oposto, porque se fiz isso é porque não respeitava as mulheres... mas não voltarei a fazer isso.

I45- Ok. E agora uma questão final... quem é o “P2”? Quem é esta pessoa quem tenho à minha frente?

P45- Sei que sou uma boa pessoa...sou educado, obediente...gosto da minha família e tenho bons amigos...também sou trabalhador... só que cometi aquelas violações e estou pagando por isso... mereço pagar pelo que fiz e estou arrependido. As raparigas não mereciam aquilo, por isso vou pagar a minha condenação até ao fim doutora.

I46- Ok. Da minha parte está tudo. Agradeço o facto de ter disponibilizado este tempo para falar comigo. Tem alguma questão que queira colocar?

P46- Não doutora. Foi bom falar consigo, dizer isso... gosto de falar com as pessoas, faz-me sentir bem.

I47- Ok. Obrigada, pode ir.

3- Transcrição da Entrevista do participante P3

As transcrições foram realizadas em *ipsis verbis* e, para efeitos de registo, foram atribuídos os códigos “I” para identificar o investigador e “P3” para identificar o participante do estudo.

I1- Bom dia. Recorda-se o motivo que originou o processo judicial pelo qual se encontra condenado?

P1- Sim, por crimes de violação. Ocorreu em 2008, quando saía do local de trabalho. Não sei explicar o porquê de ter feito aquilo... surgiu no momento.

I2- E antes de cometer estes crimes como se sentia?

P2- Antes tinha tido uns problemas pessoais e familiares e laborais...andava com a minha vida feita num oito e tenho problemas clínicos e antecedentes e andava desorientado... fui agressivo e é uma coisa estúpida isso o que fiz, foi o extremo mas já houve situações mais difíceis na minha vida.../a psicóloga clínica tem-me ajudado muito cá dentro. Atualmente até já consigo raciocinar e ter noção das coisas que fiz.

I3-Quando fala em situações difíceis refere-se ao quê em concreto?

P3- Isto tem a ver com situações passadas, traumas do passado. Eu quis implicar aos outros situações que me foram implicadas.

I4- Como assim?

P4- Tive problemas na infância, problemas de abuso da minha mãe e padrasto... dou um exemplo, tive fechado 3 meses num armário a pão e a água...somos dezasseis filhos no total e eu quando nasci não fui muito bem recebido pela minha mãe e fui criado pela minha avó materna e as situações de crimes aconteceram quando ela (avó) estava doente e com cancro na boca... ela durou muito, morreu com 73 anos. Ela para mim era mais que tudo.

I5- Uma outra questão mais específica. Referiu-se aos abusos...Existiu abusos a outros níveis?

P5- Sim, por parte da minha mãe e padrasto...refiro-me a abusos sexuais...na altura tinha 8 anos e numa situação mais a frente, já tinha 13 anos e foi com os amigos da minha mãe e por volta dos 16 anos fugi de casa... as agressões deram-se até esta data.

I6- E depois o que aconteceu?

P6- Fui internado numa instituição ...foi um primo meu que me mandou para lá, tive lá cerca de oito meses. Quando tive 17 anos sai de lá e fui trabalhar.

I7- Sei que são situações sempre difíceis de reviver... mas como se sentia nestas agressões sexuais? Consegue recordar-se?

P7- Raiva, ódio... não sei bem...

I8- Entendo o que me diz...Falou-me no falecimento da sua avó...Como lidou com a perda desta pessoa tão significativa para si?

P8- Quando ela (avó) faleceu, do ano noventa e nove para dois mil e tal fiz tratamento psicológico porque não comia e não fazia nada, não tinha reação...deram um nome para isso, perda súbita de suporte...trauma de qualquer coisa ou a pessoa vive bandido ou bloqueia... e eu tive várias fugas de casa para casa da minha avó, no passado. A minha avó faleceu no dia antes dos meus anos e eu não comemoro.

I9- Não comemora por causa da morte da sua avó?

P9- Sim, desde a morte dela, não comemoro... não faz sentido para mim...ela era tudo para mim, perdi alguém muito importante na minha vida.

I10- Compreendo. Voltemos então ao processo. Consegue encontrar uma resposta objetiva para os crimes cometidos?

P10- Não consigo encontrar uma resposta objetiva, mas tenho duas ou três razões... eu estava a vivenciar a minha vida de forma negativa, estava sem trabalho e em stresse... a minha filha tinha-me sido retirada... a mãe da minha filha tinha-me sido infiel e eu apanhei a situação toda...fui traído inúmeras vezes ...Foi um misto de acontecimentos todos na mesma altura que me desorientaram...eu na altura como não tinha ninguém continuei com ela... era uma relação de dependência eu sei que era dependente dela, a todos os níveis... eu estava submetido a alguém e naquelas situações (violações) eu quis-me afirmar sobre alguém percebe isso?

I11- Afirmar-se sobre alguém em que aspeto?

P11- Eu estava sendo oprimido pela mãe da minha filha e eu queria-me afirmar, sentir – me alguém, queria exercer o meu poder, queria-me sentir superior a alguém...coisa que nunca fui antes... e também a terceira razão é tudo o que passei e sentir-me isolado sem conseguir resolver nada...quis meter na vítima tudo o que passei na vida.

I12- Então porque procedia aos atos?

P12- Não fiz isto para me satisfazer porque não obtive satisfação nenhuma...depois do ato em si, eu não conseguia dormir... não me sentia bem com aquela situação e sentia raiva e arrependimento e remorsos de mim.

I13- Se me diz que com ato sexual não obtinha satisfação sexual...então o que sentia antes de cometer as violações? Consegue explicar?

P13- Não sei muito bem... mas devido aos meus problemas todos, eu sentia o querer fazer aquilo...sentia um mix...sentia aquela necessidade de descarregar nas vítimas tudo o que passei e juntamente com isso, pode-se falar numa pré-excitação... uma espécie de revolta misturada com desejo... mas depois no ato em si, não sentia prazer... e depois vinha o arrependimento.

I14- Ok. Acha que a razão para exercer esse poder nas vítimas advém de toda a sua situação vivencial? Consegue encontrar uma explicação?

P14- Sim... eu tive com a mãe da minha filha durante quatro anos e meio e só no primeiro ano é que tive excitação sexual porque ela me pedia...e houve uma situação em que recorri a prostitutas, mas na hora “h” não conseguia ter ereção e ia-me embora...e houve uma situação em que me chateei com a minha companheira e me envolvi com uma amiga dela...sinto necessidade de satisfazer o parceiro mais do que a mim.

I15- Porque diz isso?

P15- Não me importa de estar numa situação de submissão em relação às mulheres... e quando digo isto é em relações laborais, familiares... não me importa que sejam elas a gerir as coisas, até é melhor para mim...

I16- Entendo... mas a satisfação que referiu, é em termos familiares e laborais ou comporta outros campos?

P16 – Quando lhe falei em satisfação, referia-me a nível sexual...satisfazer a parceira primeiramente e depois a mim... aprendi com a minha experiência sexual que seria a melhor opção.

I17- Porquê?

P17- Porque sim, aprendi que seria assim!

I18- Ok. Recorda-se como ocorreram as violações?

P18- Sim... Eu via alguém com o qual me identificasse e ia ter com a pessoa...puxava-as para uma zona descampada e depois agarrava-as com muita força...costumava fazer um bloqueio de braço (demonstra)... os guardas e polícias fazem todos esse bloqueio... mandava-as ao chão...elas pediam para largar e saírem daquela posição, mas eu tirava o braço e passava para o pescoço...

I19- Como se encontravam as vítimas nestas situações?

P19- Assustadas! É claro que elas começavam a mandar vir comigo, mas eu gritava-lhes para ficarem quietas...e eu tirava-lhes o cinto e as calças...há coisas que não se conseguem explicar.

I20- Que coisas? Refere-se ao quê concretamente?

P20- Há factos que não sei precisar se foram antes ou depois...se tirava o cinto e depois as calças ou o contrário... depois tirava o preservativo e consumava o ato...mas depois para não ir logo embora, metia conversa com elas.

I21- Que tipo de conversas?

P21- Perguntava-lhes o nome, onde moravam... e elas aí já estavam bem... já não se encontravam assustadas e a conversa fluía naturalmente.

I22-Consegue descrever-me as vítimas que abordava?

P22- Quando me envolvo com alguém, não aprecio se é bonita ou feia...não me importava isso... falo com as pessoas com o olhar.

I23- Com o olhar?

P23- Sim... para mim ser bonita é por dentro... como a pessoa trata e lida comigo é isso que importa...

I24- Sim. Mas estamos a falar de contextos completamente diferentes. Estamos a falar das violações e gostaria de perceber, caso consiga descrever, como eram as vítimas.

P24- Ah... Uma vítima era pequena, outra tinha os cabelos meio alourados...nunca pensei muito nisso...queria era exercer simplesmente o meu domínio... usei a força física para lhes coagir, para elas (vítimas) não fugirem...

I25- E como se sentia ao usar da força física para lhes coagir?

P25- Tinha de ser... se não mostrasse o meu poder e que eu é que comandava a situação, elas fugiam... sentia aquele mix de excitação com vontade... uma vontade do tipo “tem de ser”... até ser mesmo...

I26- E houve alguma reação por parte das vítimas?

P26- Sim claro! Levei estalos... cheguei a levar delas mas nem senti dor e continuei com o ato...mas também não sinto dor desde o falecimento da minha avó, acontece...

I27- Sente dificuldade em sentir dor? Tem dificuldade em expressar o que sente?

P27- Sim... tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos e emoções, já há muito tempo... aqui dentro até já consigo falar, raciocinar, expressar... a psicóloga tem feito um bom trabalho e eu sinto que preciso me envolver para poder compreender o que fiz.

I28- E em lidar com pessoas do mesmo sexo e sexo oposto?

P28- As minhas melhores amigas são raparigas... sinto-me mais protegido, mais aberto, mais espontâneo. Os homens só sabem falar de três coisas, sexo, futebol e carros e eu com as minhas amigas falo de tudo e fica guardado. Os homens só têm serradura na cabeça. /Mas eu sou muito doce para quem me trata bem...mas quando as coisas azedam eu recorro a tudo...

I29- Como assim?

P29- Cheguei a manifestar uma situação de agressividade com a minha tia, e ela atualmente não anda...

I30- Porque fez isso?

P30- Por revolta (esboçou um sorriso na situação).

I31- Revolta de quê ou de quem?

P31- Da minha tia Conceição... quem é a filha que sai de casa aos 16 anos de idade e a minha tia nunca quis saber da mãe, quando se separou do marido é que foi lá para casa e se lembrou que tinha uma mãe... ela batia e sugava o dinheiro da minha avó...

32I- Chegou a presenciar alguma destas situações que relatou?

P32- Sim...sentia-me em choque... não era raiva nem cólera...é um mix... sei que cheguei a agredi-la muitas vezes e numa situação ela chegou a vir da varanda para baixo.

I33- E acha que este era o procedimento correto para lidar com a situação?

P33- Na altura foi assim que agi... como lhe disse, por revolta de tudo o que ela fez à minha avó.

I34- Vivenciou mais alguma situação agressiva?

P34- De todas as situações mais agressivas, tive algumas que podem dar origem em processos ou não...foi em situações em que estava mais aflito, mais instável e vulnerável... eu não sou uma pessoa agressiva, sou uma pessoa tranquila no meu dia-a-dia... eu não reajo perante algumas situações...numa posso levar porrada, porque não reajo e fico quieto... a pessoa pode-me atacar eu não reajo... perante algumas pessoas eu não reajo e perante outras pessoas eu reajo e parto tudo...

I35- Conseguir controlar a sua agressividade em todas as situações ou só em algumas?

P35- Só em algumas... existem situações em que a agressividade surge em primeiro lugar e eu reajo a quem me provoca e parto tudo...Cá dentro houve uma situação difícil e lidei como pude...

I36- Que situação é esta?

P36- Tive um problema cá dentro, há um ano tive uma zanga... eu já andava saturado cá dentro... tanto posso partir para o isolamento como para a agressão... já fiz testes para ver a reação...atualmente tenho mais raciocínio sobre as coisas... consigo pensar mais calmamente e também a psicóloga têm-me ajudado mesmo muito.

I37- Considera útil os acompanhamentos então?

P37- Sim, sem dúvida... falo abertamente porque confio na doutora...sem qualquer problema... é um sentimento de calma e de compreensão...dou-me muito bem com ela.

I38- Ok. À exceção das violações que me falou... já estive envolvido noutras relações

P38- Considera útil os acompanhamentos então?

sexuais contra a sua vontade?

P39- Sim, com a minha prima de 14 e eu na altura tinha 10, ela deu-me tantos estalos e forçou-me a ter relações com ela...também já tive com outras raparigas que faziam chantagem comigo e agrediam-me para obterem relações sexuais...

I40- Como se sentia nestas situações?

P40- Sentia-me zangado, mas consumava o ato.

I41- E depois do ato como se sentia?

P41- Normal... aceitava a situação... sei lá... aceitava as coisas como elas eram.

I42- Quanto tempo ficava sem agredir? E quanto tempo durava as agressões?

P42- Podia ficar semanas sem fazer nada...mas depois violava...quanto ao tempo que tinha com elas... penso que talvez uma meia hora a quarenta minutos...os crimes ocorreram mais ou menos durante seis a sete meses... não foram seguidos.

I43- Ok. Uma outra questão. Acha que as agressões teriam continuado se não fosse detido?

P43- Acho que não continuava! Tinha ajuda de uma amiga que me queria tirar de Portugal e ajudar a organizar a minha vida...quando soube da denúncia nem queria

acreditar, fiquei envergonhado por mim, pelas minhas colegas... fiquei assustado sem saber o que elas poderiam pensar de mim... mas até que me têm apoiado.

I44- Ok. Antes da detenção tinha companheira?

P44- Sim... estava com a minha companheira e tenho 1 filha... atualmente não tenho companheira... sabe que 7 anos aqui é complicado.

I45- Ok. Usou algum objeto para intimidar as vítimas?

P45- Sim... usava sempre um x-acto nas agressões para coagir as vítimas e houve resistência mas não me fez parar a situação... fiz sempre o que quis.

I46- E utilizou algum disfarce?

P46- Não, nunca usei...

I47- Ok... chegou a ficar com algo pessoal das vítimas?

P47- Sim, fiquei com as malas... porque na altura era uma forma de garantir que elas (vítimas) vinham comigo... mas houve um episódio em que a rapariga deu-me a sua mala, quando a persegui e a abordei na estação ferroviária, mas não quis ficar com a mala...

I48- Mas ficava com as malas das pessoas para que finalidade? Ou depois dava-lhes de volta?

P48- Cheguei a dar e cheguei a ficar... Fiz isto apenas para elas (vítimas) virem comigo...

I49- Ok. Tenho conhecimento que teve anteriores reclusões. Trata-se de que crimes?

P49- Foi em noventa e nove...um processo de abuso sexual de menores...tive preso 4 anos e meio por causa deste processo... conheci a vítima, era do meu círculo próximo...

I50- Foi premeditado?

P50- Não foi premeditado, foi ocasional... na altura pensei só em coagir a vítima e sentir-me bem por isso... pelo meu passado... mas não quero falar mais nisso... faz parte de um processo passado.

I51- Ok. Sabe precisar quantas vítimas foram no total?

P51- Sim...cerca de quatro pessoas...a do abuso sexual de menores e as restantes do processo de violação.

I52- Alguma repetida?

P52- Não, isso não!

I53- Ok. Tem mais algum processo relativo a outros crimes?

P523 Sim...De serviço comunitário, destruição de património, vandalismo, apreensão de armas, muitas agressões físicas, abuso e violação e furtos...

I54- Ok... outra questão. Alguma vez visualizou imagens ou vídeos que continham pornografia?

P54- Sim, eu sei eu tinha isso, eu confesso... isso consta no processo... eu tinha um Nokia e há vestígios, eu navegava na internet, tenho três discos e às vezes tinha vírus e eu sacava vídeos e coisas... /quando via sentia uma curiosidade e via as fotografias...

I55- Que tipo de fotografias se refere?

P55- Na maior parte eram raparigas nuas em atos sexuais... e também tinha ficheiros com crianças...em alguns dos vídeos que vi apanhava a parte do tronco da vítima... estavam nuas e via-se que os homens exerciam intimidação nas mulheres, comandavam o cenário sexual...mas elas gostavam... mas pronto do que me lembro é mais ou menos isso...mas não recorria a pornografia para me excitar!

I56- Não? Então o uso tinha que finalidade?

P56- Não... eu excito-me com mulheres bem mais velhas do que eu...as mais novas foi para ter experiências... por exemplo eu tinha 18 e a mulher 46...foi o marido que quis... e tive o ato sexual com várias pessoas...senti-me “a última coca-cola do deserto”... eu era pago para isso! Acontecia de tudo...sexo oral, anal, tudo...foi atrás desta ocupação que aprendi uma regra... primeiro dar prazer à parceira e depois a nós...aprendi muitos truques que são úteis. Nessas situações havia um meio-termo... podia ser usado como objeto sexual e outra que podia ser o inverso...comecei a ter um caso com uma mulher casada e ela introduziu-me neste meio da prostituição e fazia isto para ganhar uns lucros e alguma satisfação sexual.

I57- Costuma receber visitas?

P57- Não quero que ninguém venha ver-me... é muito doloroso para mim ver as minhas amigas aqui dentro. E estava a usar ansiolíticos porque ficava nervoso com as visitas... mas tenho uma amiga aqui dentro a trabalhar que considero minha amiga, como uma mãe.

I58- Alguém próximo de si, presumo?

P58- Sim...uma profissional que me ajuda muito.

I59- Acha justa a situação em que se encontra?

P59- Sim acho justa a situação em que me encontro porque não se faz aquilo que eu fiz... se eu não gostei do que me fizeram no passado ... já passei na pele o que elas passaram e sei as marcas que deixam...

I60- Se fosse juiz que medida atribuí a si próprio?

P60- Não sei... talvez deixasse as coisas como estão...apanhei doze anos... /talvez queria de forma diferente a nível de abordagem... ter acompanhamento psicológico diário e não de quinze em quinze dias... seria ótimo um acompanhamento diário para obter mais respostas pelos crimes que fiz.

I61- Compreendo. Chegamos ao fim da entrevista! Quer questionar ou esclarecer algo que tenha ficado por dizer?

P61- Não...acho que lhe disse tudo.

I62- Obrigada pela sua participação e pela sua disponibilidade em colaborar nesta entrevista.

4- Transcrição da Entrevista do participante P4

As transcrições foram realizadas em *ipsis verbis* e, para efeitos de registo, foram atribuídos os códigos “I” para identificar o investigador e “P4” para identificar o participante do estudo.

I1 – Ainda se recorda o motivo que originou o seu processo judicial?

P1-Sim...Quer saber de qual o processo? ... é porque estou condenado por vários processos de violação... violação com roubo e sequestro... mas isso já deve ter consultado.

I2- Sim... Agradecia então que referenciasse os crimes de violação. Consegue explicar o que o levou a praticar estes crimes?

P2- Olhe, não consigo arranjar palavras certas para o que fiz...nem sei ao certo porque o fiz...os crimes que cometi surgiram depois de terminar o relacionamento com a minha companheira... também comecei a consumir substâncias...estava desorientado e não sabia que rumo dar à minha vida...sentia-me a nível emocional muito instável...mas não sei justificar o porquê do que fiz... passei estes anos todos a pensar numa resposta e não arranjo.

I3- Porque terminou o relacionamento?

P3- A minha companheira disse que já não dava...tínhamos algumas zangas de casal...zangas normais, e a minha mulher fartou-se...

I4- O que entende por “zangas normais”?

P4- Discutirmos... assuntos de casal... coisas da nossa vida... do dia-a-dia, despesas... e depois não deu mais...

I5- Havia agressividade física nestes desentendimentos conjugais?

P5- Não, isso não...

I6- Como se sentiu com o fim do relacionamento?

P6- Muito mal, doutora...não consegui aceitar o não... apesar das nossas discussões, considerava a relação boa... e quando acabou, fui abaixo ...comecei a consumir substâncias, várias drogas e a desorientar-me e escolhi outros caminhos... até acontecer as agressões...

I7- Acha que há uma interligação entre a rutura do vosso relacionamento e o início das agressões?

P7- Atualmente tenho discutido isso com a psicóloga... acho que estava a castigar as vítimas para castigar a minha ex-companheira... sei que é uma possibilidade... mas não é a única.

I8- Castigar a sua ex-companheira?

P8- Sim... pelo fim do relacionamento... por tudo o que sofri com a nossa separação.

I9- Existem então outras possibilidades para os crimes cometidos?

P9- Sim... não vou negar que não adquiria prazer...

I10- Quando?

P10- Antes de violar as moças e durante as violações...

I11- Ok. Gostava de perceber, o que sentia exatamente antes de realizar as agressões sexuais?

P11- Não sei dizer muito bem... explica-se com o sentir, sentir o momento mais do que palavras ...aquilo era uma coisa instintiva, uma coisa do momento...como disse, aquela vontade de chegar perto delas... de controlá-las...mas também era pelo prazer...

I12- Prevalencia a vontade de controlar a pessoa juntamente com o prazer?

P12- Sim...não consigo explicar, sente-se...

I13- De que forma queria controlá-las?

P13- Queria que elas sentissem a minha vontade... que entendessem aquilo que eu sentia...

I14- E acha possível ter surgido?

P14- Talvez...nunca lhes questioneei sobre isso...

I15- Descreva-me essa vontade que falou.

P15- (silêncio)... sei que sou uma pessoa impulsiva... ou melhor, já me encontro mais contido... mas na altura dos crimes, sentia que não me servia de nada não ir atrás delas... que ganhava mais ao levar a minha ideia até ao fim... não pensava nas consequências...

I16- O que sentia em relação às vítimas?

P16- Sinto pena delas... sei que as vítimas estão a sofrer...sei que não há palavras para o que fiz...no dia da violação não sentia nada por elas... não pensava no que elas poderiam estar a sentir... queria fazer aquilo...só depois de acontecer é que me arrependia...

I17- Então havia o arrependimento depois das violações?

P17- Sim, o arrependimento surgia sempre... ia para casa e sentia que não havia necessidade de fazer aquilo... mas depois voltava a seguir outra moça e voltava a violar...

I18- Quanto tempo passava até cometer a próxima violação?

P18- Podia ser uns dias ou umas semanas... mas não era mais do que isso.

I19- E o que sentia nesse período sem agressões sexuais?

P19- Sentia-me normal... não pensava em violar ninguém... mas depois passado esse tempo, começava a sentir aquela vontade de seguir... de violar...de voltar a controlar a moça e sei que isso é que era o principal fator... mas também o prazer.

I20- Em que circunstância é que abordou ou interagiu com as pessoas envolvidas no processo?

P20- Quando saia do trabalho...e quando me dirigia aos transportes, avistava uma rapariga e depois seguia-a... dava-me aquela grande vontade...

I21- Era costume pensar em seguir alguém?

P21- Não...mas sei acabava por acontecer... senão não seriam tantas raparigas...

I22- Então pode-se falar num planeamento prévio das agressões?

P22- Acho que sim... eu de certa forma agia sempre do mesmo jeito... a hora do crime é que podia ser diferente... no final de tarde, quando saia do trabalho... ou à noite, também quando saia mais tarde do trabalho.

I23- E como procedia?

P23- Depois de avistar a rapariga e seguir o caminho que ela fazia...agarrava quando elas estavam de costas e tapava-lhes a boca...trazia comigo uma faca para poder atuar... e levava-as até um sítio... ameaçava que se fizessem barulho e gritassem por socorro, que as matava...

I24- A coerção que descreveu estava sempre presente? Agia de modo idêntico com todas?

P24- Sim...como disse, havia as ameaças físicas e verbais...e acabava por agir mais ou menos da mesma forma...

I25- Ou seja... um padrão de atuação?

P25- Sim!

I26- E com se sentia nestas situações?

P26- Uma certa vontade de as seguir... de as violar... não sei bem, porque aquilo era instintivo... também tenho um fraco controlo dos impulsos... e costumo agir violentamente e não pensava nas consequências das coisas que fazia.

I27- Quando se refere ao facto de agir instintivamente, havia o pensamento de querer proceder às agressões?

P27- Sabe, eu quando cometi esses crimes, eu era um garoto, era novo e não estava bem... não estava em mim... fiz isto sem pensar...mas sim, ficava um período sem fazer nada e lidava bem com isto... mas depois a vontade voltava a surgir e aí não havia volta a dar... tinha de violar.

I28- Quando é que se apercebeu da sua impulsividade e agressividade?

P28- Aqui dentro...no início da minha pena eu estava noutra prisão... só depois é que fui transferido para cá...e sei que o meu comportamento não era o melhor...era impulsivo e levava alguns castigos...mas depois com os acompanhamentos fui-me endireitando...no início da pena, houve um certo momento que eu deixei de ir para o pátio, de conviver com as pessoas... cheguei mesmo a evitar estar com pessoas... e a

psicóloga me disse que era uma espécie de evitamento social... mas aos poucos fui-me adaptando...

I29- Adaptando?

P29- Sim, fui recebendo medicação, fui ouvindo a psicóloga, fui questionando certas dúvidas da minha vida e ... hoje em dia não sou a mesma pessoa... não sou o mesmo garoto que cometeu esses crimes sem pensar...

I30- Então quem é esta pessoa que tenho à minha frente?

P30- Doutora assumo que estou diferente... que lido com os problemas de forma diferente de antes... assumo que era muito impulsivo e tinha muita ansiedade em mim...

I31- Explique-me mais sobre essa ansiedade...

P31- Era em tudo... nas coisas boas e más que me aconteciam... mas quando haviam situações negativas... eu quase explodia de agressividade... não me controlava... mas agora já é diferente... penso mais sobre o que faço...

I32- Considera úteis os acompanhamentos?

P32- Sim... sinto necessidade de ser acompanhado, de receber orientações pelo melhor caminho... aqui dentro fiquei motivado para concluir os estudos e consegui... agora estou trabalhando, sou fascina e tenho bom comportamento... também estou inserido no programa dos agressores sexuais... aí vou percebendo o que fiz...

I33- De que forma os acompanhamentos fazem-no entender o que fez?

P33- Porque falamos abertamente, sem receios... tenho consciência que é para me ajudar ...por isto estou na boa. Sem stresses...no início é sempre difícil falar dos crimes... sentia-me envergonhado pelo que fiz e não falava sobre tudo... mas depois

vamos percebendo que é para nos ajudar... a cada sessão noto uma diferença, e sinto que o meu empenho é cada vez maior...

I34- Sente necessidade de se desculpar pelo que fez?

P34- Sim...sinto que sim, doutora...

I35- Outra questão. Como se encontravam as vítimas nestas situações?

P35- Sinceramente sei que estavam amedrontadas...mas algumas resistiram e outras não e acho que isso dizer muita coisa...

I36- Refere-se ao quê?

P36- Quando abordei pelo menos duas vítimas... elas não reclamaram... vieram comigo até onde quis... por isso penso até que não é bem o violar uma pessoa...

I37- Acha que por não haver oposição da vítima, não se pode considerar violação?

P37- Eu sei que fui condenado por 6 violações neste processo... mas considero apenas algumas umas violações, em que as raparigas não consentiam a violação e lutaram comigo... enquanto outras nem abriam a boca.

I38- Talvez já parou para pensar e chegar à conclusão que o facto de não resistirem não é o mesmo de não se encontrarem assustadas... que cada pessoa vivencia o medo à sua maneira... umas podem interiorizar o que sentem e outras exteriorizar.

P38- Sim, faz sentido...

I39- Faz mesmo?

P39- Sim faz.... Nem todos somos seres iguais...entendo isso doutora...

I40- Quando as vítimas ofereciam resistência...dava continuidade ao ato?

P40 Sim... tinha sempre presente as ameaças... dizia para se calarem e caso não o fizessem, eu tirava-lhes a vida... aí elas percebiam que não estava ali a brincar... e que a situação era séria.

I41- Voltando à violação... Depois de as intimidar o que acontecia? Consegue descrever?

P41- Sim... depois levava-as para um sítio onde não havia outras pessoas por perto... porque isso podia fazer com que gritassem... e despia-as e tinha sexo com elas até ejacular... depois fugia.

I42- Fugia e o que acontecia depois?

P42- Não sei, porque não voltava ao sítio... para lhe dizer a verdade não sei como ficavam as moças depois.

I43- Durante o ato mantinha conversa com elas?

P43- Não me recordo... mas penso que não.

I44- Chegou a ficar com algo pessoal das vítimas?

P44- Sim... cheguei a ficar com o dinheiro e os telemóveis delas.

I45- Porquê?

P45- Não sei bem... sentia que devia fazê-lo... depois de as ver assustadas, aproveitava para tirar o que traziam... pedia para me darem tudo o que transportavam nas malas... e só depois é que continuava a violação.

I46- Ok. E o que fazia com os objetos retirados?

P46- O dinheiro nem precisava daquilo porque como lhe disse, tinha um trabalho... mas aproveitava e depois comprava algo que necessitasse... os telemóveis guardava-os em casa.

I47- Disse-me há pouco que nem todas as raparigas sentiam medo... Mas no entanto, considera que se encontravam assustadas...

P47- Sim... sei que no fundo estavam assustadas... às vezes é mais fácil esconder o que se quer dizer...

I48- Porquê?

P48- Para não ter de lidar com o sofrimento delas... para não pensar no que fiz, é doloroso.

I49- Acha que as agressões continuariam caso não fosse descoberto?

P49- Por acaso, já pensei nisso... cá dentro, pensamos melhor sobre a vida, porque estamos fechados e também temos tempo... e não consigo dizer sim nem não...mas acho que continuaria... porque pensava que nunca ia ser descoberto...

I50- Porque considera isto?

P50- Pela forma com falava com elas... eu deixava bem claro que se abrissem a boca, que acabaria com a vida delas e pensei que isso bastava para não haver queixa...mas

pelos vistos não...senão não me encontraria aqui hoje...senti-me em choque, nervoso, envergonhado, com medo do que a minha família me poderiam dizer, pensei em várias coisas ao mesmo tempo.

I51- Tenho uma questão mais específica... O que o atraiu nas vítimas?

P51- O corpo delas! Eram bonitas...atraentes... a cara delas... tudo em si.

I52- Durante quanto tempo é que sucederam as agressões? E quanto tempo durava cada ato?

P52- Quase um ano... Penso que desde o avistar a rapariga, seguir e realizar as agressões, durava quase uma hora...

I53- Utilizou algum disfarce nas violações?

P53- Não, apenas a faca...

I54- Houve repetição da mesma pessoa?

P54- Não.

I55- Considera justa a situação processual em que se encontra?

P55- Fiquei com 19 anos de prisão por vários processos de violação...são 3 no total e como foram 8 vítimas...considero adequada a pena.

I56- Se fosse juiz que pena atribuía a si?

P56- Não sei doutora...aceito o que recebi.

I57- Já foi condenado por crimes de natureza idêntica aos do presente processo?

P57- Sim... os outros dois processos de violação que falei.

I58- Lembro-me que falou no consumo de substâncias... atualmente mantém consumos?

P58- Não doutora... até porque “vamos ao copo” e se estou como fascina é porque tenho mantido um comportamento regular... pode perguntar à minha educadora...quando entrei na prisão, iniciei tratamento e já não consumo nada.

I59- Toma medicação?

P59- Sim...vários comprimidos... para dormir, para a minha ansiedade... mas pergunte à minha educadora.

I60- Tenho outra questão. Chegou a filmar ou fotografar as situações?

P60- Não... nunca fiz isso!

I61- Costuma ver pornografia?

P61- Aqui dentro? Não... e não tinha esse hábito antes.

I62- Recebe visitas?

P62- Da minha mãe e irmãos...

I63- Que opinião têm os seus membros familiares sobre os crimes praticados?

P63- Não peço compreensão, não peço que a minha família me entenda...porque eu próprio estou procurando respostas até hoje... só quero é que não me abandonem...que me continuem a visitar.

I64- Ok. Chegamos ao fim da entrevista. Têm alguma questão?

P64- Não doutora./

Anexo E. Análise das Entrevistas dos Quatro Participantes P1,P2,P3 e P4 utilizando o método fenomenológico de Giorgi

1- Análise da Entrevista do participante P1

Unidades de Significado	Transformação das Unidades de Significado em Unidades de Significado Psicológico	
<p>US1</p> <p>I – Ainda se recorda o motivo que originou o seu processo judicial?</p> <p>P1- É porque fui preso por vários crimes, roubo, sequestro, rapto, fotografias ilícitas, abuso sexual e coação ... mas o mais relevante é o crime de violação ... eu cometi a maior parte dos crimes mas não sei precisar quando começou ... foi em 2007 ou 2008.</p>	<p>UP1</p> <p>P1 reconhece diversos crimes cometidos no presente processo judicial, salientando como mais relevante o crime de violação. P1 delimita temporalmente a maioria dos crimes cometidos– 2007/2008.</p>	<p>Identificação dos crimes</p> <p>Destaque do crime de violação sexual</p> <p>Periodicidade dos crimes</p>
<p>US2</p> <p>I – Falou que o mais relevante era o crime de violação. Porquê? Há algum motivo para ter cometido as violações?</p> <p>P2 – Não sei explicar ... não tenho uma resposta objetiva/</p>	<p>UP2</p> <p>P1 não define uma explicação objetiva para as violações</p>	<p>Dificuldade na atribuição de motivo para as violações</p>
<p>US3</p> <p>isto começou um bocadinho antes, em 2004/2005...comecei por tirar fotografias a mulheres e raparigas,</p>	<p>UP3</p> <p>P1 marca temporalmente os crimes, explicando que começou a fotografar raparigas ou mulheres</p>	<p>Recordação do início dos crimes</p> <p>Identificação das vítimas</p>

<p>com idades entre os 15 e os 25 anos, que eu achava atraentes ...eu não as conhecia ... tirava as fotografias basicamente quando podia, na rua, em lojas de roupa, nos transportes públicos ... tirava as fotos com o telemóvel e elas não percebiam porque eu fingia que estava a falar ao telemóvel e ia tirando as fotografias ... basicamente tirava fotografias que apanhassem a cara, depois podia fotografar o corpo inteiro, mas primeiro tinha que apanhar a cara ... também cheguei a tirar várias fotografias à mesma pessoa, tirei muitas fotos repetidas da mesma mulher... não sei quantas fotografias tirei, talvez uma centena ...depois passava as fotografias para o computador e organizava por pastas ... o critério para arquivar as fotografias era o local e/ou a data, era tudo muito bem etiquetado ... depois vai parecer estranho mas não fazia nada... eu não via as fotografias simplesmente ia acrescentando cada vez mais./</p>	<p>atraentes e desconhecidas.</p> <p>P1 descreve os procedimentos que adotava, e refere que as fotografias eram realizadas em espaços públicos. Revela que as fotografias tinham como propósito apanhar o perfil da vítima, ordenando os ficheiros meticulosamente, sem qualquer utilidade posterior.</p>	<p>Procedimentos adotados</p>
<p>US4</p> <p>I – Não fazia nada com as fotos?</p> <p>P1 – Não, não fazia nada. Eu nunca gostei de deitar nada fora... era o mesmo com a música...queria tanto</p>	<p>UP4</p> <p>P1 reconhece que não gostava de eliminar nada, afirmando que isto ocorreria quer com a música quer com as fotografias tiradas por si.</p>	<p>Dificuldades em excluir objetos inutilizáveis</p>

<p>ouvir uma música, tirava-a da internet e nem a ouvia ...e quando tocava na rádio era a mesma coisa, não a ouvia...e se me emprestassem um CD, até podia ser de música clássica, e eu só gostasse de uma faixa, mas ficava na mesma com as músicas todas...e com as fotografias era a mesma coisa...até podiam estar desfocadas mas eu guardava todas./</p>		
<p>US5 I5 – O que sentia quando tirava as fotografias? P1 – Não sei...não era uma sensação sexual...era mais «já cá cantas», «já estás apanhada» ... mas nunca tive nada com nenhuma delas/</p>	<p>UP5 Quando questionado sobre o que e sentia após tirar as fotografias, P1 assegura não saber o motivo em concreto, afirmando que as fotografias não tinham uma sensação sexual, mas uma sensação de “busca” das suas vítimas, e que nunca tivera qualquer relacionamento com aquelas.</p>	<p>“Colecionador de vítimas”</p>
<p>US6 nem tinha um padrão definido, podia ser loura, ruiva, asiática/</p>	<p>UP6 P1 descreve que não tinham um padrão físico definido no que concerne às vítimas.</p>	<p>Ausência de padrão físico de vítima</p>
<p>US7 ...mas depois a minha namorada, a “Y”, descobriu tudo. I – Qual foi a reação da sua namorada quando descobriu as fotografias?</p>	<p>UP7 P1 menciona a reação menos positiva por parte da namorada, após esta descobrir as fotografias. P1 promete não voltar a fotografar mulheres.</p>	<p>Reconhecimento de reações menos positivas por parte de outros significativos Cessaçã o da atividade</p>

<p>P1 – Quando ela descobriu disse que eu era um grande porco ...e perguntou-me porque é que eu fazia aquilo e eu prometi que não voltava a fazer ... apaguei aquilo tudo e depois caiu no esquecimento ...não voltei a tirar fotografias. /</p>		
<p>US8</p> <p>I – O que sentiu quando apagou as fotografias?</p> <p>P1 – Eu não queria apagá-las ...ainda pensei mudá-las de sítio para depois ir lá buscá-las... mas como tinha prometido à “Y” que as apagava foi isso que fiz, apaguei-as ...mas senti tristeza e vergonha de mim...depois não voltei a repetir isso e passei a violar./</p>	<p>UP8</p> <p>Interpelado sobre o que sentiu após apagar as fotografias, P1 informa que não pretendia extinguir as mesmas, mas fê-lo como promessa à namorada.P1 Refere que face a esta situação sentiu tristeza e vergonha de si, e posteriormente, inicia as agressões sexuais.</p>	<p>Sentimentos de vergonha e tristeza após descoberta</p> <p>Início das violações sexuais</p>
<p>US9</p> <p>I – Pode então contar-me como abordava as vítimas...</p> <p>P1 – Seguia alguém aleatoriamente na rua...quem eu achasse interessante...atraente...bonita...acho que todas as vítimas tinham essa característica em comum...curiosamente a “Y” não é tão bonita como algumas das vítimas...para mim ser bonita é não ser disforme...uma pessoa olha e</p>	<p>UP9</p> <p>P1 descreve como abordava as suas vítimas, informando que seguia sujeitas que considerasse bonitas, referindo, que todas as vítimas tinham esta característica em comum, à exceção da namorada.</p> <p>P1 explica de forma detalhada o perfil das suas vítimas, focando o cabelo comprimido ser uma característica dominante na sua preferência, embora informe a</p>	<p>Descrição do <i>Modus Operandi</i></p> <p>Perseguição de vítimas</p> <p>Ausência de um perfil rígido definido, embora haja características de atração.</p>

<p>gosta...quando digo que é bonita refiro-me à cara e isso inclui o cabelo, é indiferente a cor e o comprimento do cabelo...neste caso o cabelo comprido é dominante mas também há mulheres lindas de cabelo curto...em relação ao corpo utilizo outro tipo de adjetivação tem que ser uma mulher boa...se é proporcional...pode ser mais cheinha, mais magra, mais delineada...não tenho um padrão definido...não tinha que ser branca...mas neste caso foram todas...eu tenho uma atração maior pelas caucasianas que não é fator de escolha, mas não discrimino as outras/</p>	<p>inexistência de um perfil definido de vítima.</p>	
<p>US10</p> <p>I – Então seguia alguém de forma aleatória?</p> <p>P1 – Sim. Eu seguia alguém na rua na esperança de passar num sítio perfeitamente escondido ou então a pessoa entrar no prédio de casa e o mesmo ter condições para eu proceder à violação...eu não conhecia o prédio, entrava com a vítima como se fosse um vizinho e via se o prédio tinha condições ou não, como portas</p>	<p>UP10</p> <p>P1 afirma que seguia alguém na rua com o intuito de encontrar um local ideal, mencionado a este propósito, que desconhecia o local onde a vítima entrava, estudando rapidamente todo o cenário para proceder à violação.</p> <p>P1 confessa que coagia as vítimas com uma arma, para que aquelas fossem para onde P1 designasse e reconhece que as mesmas não ofereciam resistência.</p>	<p>Perseguição aleatória de vítimas</p> <p>Escolha previa de um local com condições de privacidade</p> <p>Ameaças e coação das vítimas que eram conduzidas ao local</p> <p>Utilização de arma – “Kit de violação”</p>

<p>de incêndio que dão para o vão das escadas ...depois coagia as vítimas com uma pequena navalha a deslocarem-se ao último piso...encostava a navalha ao pescoço sempre com o lado cortante para fora...depois dizia «vem comigo até ali»...e elas geralmente não lutavam nem reagiam/</p>		<p>Reconhecimento que algumas vítimas não ofereciam resistência</p>
<p>US11</p> <p>I10 – Havia uma ordem para realizar o que descreveu?</p> <p>P10 – Geralmente aquilo seguia uma ordem...primeiro revistava-lhes a mala...mas nem sei porque é que fazia isso porque eu tinha mais dinheiro do que elas, depois fazia perguntas...perguntava coisas pessoais: o nome, a profissão dos pais, em que escola é que andavam...perguntava sobre as experiências sexuais que tinham tido/</p>	<p>UP11</p> <p>P1 descreve a ordem do <i>modus operandi</i> nas violações, referindo que inicialmente revistava os pertences das vítimas, aludindo não ter uma explicação para isto. P1 informa que fazia questões pessoais às vítimas.</p>	<p>Descrição do <i>Modus Operandi</i> nas violações</p> <p>Guarda os pertences pessoais das vítimas</p> <p>Contacto com as vítimas</p>
<p>US12</p> <p>não gostava que me mentissem, mas até era legítimo que me mentissem dado a situação em que elas estavam...no fundo, fazia um enquadramento para as tentar conhecer.../</p>	<p>UP12</p> <p>P1 confessa que não gostava que as vítimas mentissem, embora esteja ciente que esta situação ocorria.</p>	<p>Não quer que as vítimas mintam para estabelecer elo de ligação verdadeiro e sentir-se desejado.</p>
<p>US13</p> <p>uma das coisas que eu acho que fazia</p>	<p>UP13</p> <p>P1 refere que ao questionar as suas</p>	<p>Reconhecimento da tentativa de</p>

<p>era tentar criar um elo de ligação com a vítima.</p> <p>I – Um elo de ligação?</p> <p>P1 – Sim, porque mais do que o ato sexual o que eu mais procurava era sentir-me desejado...acho que há desejo mas não é a componente principal...a componente principal é ser desejado fisicamente e sexualmente, e aqui já entram todas as minhas experiências anteriores.../</p>	<p>vítimas, tentava criar um elo de ligação, pois mais do que o ato sexual, tinha a necessidade de ser desejado física e sexualmente.</p>	<p>criação de um elo de ligação com as vítimas</p> <p>Necessidade de se sentir desejado a nível físico e sexual, como componente principal</p>
<p>US14</p> <p>porque nunca tive uma aventura de uma noite com ninguém...no meu caso tinha o estigma de nunca ter curtido com ninguém e eu procurava a componente de aventura...e como eu tinha a “Y” isso era incompatível...estava e estou bem com ela, não queria outro relacionamento...mas com a “Y” sempre me deu a ideia de que ela não queria fazer amor comigo mas consentia fazê-lo... /</p>	<p>UP14</p> <p>P1 descreve que nunca tivera um relacionamento esporádico com ninguém e que estava ciente do preconceito desta situação.</p> <p>P1 relata que procurava uma aventura relacional e que com a namorada isto era incompatível. Descreve positivamente a relação conjugal e que não pretende outro relacionamento, embora revele que a namorada não manifeste interesse em ter relações sexuais com ele.</p>	<p>Procura de aventura</p>
<p>US15</p> <p>e eu acho que o que mais procurava era a outra componente para me sentir desejado...e eu queria ser desejado...pura e simples...e era isso que eu procurava/</p>	<p>UP15</p> <p>P1 informa que procurava nos atos sexuais, sentir-se desejado, de forma simples e clara.</p>	<p>Necessidade de se sentir desejado</p>
<p>US16</p>	<p>UP16</p>	

<p>I – E depois o que acontecia? O que fazia?</p> <p>P1– Depois pedia para se despirem...elas ficavam em cuecas...eu estava vestido, geralmente só tinha o pênis de fora mas uma vez tirei a camisola...o que eu mais apreciava era o tronco...cheguei a beijar e a tocar nos seios e isso excitava-me...beijava-as na cara, na boca, no pescoço...acariciava-lhes o cabelo...depois solicitava que me fizessem sexo oral...o ato era consumado...tinha sempre orgasmo...depois limpava-me com lenços ou com uma meia delas...às vezes dava-lhes a meia outras vezes deitava-a fora...e depois ia-me embora/</p>	<p>P1 refere que após a abordar as vítimas, pedia para se despirem, referindo que as mesmas ficavam em trajes menores (cuecas), alegando que nas violações usualmente os seus órgãos genitais ficavam à mostra.</p> <p>P1 afirma que apreciava certas partes corporais das vítimas e que outras zonas constituíam um foco de excitação sexual. Revela que solicitava às vítimas sexo oral e que o ato sexual era consumando, atingindo o orgasmo, e assim dava por cessada a violação.</p>	<p>Sequência pré- ordenada do <i>Modus operandi</i></p> <p>Características físicas constituíam foco de excitação sexual</p>
<p>US17</p> <p>...algumas ameacei-as... tirei fotos em que elas estavam semi-nuas e dizia que punha na internet ou na porta do prédio se contassem a alguém...mas nenhuma me disse que ia contar./</p>	<p>UP17</p> <p>P1 menciona ameaças em algumas vítimas, com base nas fotografias que tinham em sua posse, e caso pretendessem contar a terceiros o sucedido, P1 exponha os ficheiros. Refere que nenhuma das vítimas aludiu contar o sucedido.</p>	<p>Reconhecimento de ameaças às vítimas com o objetivo de não divulgar as violações</p>
<p>US18</p> <p>I – Com que frequência acontecia estes atos?</p>	<p>UP18</p> <p>P1 relata que em termos temporais, as violações sexuais poderiam</p>	<p>Existência de uma calendarização temporal mensal ou bimensal</p>

<p>P1 – Ah... eu não tinha nada calendarizado em relação à periodicidade com que fazia...era de mês a mês ou de 2 em 2 meses. /</p>	<p>ocorrer de formal mensal ou bimensal.</p>	
<p>US19 I – O que sentia quando acariciava as vítimas? P1– Eu estava a realizar uma fantasia...ser desejado...não me preocupava com doenças...porque a sida não se pega com um beijo na boca e em relação à hepatite eu sou vacinado...eu acreditava no instinto/</p>	<p>UP19 Quando questionado sobre o que sentia quando acariciava as vítimas, P1 afirma que, estava a realizar uma fantasia sexual de ser desejado e que não se preocupava com doenças sexualmente transmissíveis.</p>	<p>Realização de uma fantasia de relação com as vítimas- ser desejado Acredita na intuição</p>
<p>US20 ... isto pode não fazer sentido mas um dos motivos porque eu não recorria a prostitutas era por causa das doenças...e também porque recorri duas vezes...e a situação das prostitutas era ainda mais artificial do que estando a violar alguém e sentia-me ainda menos desejado. I– Pode existir desejo sem consentimento? P1 – Isso é que é estranho...mas na minha mente isso fazia sentido./</p>	<p>UP20 P1 refere que a prática sexual era mais artificial com as prostitutas, sentindo-se menos desejado sexualmente, do que a cometer as violações sexuais. Quando questionado se poderia existir desejo sem o consentimento das vítimas, P1 explica que esta situação embora parecesse confusa, fazia sentido na mente do próprio.</p>	<p>Recurso a prostitutas não é uma opção substitutiva do ato de violação. Cenário artificial e ausência de desejo por parte do outro</p>
<p>US21 Eu estava a violar uma pessoa e achava que era menos intrusivo e</p>	<p>UP21 P1 refere que a prática de sexo oral, seria menos traumatizante,</p>	<p>Excitação sexual por práticas orais</p>

<p>menos traumatizante o sexo oral...era mais desejável do que o sexo vaginal ou anal/</p>	<p>considerando esta mais excitante do que o sexo vaginal ou anal.</p>	
<p>US22 ...eu avisava-as para não me magoarem, isso passava-me pela cabeça ...aí entrava a parte da coação, eu dizia «se me aleijares faço-te mal»...geralmente nesta altura eu já tinha a navalha guardada no bolso...num caso ou noutro era para intimidar...mas geralmente já estava fora do cenário./</p>	<p>UP22 P1 afirma que avisava as vítimas para não o magoarem quando estas exerciam as práticas sexuais orais, afirmando que nestas situações ocorreria por parte de P1 a coação física e ameaças verbais. Menciona que a arma utilizada para intimidar as vítimas já se encontrava fora do contexto de violação.</p>	<p>Ameaças verbais e coação Tentativa de salvaguardar a fantasia de ser desejado não exibindo a arma que coagia as vítimas.</p>
<p>US23 I – Ok. Sabe precisar quanto tempo demorava com cada pessoa? P1 – Demorava mais ou menos uma hora com cada vítima, o episódio todo, desde abordar, revistar, conversar</p>	<p>UP23 P1 afirma que a durabilidade das violações rondava 1 hora, explicitando os vários procedimentos adotados.</p>	<p>Durabilidade das violações sexuais</p>
<p>US24 I – E depois o que acontecia? P1 – Ou desligava o telemóvel ou pedia para tirarem o som...nunca fiquei com nenhum telemóvel...depois tirava as baterias e deixava uns metros mais à frente...para só depois poderem telefonar a alguém...de modo a retardar a chamada de socorro./</p>	<p>UP24 P1 explica que pedia às vítimas para desligar ou deixar em silêncio os seus aparelhos celulares, afirmando que ficava com os mesmos, entregando-os posteriormente, de forma a impedir as vítimas de solicitarem auxílio.</p>	<p>Não há aproveitamento material do crime.</p>
<p>US28</p>	<p>UP28</p>	

<p>Uma vez tive uma ereção antes de abordar a vítima...mas geralmente quando começava a beijar a vítima ficava excitado...e tinha orgasmo fora da boca delas...era eu que tirava ou então avisava porque achava que era demais...estando a abusar não queria abusar...com a “Y” também era fora...os orgasmos eram diferentes.</p> <p>I – Diferentes em que aspeto?</p> <p>P1 – Penso que era mais fácil atingir o orgasmo com as vítimas, mas em termos de intensidade não sei comparar possivelmente era a mesma/</p>	<p>P1 esclarece que num episódio de violação, teve um sinal físico de excitação- ereção, antes de abordar a vítima. P1 explica que principiava a violação, ao beijar a vítima e isto constituía uma fonte de excitação sexual. P1 não quer confrontar-se com a situação de abuso, pois é incompatível com o sentir-se desejado.</p>	<p>Situação paradoxal de abuso, não querendo confrontar-se com a situação de abuso, incompatível com o ser desejado</p>
<p>US29</p> <p>e eu também nunca fui sádico com as vítimas...por exemplo, uma vez estávamos num sítio escuro e tínhamos que acender a luz porque senão ela ficava assustada...são estes pormenores./</p>		<p>Nega atitudes sádicas (tenta conciliar os desejos contraditórios-distorções cognitivas)</p>
<p>US31</p> <p>I – O que sentia após realizar os atos que relatou?</p> <p>P1 – Sentia duas coisas! Em menor escala sentia que podia ter aproveitado para fazer mais coisas, como sexo vaginal, anal...fosse o que fosse ...por outro lado sentia um</p>	<p>UP31</p> <p>Quando questionado sobre o que sentia após os atos sexuais descritos, P1 afirma que sentia uma dualidade, estando patente por um lado, a vontade de aproveitar as violações para realizar mais os seus desejos/fantasias sexuais e por outro lado, o arrependimento por si e pela</p>	<p>Dualidade entre sentimentos positivos e negativos associados à vontade de realizar os seus desejos sexuais</p> <p>Necessidade de tirar maior proveito sexual dos crimes praticados</p> <p>Sentimentos de arrependimento,</p>

<p>arrependimento, por mim, pela vítima, pela “Y”, nessa altura pensava nela...sentia angústia e culpa.../</p>	<p>namorada e vítimas, reportando angústia e culpa.</p>	<p>angústia e culpa após realizar os atos</p>
<p>US32</p> <p>e no dia a seguir sentia-me mal disposto do estômago...não tinha um padrão...mas depois do ato em si, imaginando que foi ontem, hoje estaria na fase do arrependimento...achava que aquilo não contribuía para a minha felicidade, que não precisava daquilo para nada...era um misto de repulsa e recordação do prazer...mas depois começava a esbater-se... até passar uns dias e voltar a cometer novos atos... /</p>	<p>UP32</p> <p>P1 refere que no dia posterior aos atos sexuais prevalecia um mal-estar físico. P1 exemplifica um episódio de agressão sexual coercivo, onde prevalecem sentimentos de felicidade e repulsa</p>	<p>Indisposição posterior aos atos sexuais</p> <p>Sentimentos antagónicos de repulsa e recordação do prazer</p>
<p>US33</p> <p>I – Entendo. E como se sentia antes de praticar os atos?</p> <p>P1 – Antes do ato basicamente sentia um grande desejo, uma grande vontade de fazer aquilo.../</p>	<p>UP33</p> <p>Quando questionado sobre o que sentia previamente a praticar os atos sexuais, P1 revela que sentia um grande desejo, sustentado por impulsos sexuais, uma vontade de concretizar a violação</p>	<p>Aumento do desejo sexual e impulsos sexuais incontroláveis previamente ao ato</p> <p>Vontade incontrolável para realizar a violação</p>
<p>US34</p> <p>depois durante o ato, já sentia um misto de emoções...já havia o lado mais consciente, em que pensava que a rapariga não tinha culpa, que isto era ilegal, que não devia fazer isto, que a rapariga não tinha culpa, e isto juntamente com o prazer... coexistia</p>	<p>UP34</p> <p>P1 explica que durante a violação, sentia uma dualidade de emoções – o lado mais consciente onde P1 afirma estar ciente da vítima não ter culpa e que os atos eram ilícitos e por outro lado prevalecia o prazer sexual.</p>	<p>Consciência da ilicitude do ato e o prazer sexual durante o ato</p>

essa dualidade.../		
<p>US35</p> <p>mas globalmente, sentia repulsa de mim mesmo e sentia por elas um sentimento de injustiça, do porquê a elas, que não mereciam, não fazia sentido, era desnecessário, visto que havia uma dualidade entre alguns sentimentos positivos e negativos./</p>	<p>UP35</p> <p>P1 menciona que globalmente sentia repulsa de si mesmo e sentia injustiça pelas vítimas, havendo uma dualidade entre sentimentos positivos e negativos</p>	<p>Sentimento de repulsa</p> <p>Sempre presente a noção da ilicitude do ato</p> <p>Dualidade entre os sentimentos negativos e positivos</p>
<p>US36</p> <p>I – Portanto...Pode-se falar num padrão de atuação nas agressões?</p> <p>P1 – Não sei se há padrão...geralmente de manhã não, porque gosto de dormir e não me ia levantar para fazer isso...agora à tarde e à noite sim...depende de há quanto tempo é que eu tinha feito isso...qualquer espaço que eu tivesse que não precisasse de justificação, eu de imediato pensava que era uma boa oportunidade...se o meu chefe dissesse que à tarde não precisava de mim, que eu tinha a tarde livre, eu não dizia à “Y”, para não ter que ficar em casa ou telefonar e automaticamente deslocava-me a esses sítios para seguir alguém...fosse quem fosse./</p>	<p>UP36</p> <p>Quando questionado se haveria um padrão de atuação nas agressões sexuais, P1 revela não saber se existe padrão, posteriormente foca que as violações sexuais ocorreriam predominantemente pela tarde ou noite, referindo que quando existiam períodos de inatividade laboral, P1 deslocava-se a espaços públicos, de forma premeditada, para cometer violações, independentemente do perfil da vítima.</p>	<p>Identificação de um padrão de atuação nas agressões</p> <p>Perseguição premeditada de vítimas</p>
<p>US37</p> <p>I – Costumava pensar em perseguir alguém?</p>	<p>UP37</p> <p>P1 refere ideias recorrentes e persistentes em cometer os atos</p>	<p>Ideias recorrentes e persistentes em perseguir alguém</p>

<p>P1 – Tinha essa ideia recorrente...sempre presente...só estava mais refreada se tivesse cometido um ato recentemente./</p>	<p>sexuais coercivos e que esta situação só se encontrava diminuta se P1 tivesse cometido recentemente violações.</p>	
<p>US38 Houve muitas vezes em que persegui alguém e o prédio era adequado e tudo e a pessoa até correspondia aos meus padrões mas depois não fazia nada...e conseguia ir para casa, ficava só pela orquestração do ato porque conseguia sobrepor o raciocínio à minha vontade e conseguia refrear a minha ideia. /</p>	<p>UP38 P1 afirma que apesar da premeditação prévia e haver uma situação adequada à violação, não chegava a executar, ficando pela orquestração do ato sexual, pelo facto de P1 agir de forma racional, face à sua satisfação sexual.</p>	<p>Luta interna - autocontrolo sobrepõem-se se aos impulsos</p>
<p>US39 I – Recorda-se o total de vítimas? Mais ou menos uma estimativa... P1 – (Acena com a cabeça) Sim! Lembro-me perfeitamente quantas vítimas foram... mais ou menos dezena e meia...todas mulheres, nunca desejei homens...raparigas mais novas porque as mulheres mais velhas têm um fator dissuasor...elas já têm a personalidade formada por isso ofereciam mais resistência, e do meu ponto de vista seria mais fácil fazerem queixa do que uma pessoa mais vulnerável. /</p>	<p>UP39 P1 recorda nitidamente o total das suas vítimas, afirmando que todas eram mulheres e que nunca desejara sexualmente homens. P1 evidencia que as raparigas mais jovens correspondiam ao perfil de vítimas traçado por si, pelo facto das mulheres terem a sua personalidade já formada e como consequência poderiam oferecer maior resistência nas agressões sexuais.</p>	<p>Totalidade de vítimas Racionalidade ao serviço do impulso (vítimas que do ponto de vista racional poderiam oferecer resistência)</p>
<p>US40 I – Havia algo em comum entre as</p>	<p>UP40 Apesar de uma vítima afirmar ser</p>	<p>Criação de um elo de ligação /</p>

<p>vítimas?</p> <p>P1 – Eram pessoas com vidas diferentes...uma disse-me que era filha de um polícia mas não foi isso que fez conter o meu ímpeto...e houve casos de estudantes universitárias, era indiferente...estava a tentar estabelecer uma ligação para me sentir mais próximo da pessoa... eu não cheguei a fazer amizade com nenhuma, mas fiquei próximo de alguém que não está no processo...porque não fez queixa de mim.../</p>	<p>descendente de um agente policial, P1 considera que esta situação não foi impeditiva ao cometimento da violação.</p> <p>P1 salienta que era indiferente os dados sócio biográficos que as vítimas forneciam, afirmando que só os solicitava com o intuito de estabelecer “empatia”/ elo de ligação</p>	<p>empatia com as vítimas</p>
<p>US42</p> <p>e houve uma rapariga a quem eu não fiz nada porque ela começou a resistir...</p> <p>I – E o que aconteceu?</p> <p>P1 – Uma vizinha dela foi à porta e eu fui-me embora...levei-lhe a mala, fugi e escondi-a nuns prédios mais atrás...tirei-lhe o número de telefone e telefonei para lhe dizer onde estavam as coisas dela para ela ir buscar...só que o número já não era aquele.</p> <p>I- Então não ocorreu nada neste dia?</p> <p>P1- Não.../</p>	<p>UP42</p> <p>P1 declara que não executou a agressão sexual a uma vítima porque a mesma ofereceu resistência física e também pela presença de terceiros.</p> <p>P1 colocou-se em fuga, levando consigo os pertences da vítima</p>	<p>Resistência da vítima</p> <p>Guarda os objetos da vítima.</p>

<p>US43</p> <p>I – Ok! E houve repetição da mesma pessoa?</p> <p>P1 – Não houve uma vítima que abordei duas vezes... isso é mentira...aquilo não aconteceu./</p>	<p>UP43</p> <p>P1 esclarece que nunca existiu a repetição da mesma vítima</p>	<p>Não repetição da mesma vítima</p>
<p>US44</p> <p>I – Está bem... Chegou a usar algum disfarce... ou algo que precisasse nas violações?</p> <p>P1 – Sim, só em “O” (local) ...o que eu fui fazer foi apenas de voyeur...eu apenas ia para ver a prática de atos sexuais de outros indivíduos porque aquilo é um parque de estacionamento, depois vi o casal em questão e não me consegui conter...o gorro era para me esconder porque uma cara branca com gorro escuro não era tão visível... já observei mais vezes e naquela ocasião recorri ao gorro porque na outra vez fui detetado...não fiz mais nada além de observar./</p>	<p>UP44</p> <p>P1 menciona a utilização de disfarce numa situação em específico (local).</p> <p>P1 explica a existência de uma parafilia voyeurística, onde se deslocava a parques de estacionamento para observar casais na sua intimidade sexual. Afirma que nestas situações recorria a um disfarce (gorro).</p>	<p>Reconhecimento da existência de uma parafilia voyeurística</p> <p>Utilização de disfarce – “Kit de violação”</p>
<p>US45</p> <p>I – O que sentia quando observava os casais na sua intimidade?</p> <p>P1 – Não sei explicar... dava-me prazer...sentia alguma excitação...não tinha orgasmo...julgo</p>	<p>UP45</p> <p>P1 revela que ao visualizar dava-lhe excitação sexual embora P1 mencione não se recordar se haveriam sinais físicos de excitação – orgasmo ou masturbação.</p>	<p>Prazer sexual advindo parafilia voyeurística</p>

<p>que não me masturbava, não me recordo, não posso garantir. /</p>		
<p>US46</p> <p>I – Há alguma explicação para abordar as vítimas que se encontravam com os seus parceiros?</p> <p>P1 – Não sei porquê (silêncio) ...a primeira vez até nem ia fazer nada...queria ver quase na primeira pessoa...eles recusaram... queria estar em cima do ato sexual deles./</p>	<p>UP46</p> <p>P1 explica não ter um motivo para abordar as vítimas, aludindo que da primeira vez apenas estava no local como voyeur, querendo experienciar na primeira pessoa o casal, embora houvesse recusa por parte do mesmo.</p>	<p>Necessidade de procura de proximidade</p>
<p>US47</p> <p>I – Houve recusa por parte dos casais?</p> <p>P1 – Se recusaram entre eles, eu exigi que fosse feito a mim...uma vez só masturbação, a segunda é que fez masturbação e sexo oral...houve momentos de masturbação antes do sexo oral, mas também depende, se houvesse orgasmo não havia sexo oral...o sexo oral era a busca final do prazer./</p>	<p>UP47</p> <p>P1 afirma que os casais recusaram a sua presença, e que nesta sequência, P1 exigiu que as práticas sexuais fossem executadas a ele.</p>	<p>Práticas sexuais orais como foco de prazer sexual.</p>
<p>US48</p> <p>I- E qual foi a reação dos namorados?</p> <p>P1- Hum...o primeiro rapaz não viu, disse-lhe para ficar virado de costas e eu consegui manobrá-lo através de ameaças sobre a outra pessoa...dizia «atenção que tenho aqui a chave de</p>	<p>UP48</p> <p>Questionado sobre a reação dos namorados face à situação anteriormente descrita, são referenciados dois episódios por P1- onde em ambos está patente o domínio, coação e o poder exercido por P1 aos casais, através de</p>	<p>Questão do poder e coação</p>

<p>fendas e posso fazer mal a ela» ...no segundo caso não sei se quando houve a negociação, ele já estava manietado com fita-cola no banco de trás do carro...foi ela que lhe pôs fita-cola nas mãos e foi ele que foi lá para trás segundo a minha indicação... isto ocorreu dentro do carro, na viatura deles. /</p>	<p>ameaças verbais e físicas.</p>	
<p>US49</p> <p>I – O que sentia perante os atos praticados?</p> <p>P1 – Havia na maioria uma sensação de domínio mas nem era o domínio nem a intimidação que eu buscava... o que me dava prazer era o prazer pelo prazer ou sentir-me desejado a nível puramente sexual./</p>	<p>UP49</p> <p>P1 firma que nos atos descritos havia predominantemente em P1 uma sensação de domínio sobre o outro, embora refira que isto não constitui a finalidade da agressão, mas sim a busca de prazer e desejo a nível sexual.</p>	<p>Domínio sobre o outro</p> <p>Sentir-se desejado constitui o foco de excitação sexual</p>
<p>US50</p> <p>Na primeira situação, a vítima olhou-me nos olhos, colocou saliva nas próprias mãos para me masturbar, e estava com um olhar... (silêncio)</p> <p>I – Com um olhar de...?</p> <p>P1- Que não estava assustada e isso fez com que quase imediatamente eu ejaculasse...para mim esse olhar naquele momento representou desejo, não quer dizer que fosse./</p>	<p>UP50</p> <p>P1 reporta a primeira situação, destacando o olhar da vítima, e da mesma não oferecer resistência e proceder à masturbação em P1, o que resulta em sinais físicos de excitação sexual- ejaculação.</p>	<p>Sinais físicos de excitação sexual (ejaculação)</p>
<p>US51</p>	<p>UP51</p>	

<p>I – Pois...Tenho uma outra questão a colocar-lhe. Quando cometeu esses atos que descreveu, mantinha relacionamento com a “Y” ?</p> <p>P1- Nesta altura eu tinha relações com a “Y” 1/2 vezes ao fim de semana...tinha relações orais e vaginais...podia ter das duas...depende de há quanto tempo não fazia amor... mas tinha curiosidade em ter relações anais embora não tivesse desejo ... a “Y” nunca fez nenhum comentário no final a dizer que gostou ...se lhe agradava algo ela própria dizia na altura... durante o ato e não no final...assim adaptávamo-nos logo e não havia qualquer tipo de problema...de vez em quando ela solicitava-me para fazermos amor e eu claro que dizia que sim mas na maioria das vezes era eu que a solicitava...às vezes ela aceitava outras vezes rejeitava...dizia que estava cansada ou podia não evocar nenhum fundamento...eu sondava e percebia que ela não estava para aí virada. /</p>	<p>P1 descreve a periodicidade com que mantinha relações sexuais com a sua companheira, manifestando curiosidade em ter relações anais.</p>	<p>Periodicidade das relações sexuais com outro significativo</p> <p>Curiosidade em ter outras relações sexuais</p>
<p>US52</p> <p>I – Como considera o seu desempenho a nível sexual?</p>	<p>UP52</p> <p>Questionado para avaliar o seu desempenho sexual, P1 afirma que é “normal”, generalizando a resposta</p>	<p>Perceção do seu desempenho sexual</p>

<p>P1 – É normal...nem fenomenal nem medíocre...assim como o tamanho do pênis e o tempo de ereção...é tudo normal. /</p>	<p>para os seus órgãos genitais e tempo de ereção.</p>	
<p>US53</p> <p>I – E a sua atividade sexual?</p> <p>P1 – Hum...Comecei a masturbar-me desde os 12/13/14 anos de idade, quase diariamente... em 7 dias masturbo-me 5...à tarde, à noite...até agora, imaginemos uma sexta-feira à tarde no trabalho em que me masturbava...nessa sexta-feira à noite podia aproximar-me da “Y” e não havia nada, e não sei se no sábado à noite ainda existiria algum rescaldo da minha masturbação anterior/</p>	<p>UP53</p> <p>Quando questionado sobre a sua atividade sexual, P1 reposta que o início das atividades masturbatórias principiara na fase da adolescência, salientado que essas atividades eram executadas diariamente.</p>	<p>Início das atividades sexuais masturbatórias de forma diária na adolescência</p>
<p>US54</p> <p>e houve uma altura em que deixei de abordar tanto a “Y” para não a estar sempre a chatear porque eu também me sentia mal por ela estar sempre a rejeitar... estava sempre a insistir, a chateá-la, e então optei pelo caminho da masturbação./</p>	<p>UP54</p> <p>P1 refere que deixou de solicitar à companheira que tivessem relações sexuais, optando pela masturbação como forma de gratificação sexual/ obtenção de prazer, afirmando que tem sempre orgasmo.</p>	<p>Elege o caminho da masturbação como forma de gratificação sexual</p>
<p>US55</p> <p>I- Havia calendarização para os relacionamentos?</p> <p>P1 – Hum, penso que não. Não havia rotina para termos relações sexuais mas era mais ao fim de semana...por</p>	<p>UP55</p> <p>P1 informa a inexistência de calendarização para as relações sexuais com a namorada, recorrendo à masturbação como forma de obtenção de prazer.</p>	<p>Masturbação como forma de gratificação sexual</p>

<p>razões óbvias...tínhamos mais tempo...quando me masturbo é por desejo sexual, para obter prazer...e eu penso que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar e aquele orgasmo já ninguém me tira...eu tenho sempre orgasmo.../</p>		
<p>US56 via filmes, imagens e fotografias pornográficas, ou imaginava situações com mulheres que nunca vi ...no trabalho era só com o pensamento e algumas das vítimas também foram alvo de fantasias...serviam de fundo para outras excitações.../</p>	<p>UP56 P1 afirma que visualizava filmes, imagens, fotografias pornográficas ou situações em que P1 fantasiava sexualmente mulheres desconhecidas ou as vítimas, que no fundo constituíam a fonte de excitação sexual em P1.</p>	<p>Visualização de pornografia Fantasias sexuais com algumas vítimas ou desconhecidas</p>
<p>US57 um dos sentimentos que eu tinha era que podia ter feito mais qualquer coisa com elas e então quando me masturbava imaginava o resto sem perturbar a vítima... mas essas fantasias eram dissipadas a meio./</p>	<p>UP57 P1 refere que poderia ter tido mais gratificação sexual com as vítimas</p>	<p>Violações sentidas como incompletas e que devia ter obtido maior gratificação sexual</p>
<p>US58 Num dia com masturbação o orgasmo surgia um pouco enfraquecido (...) mais tardiamente...e tinha menos prazer...e num dia sem masturbação...tinha mais prazer... o orgasmo era mais intenso e mais precoces... as relações sexuais eram mais gratificantes sem masturbação prévia./</p>	<p>UP58 P1 explica que poderia ter mais prazer nas relações sexuais caso não tivesse tido previamente masturbação sexual</p>	<p>Relações sexuais sentidas como mais gratificantes sem masturbação prévia</p>

<p>US59</p> <p>I – Falou-me há pouco que visualizava filmes e imagens pornográficas... Em que contexto surgiam?</p> <p>P1 – Visualizava várias cenas... isoladas, várias vezes. O contexto era normal, dentro do género normal de pornografia...</p> <p>I- Ok, entendo... Mas, quando se refere ao “normal”, o que significa para si “normal”?</p> <p>P1 – Ah... refiro à pornografia habitual...encontros casuais, filmes eróticos... a pornografia gratuita da internet. /</p>	<p>UP59</p> <p>P1 descreve o contexto em que visualiza pornografia</p>	<p>Categorização da pornografia</p>
<p>US60</p> <p>I – Eram imagens ou vídeos com agressividade? Havia algo deste género?</p> <p>P1 – Hum...penso que não havia coação, não me recordo.../</p>	<p>UP60</p> <p>P1 informa o tipo de pornografia que visualizava</p>	<p>Dificuldades em recordar se a pornografia era coerciva</p>
<p>US61</p> <p>I – Ok! Disse-me há pouco, que chegou a imaginar situações com mulheres que nunca viu... ou mesmo as vítimas foram alvo de fantasias, certo? Gostaria que me explicasse isso melhor.</p>	<p>UP61</p> <p>P1 refere episódios em que fantasiava encontros casuais e situações com mulheres.P1 identifica a presença de algum domínio em algumas situações.</p>	<p>Ato sexual como forma de obtenção de prazer</p> <p>Identificação de domínio sobre as vítimas</p>

<p>P1 – Bem...Eu não fantasiava com as vítimas nem com o ato sexual... o ato era a forma final de atingir o prazer...fantasiava encontros casuais e situações espontâneas com mulheres. Eu tenho necessidade de controlar e não me considero meticuloso... nas fantasias ou mesmo no modo de cometer as violações não era com domínio... o que não implica que não haja, porque sei que houve situações em que isso ocorreu./</p>		
<p>US62</p> <p>I – Claro, claro. Existe algum motivo para ter recorrido à masturbação antes de ter tido relações sexuais?</p> <p>P1 – Vou fazer uma analogia...quando tenho sede bebo água e fico satisfeito, quando tenho muita, muita sede bebo muita água e fico muito satisfeito... portanto será que vou não beber água quando apenas tenho sede para sentir a satisfação de beber muita água quando tenho muita sede? ...é preferível um orgasmo intenso uma vez por semana ou vários orgasmos diariamente? ...já tive orgasmos na masturbação que me fizeram sentir o que as relações não fizeram e outros orgasmos nas relações sexuais que</p>	<p>UP62</p> <p>P1 explica o motivo de recorrer à masturbação antes das relações sexuais</p>	<p>Masturbação</p>

superaram a masturbação. /		
US63 I – Hmhm. P1- Sabe, eu aproveitava todas as situações em que havia oportunidade para fazer isso. /	UP63 P1 informa que aproveitava todas as situações para se masturbar	Masturbação
US64 Lembro-me depois de começar o tratamento com os comprimidos...depois de desabafar com o psicólogo... foi um peso que me saiu de cima... (silêncio) /	UP64 P1 informa que ficou aliviado após iniciar o tratamento farmacológico e de no acompanhamento psicológico expressar o que sentia	Início da toma de Medicação Diálogo com o psicólogo permitiu expressar os seus sentimentos e maior sentimento de tranquilidade
US65 e lembro-me em Dezembro quando o chefe me deu a tarde, de estar em casa com a “Y” e só depois é que me lembrei que não me tinha lembrado de ter ido ao ataque...noto diferença no comportamento... aquela sensação que tinha, de aproveitar aquela tarde, isso basicamente foi reduzido ao máximo, ou desapareceu.../	UP65 P1 explica que após ter estado livre de compromissos profissionais, recordou-se que poderia ter aproveitado para cometer uma violação, referindo assim que, o desejo de cometer violações tinha diminuído ou desaparecido.	Medicação traz benefícios e nota diferença comportamental Decréscimo ou cessação das violações sexuais
US66 também noto menos desejo sexual, mesmo com a minha companheira...não sei se é da medicação ou também pela reclusão em si e também me masturbo com menos frequência, uma vez de 15 em 15 dias. /	UP66 P1 revela que nota menos desejo sexual com a sua companheira, informando não saber se o motivo deriva da medicação ou da sua reclusão. P1 informa que a masturbação ocorre com menos frequência	Medicação traz diminuição do desejo sexual Decréscimo da masturbação
US67	UP67	

<p>I – Houve possibilidade de no passado ter sido alvo de agressões sexuais...de abusos?</p> <p>P1 – Não, diretamente não... houve um rapaz, devia ter vinte e poucos anos e eu 20 anos...fui perseguido depois de uma noite com os meus amigos, mas consegui despistá-lo porque entrei no comboio e voltei a sair... sabia que era para violar porque ele veio a assobiar na rua atrás de mim e metia-se nitidamente comigo. /</p>	<p>P1 reporta uma situação de perseguição por parte de um outro significativo com o intuito de violar P1.</p>	<p>Reconhecimento da eventualidade de ter sido alvo de agressões sexuais no passado</p>
<p>US68</p> <p>I – Depois as agressões cometidas por si foram descobertas. Como de sentiu?</p> <p>P1 – Até ter sido abordado pela Polícia Judiciária eu não sabia sequer da existência de uma única queixa, mais uma razão que comprova que a outra acusação é falsa...algures na minha fantasia sentia que o meu desejo de ser desejado era também partilhado pelas vítimas...no final achava que não tinha feito nada de mal, mas sabia que era ilegal...mas senti-me envergonhado, com raiva de mim, com medo de contar à “Y”, por temer a sua reacção...se não tivesse havido queixa, não sei se teria</p>	<p>UP68</p> <p>P1 informa que até ser abordado por órgãos de polícia criminal, desconhecia a existência de denúncias, onde considerava que a fantasia de ser desejado também era partilhada pelas vítimas. P1 refere sentimentos de vergonha e raiva após descoberta dos crimes, e receios em contar à companheira o sucedido, por temer a sua reacção.</p>	<p>Interiorização de uma fantasia de ser desejado pelas vítimas - Distorções cognitivas</p> <p>Noção da ilicitude do ato</p> <p>Após descoberta dos crimes, sentimentos de vergonha, raiva e receios de expor a situação a outros significativos</p>

<p>parado... não sei se teria coragem de falar com a “Y”./</p>		
<p>US69</p> <p>I – Mas chegou a contar-lhe o sucedido?</p> <p>P1 – Depois quando contei à “Y” o que andava a fazer... acerca das violações, houve um choque tanto a nível de proximidade como a nível sexual.../</p>	<p>UP69</p> <p>P1 informa que ao contar à companheira das violações cometidas, a relação foi marcada por distanciamento afetivo- relacional e sexual.</p>	<p>Diálogo sobre as violações com outro significativo permitiu um distanciamento afetivo- relacional</p>
<p>US70</p> <p>I – Como assim?</p> <p>P – Ela chorou, gritou, deitou-se no chão a bater com as mãos e teceu comentários a lamentar-se da vida que tinha...mas depois pouco a pouco as coisas foram-se recompondo...eu estava à espera que ela acabasse com tudo, mas ela surpreendeu-me, e tem-me apoiado de todas as formas possíveis e imaginárias...desde o dia em que ela soube, até à detenção foram 4 a 5 meses. /</p>	<p>UP70</p> <p>P1 descreve a reação de “Y”, informando que a mesma tecera comentários de lamúria sobre a vida que tinha.</p>	<p>Apoio por parte de outro significativo</p>
<p>US71</p> <p>I – Ok. Gostaria de lhe fazer outra questão. Considerou justa a sua condenação? O que me tem a dizer sobre isso?</p> <p>P1 – Ah... (silêncio) No início do processo judicial estava</p>	<p>UP71</p> <p>P1 refere que tem de haver uma moldura penal / punição por parte da sociedade, pelos atos cometidos. P1 espera que a sua situação sirva de exemplo a outros casos.</p>	<p>Questões relacionadas com a sua situação jurídico-penal</p>

<p>tranquilo...sinceramente não tinha expectativas...mas sei que tem que haver moldura penal ou pelo menos uma punição pela sociedade porque é assim que a nossa sociedade funciona...bem ou mal, tem que haver penalização, pelo menos para dissuadir casos futuros/</p>		
<p>US72 ...se eu fosse juiz, ou dava vinte e cinco anos, que é a pena máxima, ou no outro extremo pedia para internar...o meu sitio não é dentro das prisões, nem pela minha personalidade porque cometi crimes mas nem sei se sou criminoso... não faz sentido os guardas serem amassecas de um recluso ou outro em particular...o outro extremo é o tratamento em meio hospitalar ou em casa com pulseira eletrónica...na altura, não conseguia conceber o que era justo para mim porque não pode ser justo para os dois lados... eu não acho que mereça dez anos na prisão mas também acho que quem fez isto merece pelo menos vinte anos pelo impacto futuro que vai ter na vida delas e pelo desrespeito pela legislação em vigor. /</p>	<p>UP72 P1 informa que não devia estar dentro dos estabelecimentos prisionais dado que, tendo em conta a sua personalidade, não sabe se se considera criminoso pelos crimes cometidos. P1 declara que como medida aplicável para si, poderia ser tratamento em meio hospitalar ou uma medida de permanência na habitação com pulseira eletrónica. P1 esclarece que não consegue conceber para si uma moldura penal concreta.</p>	<p>Questões relacionadas com a sua situação jurídico-penal Indeterminação na atribuição de moldura penal Necessidade de tratamento hospitalar ou medida de permanência na habitação com pulseira eletrónica</p>
<p>US73 I – Sei que tem acompanhamento psicológico cá. Como têm corrido as</p>	<p>UP73 P1 informa que se sentiu insatisfeito com o anterior acompanhamento</p>	<p>Insatisfação associada ao acompanhamento psicológico</p>

<p>coisas?</p> <p>P1 –Têm corrido bem... Antes fui acompanhado por outro profissional... não gostava muito, mas gosto do atual, sinto-me bem... mais tranquilo pois sei que não estou a ser julgado. Desabafo muito... mas sinto que ainda não me entreguei completamente e que aos poucos, irei conseguir aderir por completo, até porque terei benefícios na compreensão de todo o meu passado.../</p>	<p>psicológico e que atualmente revela satisfação e bem-estar e ainda, consegue exprimir os seus sentimentos. P1 refere que se encontra mais tranquilo porque sabe que não será julgado nos acompanhamentos. P1 informa a necessidade de aderir por completo aos acompanhamentos, para compreender todo o seu passado.</p>	<p>anterior</p> <p>Satisfação e bem-estar com o acompanhamento psicológico atual</p> <p>Acompanhamentos proporcionam uma atitude de abertura e tranquilidade sem receios de julgamentos</p> <p>Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências no passado</p>
<p>US74</p> <p>I51- Agora uma questão mais fora do contexto que o trouxe aqui...Quem é o “P1” ? Quem é esta pessoa que tenho à minha frente?</p> <p>P51- O “P1” em si, tirando esses fenómenos, sempre foi cumpridor de todas as restantes leis, como a reciclagem, apanhar o cocó do cão...são deveres cívicos que não estão imputados ...sempre tentei ser o melhor namorado possível e não devo ter sido o pior, porque ela ainda hoje está comigo, continua a ser minha namorada...também tento ser um bom filho e fui o que considero ser um bom trabalhador, comprometi toda a minha carreira... também acho</p>	<p>UP74</p> <p>P1 informa que à exceção das violações por si cometidas, sempre foi um indivíduo cumpridor dos seus deveres.</p> <p>Final da entrevista</p>	<p>Identificação de características pessoais</p> <p>Final da entrevista</p>

que não mereço tanto tempo, por exemplo, alguém com um ano, com o meu tipo de crime é capaz de representar oito anos de reclusão com outro tipo de crime./		
--	--	--

2- Análise da Entrevista do participante P2

Unidades de Significado	Transformação das Unidades de Significado em Unidades de Significado Psicológico	
<p>US1</p> <p>I- Boa Tarde. Ainda se recorda o motivo que originou o processo pela qual se encontra condenado?</p> <p>P2- Eu estou preso porque cometi vários crimes... violações, sequestro e roubo. Recordo perfeitamente o que se passou./</p>	<p>UP2</p> <p>P2 informa o motivo por se encontrar condenado, alegando os diversos crimes.</p>	<p>Identificação dos crimes</p> <p>Destaque do crime de violação sexual</p>
<p>US2</p> <p>I- Há algum motivo para o que cometeu?</p> <p>P2- Hum... (silêncio) Olhe estou aqui há procura e eu não consigo responder porque não encontro resposta... sei que, quem comete</p>	<p>UP2</p> <p>P2 não define o motivo para as violações, embora esteja ciente da ilicitude dos crimes</p>	<p>Indefinição do motivo do crime</p> <p>Noção da ilicitude do crime</p>

<p>estes crimes tem de ter um motivo e eu nestes anos estou à procura... mas sei que fiz muita coisa mal./</p>		
<p>US3</p> <p>I- Pois, entendo. Falou-me nas violações. Consegue dizer-me o que sentia quando as cometia?</p> <p>P2- Sim...(silêncio) Eu sentia mais «eu vou experimentar», dava-me uma adrenalina, eu não conseguia parar... não conseguia controlar .../</p>	<p>UP3</p> <p>P2 informa o que sentia quando cometia as violações, revelando uma adrenalina e fraca capacidade de controlo dos impulsos</p>	<p>Adrenalina e fraco controlo dos impulsos nas violações</p>
<p>US4</p> <p>depois de cometer isso, eu sentia raiva e nojo de mim... entrava na água para tomar um banho e sentia nojo de mim e não ficava feliz./</p>	<p>UP4</p> <p>P2 refere que após cometer as violações, sentia raiva e repugnância de si próprio</p>	<p>Sentimento de raiva e repugnância após cometer violações</p>
<p>US5</p> <p>I- Disse-me que estas situações davam-lhe adrenalina e que não conseguia parar... Eu quero perceber como se sentia ao certo.</p> <p>P2- Uma espécie de adrenalina... sentia que queria fazer mesmo aquilo, entende?/</p>	<p>UP5</p> <p>P2 alega a adrenalina e vontade incontrolável de cometer as violações.</p>	<p>Adrenalina e vontade incontrolável associadas à necessidade de cometer a violação</p>

<p>US6</p> <p>I- Sim...mas aquilo dava-lhe prazer?</p> <p>P2- Penso que sim...misturado com adrenalina...com o não conseguir-me controlar./</p>	<p>UP6</p> <p>P2 alega o prazer, adrenalina e vontade incontrolável antes de cometer o ato</p>	<p>Prazer, adrenalina e vontade incontrolável prévio ao ato sexual</p>
<p>US7</p> <p>I- Ok. E durante os atos o que sentia?</p> <p>P2- Parecia ser doentio mas eu não sentia prazer...mas porquê? Porquê que eu fazia isso... não sei...eu ficava triste./</p>	<p>UP7</p> <p>P2 refere que o ato sexual ocorria sem prazer. P2 não encontra uma explicação para as violações</p>	<p>Ato sexual sem prazer</p> <p>Indefinição do motivo dos crimes</p>
<p>US8</p> <p>I- Ok. Era costume pensar em cometer estes crimes?</p> <p>P2- Ah...cometia estes crimes no momento...eu não escolhia a pessoa quando ia a passear... simplesmente via aquela pessoa e aquilo no momento vinha uma coisa de dentro que não conseguia explicar...não conseguia dormir no momento se não fizesse aquilo.../</p>	<p>UP8</p> <p>P2 informa que os crimes eram ocasionais e não havia escolha das vítimas</p>	<p>Crimes sem planeamento prévio</p> <p>Informa a aleatoriedade das vítimas</p> <p>Impulsos incontroláveis antes do ato</p>

<p>US9</p> <p>sei que não fiz isso por fazer, porque quando fazemos algo, é porque aquele pensamento está na minha cabeça...eu queria fazer aquilo, pois se não quisesse não fazia.</p> <p>I- Então se diz que se quisesse não fazia, porque os fez? Consegue encontrar uma resposta?</p> <p>P2- (silêncio) ... eu antes não sabia responder...mas agora tenho a certeza que era por posse sobre alguém.../</p>	<p>UP9</p> <p>P2 explica que tinha sempre presente o pensamento e a vontade de cometer as agressões</p>	<p>Pensamento e vontade persistente para cometer a violação</p> <p>Posse sobre o outro</p>
<p>US10</p> <p>I9- Explique-me isso melhor...</p> <p>P2- Era poder sobre o outro.../</p>	<p>UP20</p> <p>P2 informa que os crimes cometidos tinham como finalidade a posse sobre a outra pessoa</p>	<p>Posse sobre o outro</p>
<p>US11</p> <p>I- Poder sobre o outro? Como assim? Consegue explicar o objetivo dessas violações?</p> <p>P2- Acho que era pelo poder nas vítimas...o meu passado não me levou a fazer isso, porque antes</p>	<p>UP21</p> <p>P2 informa que as violações tinham como finalidade exercer o seu poder nas vítimas.</p> <p>P2 alega que as características físicas das vítimas constituíam foco de atração, sentindo</p>	<p>Exercer o seu poder nas vítimas</p> <p>Características físicas das vítimas constituem o foco de atração</p> <p>Adrenalina e vontade de</p>

<p>eu não aceitava isso, era mais pelo poder... eu ia na rua e via uma rapariga atraente e para dentro de mim dizia «vou ter de fazer alguma coisa a essa» e seguia-as... e isso dava-me adrenalina...eu sei que não escolhia as vítimas, mas dessa forma acabava por escolher... era essa que queria exercer o meu domínio, queria-me afirmar./</p>	<p>adrenalina e necessidade de perseguir alguém e proceder ao ato.</p> <p>P2 menciona a escolha das vítimas, tendo como intuito exercer o seu domínio</p>	<p>perseguição de alguém e cometer a violação</p> <p>Escolha das vítimas</p> <p>Domínio sobre as vítimas</p>
<p>US12</p> <p>I- Queria se afirmar? Em que aspeto?</p> <p>P2- Sim.... (silêncio) eu começava por cometer duas coisas... ora o poder e depois a violação...mas sei que em primeiro lugar o poder!/ </p>	<p>UP22</p> <p>P2 menciona que ao se afirmar estaria a cumprir dois objetivos, a violação e o poder sobre o outro</p>	<p>Afirmação perante o sexo oposto como forma de exercer o seu poder</p>
<p>US13</p> <p>I- Entendo o que me diz... mas existe algum motivo em concreto para querer exercer este poder na vítima?</p> <p>P2- Eu não sei muito bem... sei que quando nós queremos fazer algo é porque queremos e eu não tinha dificuldades em envolver-me com mulheres, eu tinha uma</p>	<p>UP23</p> <p>P2 informa a vontade em cometer as violações, alegando a facilidade em envolver-se com outras mulheres. P2 refere que, na altura das agressões, tinha uma companheira</p>	<p>Perceção de que as violações foram executadas com vontade</p> <p>Facilidade em ter relacionamentos com o sexo oposto</p> <p>Companheira disponível na altura das violações</p>

companheira.../		
US14 mas penso que era para me valorizar, para me afirmar em relação às mulheres.../	US14 P2 informa que as violações cometidas tiveram como objetivo a valorização pessoal e afirmação em relação ao sexo oposto	Violação cometida para valorização pessoal Afirmação em relação ao sexo oposto
US15 mas peço desculpa pelo que fiz... quando vejo as mulheres quem vêm aqui, eu para dentro de mim digo «peço desculpa»... sei que não violei aquelas mulheres que vêm às visitas mas sinto necessidade de dizer isso... porque fiz coisas que não devia fazer./	UP25 P2 menciona a necessidade de pedir desculpa ao sexo oposto, tendo sempre presente a ilicitude do crime	Destaque da necessidade de se desculpabilizar perante o sexo oposto Sempre presente a ilicitude do crime
US16 I- Hum...Tenho uma outra questão...O que lhe cativava nas vítimas? O que via nelas para proceder aos atos? P2- Eu não sei a resposta certa porque as raparigas que encontrei, poderiam ser outras. /	UP26 P2 alega que as vítimas dos crimes cometidos poderiam ter sido outras.	Ausência de protótipo de vítima
US17 Eu sempre abominei as pessoas que praticavam estes crimes... para mim era pena de morte, até	UP27 P2 informa que era contra as pessoas que praticavam crimes idênticos ao seu, informando que	Contra a prática dos crimes de violação

acontecer comigo./	a solução seria a pena de morte	
US18 Eu tenho uma explicação para tudo isto... não é loucura mas é doença (silêncio). /	UP28 P2 explica que o motivo para os crimes cometidos advém pelo facto de ter uma patologia	Perceção de que o motivo do crime advém de uma patologia
US19 I- Porque diz isso? P2- Na altura em Angola, a violação naquele tempo era quase normal, não é que seja normal...eu só depois de estar preso e de perceber as vivências de outras pessoas que estão aqui por crimes de violação, é que percebo que é crime./	UP29 P2 banaliza o crime de violação em contexto cultural, alegando posteriormente de estar consciencializado de que a violação é crime	Banalização do crime de violação em contexto cultural – Distorções cognitivas Consciencialização do crime de violação
US20 Em Angola, um amigo meu tinha feito isso e eu deixei de falar com ele...sentia nojo dele e abominava estes crimes, porque tenho três filhas.../	UP20 P2 informa da prática de violações por parte de um outro significativo e que cortou relações com este, alegando sentimentos repugnantes.	Crimes de violação cometido por outro significativo
US21 e tinha uma mulher com quem eu ia casar e na altura...a minha mulher sofreu agressões sexuais em Angola com 5 homens e foi parar ao hospital e não consegui casar com ela... /	UP21 P2 informa que a sua anterior companheira sofrera de agressões sexuais e que face a isto viu-se incapaz de estabelecer relação matrimonial com a mesma	Outro significativo alvo de agressões sexuais

<p>US22</p> <p>I- Porquê?</p> <p>P2- Perdi a vontade.../</p>	<p>UP22</p> <p>P2 informa a perda de interesse em estabelecer relação matrimonial com a companheira</p>	<p>Perda de interesse por outro significativo</p>
<p>US23</p> <p>depois de cometer estes crimes, vi o quanto essas raparigas eram vítimas./</p>	<p>UP23</p> <p>P2 menciona estar consciencializado do quanto as pessoas escolhidas foram vítimas</p>	<p>Consciência da ilicitude do crime</p>
<p>US24</p> <p>Eu voltei a entrar em contacto com a minha ex-companheira e pedi desculpa por na altura não a compreender. /</p>	<p>UP24</p> <p>P2 informa que voltou a entrar em contacto com a companheira para se desculpar</p>	<p>Importância do contacto com outro significativo</p>
<p>US25</p> <p>Aquilo é um trauma o que fiz aquelas raparigas... eu peço perdão, não vou conseguir mudar e ajudar a que aquelas raparigas consigam ultrapassar o que fiz. É um fardo que vou para sempre carregar./</p>	<p>UP25</p> <p>P2 informa que têm noção do crime praticado e do seu impacto nas vítimas</p>	<p>Noção da ilicitude do crime</p>
<p>US26</p> <p>O meu pai antes de morrer disse-me «porque estás preso?» ...eu menti, disse que eram agressões... mas depois disse a verdade e o meu pai não entendeu</p>	<p>US26</p> <p>P2 refere uma atitude de incompreensão por parte do progenitor aquando da descoberta dos crimes de violação.</p> <p>P2 informa que o progenitor</p>	<p>Perceção de uma atitude incompreensível por parte do progenitor na aceitação do crime</p> <p>Outro significativo aponta</p>

<p>o porquê de ter cometido isso ... eu era obediente e ele não conseguia acreditar no motivo e disse que não se ia zangar comigo, mas que estava triste e desiludido comigo... o meu pai faleceu em 2011 e eu não consegui dar as minhas explicações. /</p>	<p>sentiu-se triste e desiludido consigo. O falecimento do progenitor é sentido como uma situação mal resolvida</p>	<p>sentimentos de tristeza e desilusão Vivência de luto mal resolvido partilhada com o entrevistador</p>
<p>US27 Em relação à minha mãe, não quero que ela morra sem antes conversar com ela sobre os crimes... Sei que se alguém fizesse isso à minha irmã eu nem sei o que fazia./</p>	<p>UP27 P2 menciona que a sua mãe não tem conhecimento dos crimes pelos quais se encontra condenado</p>	<p>Progenitora não tem o conhecimento dos crimes praticados</p>
<p>US29 I- Tenha calma. Voltemos à questão que lhe fiz inicialmente. Consegue explicar o que atraiu nas raparigas que abordou? P2- Não sei ao certo... sei que as raparigas eram até bonitas e jovens... era isso que apreciava./</p>	<p>UP29 P2 informa que as características físicas das vítimas foram o fator atrativo</p>	<p>Características de atração das vítimas</p>
<p>US30 I- Ok. Pode contar-me como procedia às violações? P2- Sim! (silêncio)...Hum...eu</p>	<p>UP30 P2 explica os procedimentos adotados para cometer as violações e o uso de arma.</p>	<p><i>Modus Operandi</i></p>

<p>via um sítio escuro... fiz isso sempre de noite... e se a vítima estivesse a vir, procurava tapar-lhe a boca e assustava-a com uma faca que trazia sempre comigo.../</p>		<p>Ameaças físicas e coação</p> <p>Utilização de arma – “Kit de violação”</p>
<p>US31</p> <p>I- Quando lhe tapava a boca, estava frente a frente com a vítima?</p> <p>P2- Não! Eu atacava-as sempre por trás, pelas costas, com a faca enfiada no pescoço. Elas ficavam assustadas e não faziam nada./</p>	<p>UP31</p> <p>P2 refere a forma de agressão nas vítimas, informando existir ameaças físicas e coação</p>	<p><i>Modus Operandi</i></p> <p>Ameaças e coação nas vítimas</p>
<p>US32</p> <p>I- Ok. E depois o que acontecia?</p> <p>P2- Depois levava a pessoa para um sítio...um sítio escuro... a desculpa que dava, era para roubar o que elas tinham, mas era mentira.../</p>	<p>UP32</p> <p>P2 explica o local das violações, alegando que roubava os pertences pessoais das vítimas</p>	<p>Premeditação do Local</p> <p>Roubo dos pertences pessoais das vítimas</p>
<p>US33</p> <p>I- Como assim?</p> <p>P2- Aquilo era só motivo para iniciar a violação... até nem percebo porque fiz aquilo, porque eu tinha dinheiro e até</p>	<p>UP33</p> <p>P2 alega que o roubo às vítimas surgia como pretexto para principiar as violações</p>	<p>Roubo como justificação para iniciar as violações</p>

trabalhava...numa outra situação fiquei com o telemóvel da rapariga.../		
<p>US34</p> <p>I- Fez isso em todas as situações? E ficou com os objetos pessoais das vítimas?</p> <p>P2- Sim fiz... fiquei com o dinheiro que elas traziam... mas sei que não precisava daquilo para nada./</p>	<p>UP34</p> <p>P2 alega que procedia de igual modo com todas as vítimas</p>	<i>Modus operandi</i>
<p>US35</p> <p>I- E depois o que acontecia?</p> <p>P2- Depois pedia para elas se despirem... elas diziam para eu parar e imploravam para irem embora... eu não parava e despia as calças e continuava a relação.../</p>	<p>UP35</p> <p>P2 descreve o modo de atuação e a resistência por parte das vítimas não era impeditivo a cometer as agressões</p>	<p><i>Modus operandi</i></p> <p>Não cessação da violação após resistência por parte das vítimas</p>
<p>US36</p> <p>I- Sim... E depois?</p> <p>P2- Até ejacular e só depois as deixava ir embora./</p>	<p>UP36</p> <p>P2 informa que posteriormente a haver satisfação sexual e o ato estar consumado que as vítimas poderiam ir-se embora</p>	Consumação do ato após satisfação sexual
<p>US37</p> <p>Houve uma situação de uma</p>	<p>UP37</p> <p>P2 reporta um episódio de</p>	Distorções cognitivas associadas ao sofrimento da vítima

<p>rapariga que estava com medo de ir embora sozinha e pediu-me para ir com ela. Eu esperei por ela para ir embora, fiz com que não ficasse sozinha com medo.../</p>	<p>violação</p>	
<p>US38</p> <p>I- Durante os atos, mantinha conversa com as vítimas? Dizia-lhes algo?</p> <p>P2- Sim... procurava perceber se as raparigas tinham namorado, como se chamavam... tentava falar com elas./</p>	<p>UP38</p> <p>P2 informa que mantinha contacto com as vítimas, questionando assuntos pessoais</p>	<p>Contacto com as vítimas</p>
<p>US39</p> <p>I- Procedeu sempre da mesma forma com todas as vítimas? Daquilo que me descreveu, atuava sempre da mesma forma?</p> <p>P2- Sim... fazia tudo sempre igual, tudo igual./</p>	<p>UP39</p> <p>P2 menciona que o modo de atuação era idêntico com todas as vítimas</p>	<p><i>Modus operandi</i></p>
<p>US40</p> <p>I- Então podemos falar de um padrão de atuação nas agressões?</p> <p>P2- Nunca pensei muito nisso... (silêncio) mas sim, considero que sim porque eu quando cometi estes atos, acabava por fazer</p>	<p>UP40</p> <p>P2 considera haver um padrão de atuação nas violações cometidas</p>	<p>Identificação de um <i>Modus operandi</i></p>

<p>sempre a mesma coisa com elas (vítimas)./</p>		
<p>US41</p> <p>I- Em alguma situação, houve resistência por parte das vítimas?</p> <p>P2- Sim, houve... não em todas .../me recordo um caso em que, quando lhe levantei as saias ela tentou fugir e bateu-me... mas eu apertei-lhe o pescoço e disse para se calar./</p>	<p>UP41</p> <p>P2 informa que uma vítima ofereceu resistência</p>	<p>Resistência por parte de uma vítima</p>
<p>US42</p> <p>I- E depois o que aconteceu? Continuou com o ato?</p> <p>P2- Sim... aquilo não me impediu de continuar. Ela depois calou-se. /</p>	<p>UP42</p> <p>P2 alega que a resistência por parte da vítima não foi impeditiva para realizar o ato</p>	<p>Não cessação do ato após resistência da vítima</p>
<p>US43</p> <p>Também me recordo de um caso e deve estar no processo... de uma rapariga que quando a violei...ela chorava e pedia para parar...mas quando introduzi o meu pênis nela, eu vi na cara dela que ela estava a gostar!</p> <p>I- Porque afirma isso?</p>	<p>UP43</p> <p>P2 aborda um episódio de violação onde a vítima evidencia gosto pelo ato sexual</p>	<p>Distorções cognitivas associadas ao sofrimento da vítima</p>

<p>P2- Não sei bem... mas sentia que aquele choro não era real... que ela estava a gostar da situação./</p>		
<p>US44</p> <p>I- Hum... E como se sentia depois de praticar os atos?</p> <p>P44- Eu depois da violação não me sentia bem...eu pensava «como será que elas estão» ... eu chegava a casa, sentava-me no sofá a pensar... se cometesse uma violação, nessa noite não dormia, ficava sempre a pensar naquilo... e sentia-me arrependido.../</p>	<p>US44</p> <p>P2 informa que após cometer as violações, sentia-se arrependido</p>	<p>Arrependimento posterior à violação</p>
<p>US45</p> <p>mas depois esquecia e passado 4 a 5 dias, ou talvez semanas, eu voltava a cometer o mesmo. Ainda me sinto um porco, sinto nojo... eu não penso tanto em mim, porque sei que fui o causador... eu ainda não me sinto em paz, /</p>	<p>UP45</p> <p>P2 menciona que após cometer uma violação ficava um período temporal sem cometer crimes, até voltar a reincidir. P2 atribui as causas do crime exclusivamente a si próprio</p>	<p>Período temporal sem praticar violações</p> <p>Sentimentos de náuseas em relação ao crime praticado</p> <p>Reconhecimento como o único responsável pelos crimes praticados</p>
<p>US46</p> <p>tenho 3 filhas... tenho uma filha de quase dez anos e a minha mulher perguntou «se me tinhas a</p>	<p>UP46</p> <p>P2 alega que tentou suicídio após confrontação da companheira sobre as violações cometidas.</p>	<p>Tentativa de suicídio devido à confrontação de outro significativo pelos crimes</p>

<p>mim porque me fizeste isso?».. eu não compreendi e tentei me suicidar...mas a morte não me levou e aí eu pensei que seria um sinal de Deus e também para mudar a minha vida... sei que não posso mudar o que fiz, mas aprendi./</p>		<p>cometidos</p>
<p>US47</p> <p>I- Hum...agora tem a noção que o terminar com a sua vida não resolveria os seus problemas e se está convicto que pode mudar a sua vida e aprender com os erros, é assim que deve pensar. Agora tenho outra questão. Recorda-se mais ou menos de quantas vítimas foram? Uma estimativa...</p> <p>P2- Sim recordo...se não estiver enganado, umas 4 ou 5 raparigas. Eu me recordo que uma ainda era menor e as outras quatro eram grandes./</p>	<p>US47</p> <p>P1 refere a totalidade das vítimas</p>	<p>Totalidade das vítimas</p>
<p>US48</p> <p>I- Ok. E dessas raparigas que me falou, houve repetição de alguma?</p> <p>P2- Não, isso não... que eu saiba não!./</p>	<p>UP48</p> <p>P2 alega que as vítimas não foram repetidas</p>	<p>Não repetição das vítimas</p>

<p>US49</p> <p>I-Sabe precisar quanto tempo demorava com cada pessoa?</p> <p>P2- Sei...mais ou menos vinte minutos. Ia a passear, via a rapariga, abordava, fazia a relação e depois ia-me embora...cometi essas agressões ao longo de oito meses, até ser descoberto./</p>	<p>UP49</p> <p>P2 informa a duração das violações, descrevendo o modo de atuação. P4 informa o período temporal das agressões</p>	<p>Durabilidade das violações</p> <p><i>Modus Operandi</i></p> <p>Período temporal das violações</p>
<p>US50</p> <p>I- Usou algum objeto?</p> <p>P2- Usava sempre uma faca.../</p>	<p>UP50</p> <p>P2 informa que utilizava uma arma nas violações e que atualmente tem tido pesadelos com as vítimas</p>	<p>Kit de violação</p> <p>Pesadelos com as vítimas</p>
<p>US51</p> <p>tenho tido pesadelos com isso, sonho com as vítimas.../</p>	<p>UP51</p> <p>P1 informa que tem tido pesadelos com as vítimas</p>	<p>Pesadelos com as vítimas</p>
<p>US52</p> <p>eu vejo as novelas e está a dar a «Única Mulher» e vejo um episódio de violação em específico e faz-me lembrar eu...sonho com as vítimas... sei que há caras que abordei na escuridão que não me recordo, mas há outras que me recordo</p>	<p>UP52</p> <p>P2 reporta um episódio visualizado na televisão sobre violação que lhe faz recordar os seus crimes. P2 informa que se recorda de algumas vítimas e sonha com as mesmas.</p>	<p>Perceção do impacto de uma situação negativa nas suas vivências</p> <p>Recordação das vítimas através de sonhos</p>

<p>perfeitamente e sonho com elas./</p>		
<p>US53</p> <p>I- Hum...Quando diz que sonha com elas... sonha com o quê, em específico?</p> <p>P2- Olhe há uma rapariga que violei em Carcavelos, eu sonho com ela... era uma inglesa e revejo certas frases em inglês que ela me disse... na altura não ligava porque nem percebia o que ela dizia... mas, agora como estou a ter aulas de inglês é que entendo o que ela me dizia./</p>	<p>UP53</p> <p>P2 alega um episódio de violação</p>	<p>Episódio de violação</p>
<p>US54</p> <p>I- E como se sente ao reviver este episódio?</p> <p>P2- Sinto raiva, tristeza... sinto nojo de mim e arrependimento.../</p>	<p>US54</p> <p>P2 informa que o episódio de violação provocou sentimentos de raiva, tristeza, náuseas e arrependimento</p>	<p>Recordação do episódio de violação provoca sentimentos de raiva, tristeza, náuseas e arrependimento</p>
<p>US55</p> <p>I- Está bem... Chegou a usar algum disfarce nas violações?</p> <p>P2- Sim... usava sempre um gorro para não ser reconhecido./</p>	<p>UP55</p> <p>P2 menciona que usava disfarce nas violações</p>	<p>Kit de violação</p>

<p>US56</p> <p>I- E depois o que sentiu quando descobriram as agressões que cometeu?</p> <p>P2- Era um misto de vergonha, arrependimento e tristeza../</p>	<p>UP56</p> <p>P2 evidencia sentimentos de vergonha, arrependimento e tristeza após descoberta das violações</p>	<p>Descoberta das violações provocou sentimentos de vergonha, arrependimento e tristeza</p>
<p>US57</p> <p>eu era o dono da moral, eu era o senhor que falava mal destes crimes e depois fiz isso... por isso é que quando eu fui condenado a 18 anos de prisão, achei justo.</p>	<p>UP57</p> <p>P2 informa que era contra os crimes que praticou e concorda com a sua condenação</p>	<p>Concordância com a medida aplicada</p>
<p>US58</p> <p>I- Achou justa a sua condenação?</p> <p>P2- Achei sim... nem recorri a nada e até hoje acho justo, sei o que fiz e estou pagando por isso. É a oportunidade que Deus me deu para mudar a minha vida. /</p>	<p>US58</p> <p>P2 evidencia concordância com a medida aplicada</p>	<p>Questões relacionada com a situação jurídico-penal</p> <p>Concordância com a medida aplicada</p> <p>Noção da ilicitude do crime</p>
<p>US59</p> <p>Eu mereço cada segundo e cada ano e o que me foi dado vou cumprir. Eu sei que quando sair daqui vou olhar de maneira diferente para as mulheres./</p>	<p>UP59</p> <p>P2 acha justa a pena que lhe foi atribuída, e revela que quando termina a pena irá olhar de forma diferente para o sexo oposto</p>	<p>Concordância com a medida aplicada</p>

<p>US60</p> <p>I- Porque diz isso? O que o leva a pensar assim?</p> <p>P2- Quando passam filmes de agressões sexuais aqui no programa onde estou com outros agressores, eu me revejo ali, sinto tristeza...sinto que foi o que fiz...</p>	<p>UP60</p> <p>P2 explica o impacto que o programa para agressores sexuais tem em si, provocando sentimentos de tristeza pela identificação com as suas vivências</p>	<p>Impacto do programa educativo para agressores sexuais</p> <p>Percepção dos exercícios realizados no programa vivenciados de forma negativa, provocando sentimentos de tristeza</p>
<p>US61</p> <p>o programa me tem feito bem. /</p>	<p>UP61</p> <p>P2 informa que o programa traz benefícios</p>	<p>Reconhecimento que o programa para agressores sexuais traz benefícios</p>
<p>US62</p> <p>I- Hum, ok. Sei que tem acompanhamento psicológico e psiquiátrico aqui. Como têm corrido as coisas?</p> <p>P2- Têm corrido muito bem... me sinto muito bem...aos pouco vou ficando em paz porque vou compreendendo o que fiz. /</p>	<p>US62</p> <p>P2 informa que o acompanhamento psicológico e psiquiátrico tem corrido bem, informando o bem-estar e satisfação. P2 refere um maior sentimento de tranquilidade</p>	<p>Reconhecimento do bem-estar e satisfação proporcionados pelo acompanhamento psicológico e psiquiátrico</p> <p>Maior sentimento de tranquilidade</p>
<p>US63</p> <p>Gosto de falar com o psicólogo... Eu sinto necessidade de falar com as pessoas... eu preciso de ajuda, preciso de falar com alguém...</p>	<p>UP63</p> <p>P2 refere que um dos aspetos positivos do acompanhamento psicológico consiste na percepção de que existe um profissional</p>	<p>Atitude de abertura sem receio de julgamentos</p> <p>Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de</p>

<p>falo com a doutora, para ela me ajudar a entender o porquê de ter feito as violações...ela me entende bem e não me julga como o meu pai...apesar de perceber que, aos poucos e só com a minha entrega, conseguirei falar sobre todo o meu passado.../</p>	<p>com quem pode delinear uma atitude de maior abertura. P2 refere que tem de aderir totalmente ao acompanhamento para compreender certas vivências</p>	<p>forma a compreender certas vivências no passado</p>
<p>US64</p> <p>I- Atualmente está a tomar medicação?</p> <p>P2- Sim...tomo uns comprimidos para dormir, porque quando vim para a prisão, não conseguia dormir...atualmente durmo bem e faço as minhas coisas bem./</p>	<p>US64</p> <p>P2 refere que toma medicação e que a mesma tem ajudado a dormir e a realizar a sua rotina</p>	<p>Medicação</p> <p>Benefícios da medicação</p>
<p>US65</p> <p>Vou aos programas que a minha educadora me aconselhou... vou ao psicólogo quando me chamam e de vez em quando é que falo com o psiquiatra./</p>	<p>US65</p> <p>P2 refere que participa livremente nos programas, acompanhamentos psicológico e psiquiátrico escolhido pela sua educadora</p>	<p>Participação espontânea nos programas, acompanhamento psicológico e psiquiátrico selecionado pela educadora</p>
<p>US66</p> <p>I- E como se tem sentido?</p> <p>P2- Bem, doutora.... Estou bem e sinto que quando sair daqui irei ser uma pessoa diferente.</p>	<p>US66</p> <p>P2 informa que o acompanhamento tem trazido bem-estar e que a reclusão tem possibilitado mudanças positivas</p>	<p>Bem-estar advindo dos acompanhamentos.</p> <p>Perceção de que o acompanhamento tem produzido mudanças positivas</p>

<p>US67</p> <p>I- Diferente em que aspeto?</p> <p>P2- Eu recordo todos os dias do que fiz e sei que não quero isto para a minha vida...não quero fazer mais isso... /</p>	<p>US67</p> <p>P2 refere que recorda diariamente os crimes praticados e que não irá reincidir nos mesmos</p>	<p>Consciência da ilicitude do crime</p> <p>Destaque para a não reincidência</p>
<p>US68</p> <p>eu sei que dizem que as pessoas que violam têm tendência para reincidir... mas eu tenho a certeza que não vou voltar a cometer esses crimes ...eu não respeitava o sexo oposto, porque se fiz isso é porque não respeitava as mulheres... mas não voltarei a fazer isso./</p>	<p>UP68</p> <p>P2 refere que não irá reincidir nas violações cometidas</p>	<p>Destaque para a não reincidência</p>
<p>US69</p> <p>I- Ok. E agora uma questão final... quem é o “P2”? Quem é esta pessoa que tenho à minha frente?</p> <p>P2- Sei que sou uma boa pessoa...sou educado, obediente...gosto da minha família e tenho bons amigos... também sou trabalhador... /</p>	<p>US69</p> <p>P2 menciona características pessoais quando questionado pelo entrevistador</p>	<p>Identificação de características pessoais</p>
<p>US70</p>	<p>US70</p>	

<p>só que cometi aquelas violações e estou pagando por isso... mereço pagar pelo que fiz e estou arrependido. As raparigas não mereciam aquilo, por isso vou pagar a minha condenação até ao fim doutora. /</p>	<p>P2 informa que a condenação atribuída foi justa e que se encontra arrependido pelos crimes praticados</p>	<p>Consciência da ilicitude do crime e da necessidade de merecer a pena</p> <p>Arrependimento pelos crimes cometidos</p>
<p>US71</p> <p>I- Ok. Da minha parte está tudo. Agradeço o facto de ter disponibilizado este tempo para falar comigo. Tem alguma questão que queira colocar?</p> <p>P2- Não doutora. Foi bom falar consigo, dizer isso... gosto de falar com as pessoas, faz-me sentir bem.</p> <p>I- Ok. Obrigada, pode ir./</p>	<p>UP71</p> <p>P2 refere o bem-estar advindo do diálogo com o entrevistador</p> <p>Final da entrevista</p>	<p>Diálogo com o entrevistador traz sentimentos positivos</p> <p>Final da entrevista</p>

3- Análise da Entrevista do participante P3

Unidades de Significado	Transformação das Unidades de Significado em Unidades de Significado Psicológico	
<p>US1</p> <p>I- Bom dia. Recorda-se o motivo</p>	<p>UP1</p> <p>P3 refere que se encontra</p>	<p>Identificação dos crimes</p>

<p>que originou o processo judicial pelo qual se encontra condenado?</p> <p>P3- Sim, por crimes de violação. Ocorreu em 2008, quando saía do local de trabalho. Não sei explicar o porquê de ter feito aquilo... surgiu no momento./</p>	<p>condenado por crimes de violação, alegando o período temporal em que os mesmos ocorreram. P3 não encontra uma explicação para os crimes cometidos</p>	<p>Condenação por crimes de violação sexual</p> <p>Periodicidade dos crimes</p> <p>Dificuldade na atribuição de causa para os crimes cometidos</p>
<p>US2</p> <p>I- E antes de cometer estes crimes como se sentia?</p> <p>P3- Antes tinha tido uns problemas pessoais e familiares e laborais...andava com a minha vida feita num oito e tenho problemas clínicos e antecedentes e andava desorientado... fui agressivo e é uma coisa estúpida isso o que fiz, foi o extremo mas já houve situações mais difíceis na minha vida.../</p>	<p>UP2</p> <p>P3 informa que antes dos crimes, estava com problemas pessoais, familiares e laborais, encontrando-se psicologicamente desequilibrado. P3 alega a gravidade dos crimes embora mencione situações mais difíceis na sua vida.</p>	<p>Identificação de problemas pessoais, familiares e laborais</p> <p>Identificação de problemas clínicos e antecedentes</p> <p>Desequilíbrio psicológico</p> <p>Destaque de vivências difíceis</p>
<p>US3</p> <p>a psicóloga clínica tem-me ajudado muito cá dentro. Atualmente até já consigo raciocinar e ter noção das coisas que fiz./</p>	<p>UP3</p> <p>P3 informa a importância do acompanhamento psicológico, salientando as vantagens. P3 refere que consegue ponderar sobre os crimes praticados</p>	<p>Benefícios do Acompanhamento Psicológico</p> <p>Noção da ilicitude do crime</p>
<p>US4</p> <p>I-Quando fala em situações difíceis refere-se ao quê em</p>	<p>UP3</p> <p>P3 refere que vivenciou no passado situações difíceis-</p>	<p>Atribuição de vivências difíceis no passado à progenitora e</p>

<p>concreto?</p> <p>P3- Isto tem a ver com situações passadas, traumas do passado. Eu quis implicar aos outros situações que me foram implicadas.</p> <p>I- Como assim?</p> <p>P3- Tive problemas na infância, problemas de abuso da minha mãe e padrasto... dou um exemplo, tive fechado 3 meses num armário a pão e a água...somos dezasseis filhos no total e eu quando nasci não fui muito bem recebido pela minha mãe e fui criado pela minha avó materna e as situações de crimes aconteceram quando ela (avó) estava doente e com cancro na boca... ela durou muito, morreu com 73 anos. Ela para mim era mais que tudo./</p>	<p>negligência por parte da progenitora e padrasto. P3 informa o descontentamento da progenitora face ao nascimento de P3. P3 salienta a importância da sua avó materna no seu percurso vivencial, sendo a mesma a única figura de referência afetiva.</p>	<p>padrasto – Negligência</p> <p>Reconhecimento do descontentamento da progenitora aquando do nascimento de P3</p> <p>Avó materna única figura de referência afetiva</p>
<p>US5</p> <p>I- Uma outra questão mais específica. Referiu-se aos abusos...Houve abusos a outros níveis?</p> <p>P3- Sim, por parte da minha mãe e padrasto...refiro-me a abusos sexuais...na altura tinha 8 anos e numa situação mais a frente, já</p>	<p>UP5</p> <p>P3 informa abusos sexuais por parte da progenitora, padrasto e o círculo de amigos da mãe. P3 refere a cessação das agressões cessaram.</p>	<p>Vivência de abusos sexuais por parte da progenitora, padrasto e círculo de amigos da mãe</p> <p>Términus das agressões sexuais</p>

<p>tinha 13 anos e foi com os amigos da minha mãe e por volta dos 16 anos fugi de casa... as agressões deram-se até esta data./</p>		
<p>US6 I- E depois o que aconteceu? P3- Fui internado numa instituição ...foi um primo meu que me mandou para lá, tive lá cerca de oito meses. Quando tive 17 anos sai de lá e fui trabalhar./</p>	<p>UP6 P3 informa internamento em uma Instituição.</p>	<p>Internamento em Instituição</p>
<p>US7 I- Sei que são situações sempre difíceis de reviver... mas como se sentia nestas agressões sexuais? Consegue recordar-se? P3- Raiva, ódio... não sei bem.../</p>	<p>UP7 P3 refere sentimentos de raiva e ódio nas agressões sexuais suportadas no passado</p>	<p>Sentimentos de raiva e ódio devido às agressões sexuais vivenciadas no passado</p>
<p>US8 I- Entendo o que me diz...Falou-me no falecimento da sua avó...Como lidou com a perda desta pessoa tão significativa para si? P3- Quando ela (avó) faleceu, do ano noventa e nove para dois mil e tal fiz tratamento psicológico porque não comia e não fazia nada, não tinha reação...deram um nome para isso, perda súbita de suporte...trauma de qualquer</p>	<p>UP8 P3 refere que o falecimento da sua avó materna foi vivenciado de forma altamente negativa, iniciando tratamento psicológico, pelo facto de não manifestar interesse pela vida. P3 alega não comemorar o seu dia de anos desde o falecimento da sua avó.</p>	<p>Luto e perda da figura de referência afetiva vivenciados de forma altamente negativa Destaque para o tratamento psicológico associado ao desinteresse pela vida Desinteresse por datas festivas associado à perda da figura vinculativa</p>

<p>coisa ou a pessoa vive bandido ou bloqueia... e eu tive várias fugas de casa para casa da minha avó, no passado. A minha avó faleceu no dia antes dos meus anos e eu não comemoro.</p> <p>I- Não comemora por causa da morte da sua avó?</p> <p>P3- Sim, desde a morte dela, não comemoro... não faz sentido para mim...ela era tudo para mim, perdi alguém muito importante na minha vida./</p>		
<p>US9</p> <p>I- Compreendo. Voltemos então ao processo. Consegue encontrar uma resposta objetiva para os crimes cometidos?</p> <p>P3- Não consigo encontrar uma resposta objetiva, mas tenho duas ou três razões... eu estava a vivenciar a minha vida de forma negativa, estava sem trabalho e em stresse... a minha filha tinha-me sido retirada... a mãe da minha filha tinha-me sido infiel e eu apanhei a situação toda...fui traído inúmeras vezes ...Foi um misto de acontecimentos todos na mesma altura que me desorientaram...eu na altura como</p>	<p>UP9</p> <p>P3 aborda diversos motivos para os crimes cometidos. Nesta altura, os problemas vivenciados foram a principal razão para uma desorganização psicológica.</p> <p>P3 alega no passado encontrar-se dependente e submisso da sua companheira e as violações resultaram como forma de se afirmar sobre o outro</p>	<p>Identificação do motivo para as violações cometidas</p> <p>Vivências negativas contribuíram para uma desorganização psicológica</p> <p>Dependência e submissão da companheira</p> <p>Violações como forma de afirmação sobre o outro</p>

<p>não tinha ninguém continuei com ela... era uma relação de dependência eu sei que era dependente dela, a todos os níveis... eu estava submetido a alguém e naquelas situações (violações) eu quis-me afirmar sobre alguém percebe isso? /</p>		
<p>US10 I- Afirmar-se sobre alguém em que aspeto? P3- Eu estava sendo oprimido pela mãe da minha filha e eu queria-me afirmar, sentir –me alguém, queria exercer o meu poder, queria-me sentir superior a alguém...coisa que nunca fui antes... e também a terceira razão é tudo o que passei e sentir-me isolado sem conseguir resolver nada...quis meter na vítima tudo o que passei na vida./</p>	<p>UP10 P3 sente que, a opressão por parte da companheira, fez com que necessitasse de se afirmar e exercer o seu poder no outro. P3 refere a vontade de transmitir nas vítimas as suas vivências negativas passadas</p>	<p>Necessidade de afirmação e poder sobre o outro Transmitir nas vítimas as suas vivências negativas do passado</p>
<p>US11 I- Então porque procedia aos atos? P3- Não fiz isto para me satisfazer porque não obtive satisfação nenhuma...depois do ato em si, eu não conseguia dormir... não me sentia bem com aquela situação e sentia raiva e arrependimento e remorsos de mim./</p>	<p>UP11 P3 refere que não alcançava satisfação sexual nas violações. Posteriormente, ao ato sentia raiva e arrependimento de si.</p>	<p>Ato sexual sem satisfação sexual Sentimento de raiva e arrependimento após as agressões</p>

<p>US12</p> <p>I- Se me diz que com ato sexual não obtinha satisfação sexual...então o que sentia antes de cometer as violações? Consegue explicar?</p> <p>P3- Não sei muito bem... mas devido aos meus problemas todos, eu sentia o querer fazer aquilo...sentia um mix...sentia aquela necessidade de descarregar nas vítimas tudo o que passei e juntamente com isso, pode-se falar numa pré-excitação... uma espécie de revolta misturada com desejo... mas depois no ato em si, não sentia prazer... e depois vinha o arrependimento./</p>	<p>UP12</p> <p>P3 refere que previamente ao ato sentia uma vontade de transmitir nas vítimas todas as suas vivências negativas, acompanhada de excitação. Refere revolta e desejo sexual. P3 salienta que no ato sexual não sentia prazer sexual e posteriormente prevalecia o arrependimento.</p>	<p>Vontade de transmitir às vítimas as suas vivências negativas passadas, acompanhada de excitação sexual</p> <p>Sentimentos antagónicos de revolta e desejo sexual antes do ato</p> <p>Ato sexual sem satisfação sexual</p> <p>Arrependimento após consumação do ato</p>
<p>US13</p> <p>I- Ok. Acha que a razão para exercer esse poder nas vítimas advém de toda a sua situação vivencial? Consegue encontrar uma explicação?</p> <p>P3- Sim... eu tive com a mãe da minha filha durante quatro anos e meio e só no primeiro ano é que tive excitação sexual porque ela me pedia.../</p>	<p>UP13</p> <p>P3 alega sentir excitação sexual com a companheira, apenas em determinado período temporal</p>	<p>Período temporal de excitação sexual com a companheira</p>
<p>US14</p>	<p>UP14</p>	

<p>e houve uma situação em que recorri a prostitutas, mas na hora “h” não conseguia ter ereção e ia-me embora.../</p>	<p>P3 recorre a prostitutas para obter satisfação sexual, embora não consiga realizar o que pretendia.</p>	<p>Recurso a prostitutas como forma de obter satisfação pessoal e inexistência de satisfação sexual</p>
<p>US15 e houve uma situação em que me chateei com a minha companheira e me envolvi com uma amiga dela.../</p>	<p>UP15 P3 alega uma situação de infidelidade para com a companheira</p>	<p>Infidelidade para com a companheira</p>
<p>US16 sinto necessidade de satisfazer o parceiro mais do que a mim. I- Porque diz isso? P3- Não me importa de estar numa situação de submissão em relação às mulheres... e quando digo isto é em relações laborais, familiares... não me importa que sejam elas a gerir as coisas, até é melhor para mim.../</p>	<p>UP16 P3 ressalta a necessidade de satisfazer o parceiro mais do que si próprio. P3 refere que aceita a submissão perante o sexo oposto e que isto pode ocorrer nas diversas áreas da sua vida.</p>	<p>Necessidade de satisfazer em primeiro lugar o parceiro Aceitação da submissão perante o sexo oposto em várias áreas vivenciais</p>
<p>US17 I- Entendo... mas a satisfação que referiu, é em termos familiares e laborais ou comporta outros campos? P3 – Quando lhe falei em satisfação, referia-me a nível sexual...satisfazer a parceira primeiramente e depois a mim... aprendi com a minha experiência sexual que seria a melhor opção.</p>	<p>UP17 P3 identifica satisfação a nível sexual e a necessidade de satisfazer em primeiro lugar o parceiro.</p>	<p>Satisfação sexual que obtêm em atividades consensuais Necessidade de em primeiro lugar satisfazer sexualmente o parceiro</p>

<p>I- Porquê?</p> <p>P3- Porque sim, aprendi que seria assim!/ </p>		
<p>US18</p> <p>I- Ok. Recordar-se como ocorreram as violações?</p> <p>P3- Sim...Eu via alguém com o qual me identificasse e ia ter com a pessoa... puxava-as para uma zona descampada e depois agarrava-as com muita força...costumava fazer um bloqueio de braço (demonstra)... os guardas e polícias fazem todos esse bloqueio... mandava-as ao chão...elas pediam para largar e saírem daquela posição, mas eu tirava o braço e passava para o pescoço.../</p>	<p>UP18</p> <p>P3 descreve como surgiram as violações, informando que perseguia as pessoas com os quais se identificava. P3 informa que o local era premeditado. P3 refere o uso da força física para coagir as vítimas</p>	<p><i>Modus operandi</i></p> <p>Perseguição das vítimas</p> <p>Premeditação do local</p> <p>Força física como forma de coerção nas agressões sexuais</p>
<p>US19</p> <p>I- Como se encontravam as vítimas nestas situações?</p> <p>P3- Assustadas! É claro que elas começavam a mandar vir comigo, mas eu gritava-lhes para ficarem quietas... e eu tirava-lhes o cinto e as calças...há coisas que não se conseguem explicar.</p>	<p>UP19</p> <p>P3 refere que nas violações as vítimas encontravam-se assustadas e ofereciam resistência. P3 refere a existência de ameaças físicas e verbais e posteriormente, havia a consumação do ato.</p>	<p>Vítimas apavoradas ofereciam resistência</p> <p>Ameaças verbais e físicas</p> <p>Consumação do ato sexual</p>

<p>I- Que coisas? Refere-se ao quê concretamente?</p> <p>P3- Há factos que não sei precisar se foram antes ou depois...se tirava o cinto e depois as calças ou o contrário... depois tirava o preservativo e consumava o ato.../</p>		
<p>US20</p> <p>mas depois para não ir logo embora, metia conversa com elas.</p> <p>I- Que tipo de conversas?</p> <p>P3- Perguntava-lhes o nome, onde moravam... e elas aí já estavam bem... já não se encontravam assustadas e a conversa fluía naturalmente./</p>	<p>UP20</p> <p>P3 informa que após as violações, estabelecia contacto com as vítimas. P3 refere que as vítimas não se encontravam assustadas após as violações e que a conversa entre ambos surgia de modo natural</p>	<p>Contacto com as vítimas</p> <p>Distorções cognitivas associadas ao facto de considerar que as vítimas não se encontravam assustadas após a violação</p>
<p>US21</p> <p>I-Consegue descrever-me as vítimas que abordava?</p> <p>P3- Quando me envolvo com alguém, não aprecio se é bonita ou feia...não me importava isso... falo com as pessoas com o olhar.</p> <p>I- Com o olhar?</p> <p>P3- Sim... para mim ser bonita é por dentro... como a pessoa trata</p>	<p>UP21</p> <p>P3 informa que as características físicas não constituíam foco de atração, alegando que o seu modo de contacto com os outros processa-se através do olhar</p>	<p>Características físicas não constituem foco de atração</p> <p>Estabelece contacto com outros através do olhar</p>

<p>e lida comigo é isso que importa.../</p>		
<p>US22</p> <p>I- Sim. Mas estamos a falar de contextos completamente diferentes. Estamos a falar das violações e gostaria de perceber, caso consiga descrever, como eram as vítimas.</p> <p>P3- Ah... Uma vítima era pequena, outra tinha os cabelos meio alourados...nunca pensei muito nisso...queria era exercer simplesmente o meu domínio... usei a força física para lhes coagir, para elas (vítimas) não fugirem.../</p>	<p>UP22</p> <p>P3 descreve fisicamente as vítimas, alegando a necessidade de exercer o seu domínio em alguém. P3 recorda o uso da força física para coagir as vítimas</p>	<p>Descrição física das vítimas</p> <p>Necessidade de exercer domínio nas vítimas</p> <p>Uso da força física como forma de coação</p>
<p>US23</p> <p>I- E como se sentia ao usar a força física para lhes coagir?</p> <p>P3- Tinha de ser... se não mostrasse o meu poder e que eu é que comandava a situação, elas fugiam... sentia aquele mix de excitação com vontade... uma vontade do tipo “tem de ser”... até ser mesmo.../</p>	<p>P3 informa que o uso da força física tinha como finalidade coagir as vítimas. P3 menciona a excitação e vontade incontrolável para cometer as agressões.</p>	<p>Uso da força física como forma de coação</p> <p>Excitação e vontade incontrolável para cometer as agressões sexuais</p>
<p>US24</p> <p>I- E houve alguma reação por parte das vítimas?</p> <p>P3- Sim claro! Levei estalos...</p>	<p>P3 informa que houve resistência por parte das vítimas e que, chegou a ficar com os pertences pessoais das mesmas</p>	<p>Vítimas ofereciam resistência</p> <p>Roubo dos pertences pessoais das vítimas</p>

cheguei a levar delas mas nem senti dor e continuei com o acto.../		
US25 mas também não sinto dor desde o falecimento da minha avó, acontece.../	P3 refere ausência de dor após o falecimento da avó materna	Ausência de dor devido ao luto e perda de outro significativo
US26 I- Sente dificuldade em sentir dor? Tem dificuldade em expressar o que sente? P3- Sim... tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos e emoções, já há muito tempo.../	P3 revela a dificuldade em expressar os seus sentimentos e emoções	Dificuldade em expressar sentimentos e emoções
US27 aqui dentro até já consigo falar, raciocinar, expressar... a psicóloga tem feito um bom trabalho e eu sinto que preciso me envolver para poder compreender o que fiz./	P3 informa que em contexto de reclusão consegue expressar os seus sentimentos e emoções, pelo facto de ter acompanhamento psicológico. P3 ressalta a necessidade de adesão total ao acompanhamento, para compreender os crimes praticados	Impacto positivo do acompanhamento psicológico na forma de expressar os seus sentimentos e emoções Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências no passado
US28 I- E em lidar com pessoas do mesmo sexo e sexo oposto? P3- As minhas melhores amigas são raparigas... sinto-me mais protegido, mais aberto, mais espontâneo. Os homens só sabem falar de três coisas, sexo, futebol e	P3 informa a facilidade em lidar com o sexo oposto e dificuldade em conviver com sujeitos do mesmo sexo. P3 desvaloriza pessoas do mesmo sexo comparativamente ao sexo oposto.	Facilidade em lidar com o sexo oposto e dificuldade em lidar com o mesmo sexo Desvalorização de sujeitos do mesmo sexo em comparação com o sexo oposto

<p>carros e eu com as minhas amigas falo de tudo e fica guardado. Os homens só têm serradura na cabeça. Mas eu sou muito doce para quem me trata bem...mas quando as coisas azedam eu recorro a tudo .../</p>		
<p>US29 I- Como assim? P3- Cheguei a manifestar uma situação de agressividade com a minha tia, e ela atualmente não anda.../</p>	<p>P3 refere o uso da agressividade na tia como forma de resolver os problemas vivenciados no quotidiano</p>	<p>Utilização da agressividade como forma de resolução de problemas vivenciados no quotidiano</p>
<p>US30 I- Porque fez isso? P3- Por revolta (esboçou um sorriso na situação). I- Revolta de quê ou de quem? P3- Da minha tia Conceição... quem é a filha que sai de casa aos 16 anos de idade e a minha tia nunca quis saber da mãe, quando se separou do marido é que foi lá para casa e se lembrou que tinha uma mãe... ela batia e sugava o dinheiro da minha avó.../</p>	<p>P3 refere o uso de agressividade na tia por revolta</p>	<p>Sentimentos de revolta</p>
<p>US31 I- Chegou a presenciar alguma destas situações que relatou? P3- Sim...sentia-me em choque... não era raiva nem cólera...é um</p>	<p>P3 alega sentimentos de raiva e uso da agressividade na tia, devido ao facto de vivenciar situações negativas</p>	<p>Sentimentos de raiva e de agressividade associados a vivências negativas</p>

<p>mix... sei que cheguei a agredi-la muitas vezes e numa situação ela chegou a vir da varanda para baixo./</p>		
<p>US32 I- E acha que este era o procedimento correto para lidar com a situação? P3- Na altura foi assim que agi... como lhe disse, por revolta de tudo o que ela fez à minha avó./</p>	<p>P3 considera que os procedimentos adotados surgiram pela revolta sentida nas vivências menos positivas</p>	<p>Revolta associada a vivências negativas</p>
<p>US33 I- Vivenciou mais alguma situação agressiva? P3- De todas as situações mais agressivas, tive algumas que podem dar origem em processos ou não...foi em situações em que estava mais aflito, mais instável e vulnerável... eu não sou uma pessoa agressiva, sou uma pessoa tranquila no meu dia-a-dia... eu não reajo perante algumas situações...numa posso levar porrada, porque não reajo e fico quieto... a pessoa pode-me atacar eu não reajo... perante algumas pessoas eu não reajo e perante outras pessoas eu reajo e parto tudo... /</p>	<p>P3 informa a existência de outras situações agressivas, que poderiam originar processos judiciais.</p>	<p>Existência de outras situações de agressividade</p>
<p>US34</p>	<p>UP34</p>	

<p>I- Consegue controlar a sua agressividade em todas as situações ou só em algumas?</p> <p>P3- Só em algumas... existem situações em que a agressividade surge em primeiro lugar e eu reajo a quem me provoca e parto tudo... Cá dentro houve uma situação difícil e lidei como pude...</p> <p>I- Que situação é esta?</p> <p>P3- Tive um problema cá dentro, há um ano tive uma zanga... eu já andava saturado cá dentro... tanto posso partir para o isolamento como para a agressão/</p>	<p>P3 indica que a agressividade surge em determinadas situações vivenciais</p>	<p>Uso da agressividade apenas em determinados contextos</p>
<p>US35</p> <p>... já fiz testes para ver a reação...atualmente tenho mais raciocínio sobre as coisas... consigo pensar mais calmamente e também a psicóloga têm-me ajudado mesmo muito./</p>	<p>UP35</p> <p>P3 considera vantajoso o acompanhamento psicológico, na forma como pensa sobre as suas vivências</p>	<p>Acompanhamento psicológico sentido como positivo na exposição das suas vivências</p>
<p>US36</p> <p>I- Considera útil os acompanhamentos então?</p> <p>P3- Sim, sem dúvida... falo abertamente porque confio na doutora...sem qualquer</p>	<p>P3 considera o acompanhamento psicológico vantajoso, manifestando uma atitude de abertura sem receios e de tranquilidade</p>	<p>Importância do acompanhamento psicológico</p> <p>Atitude de abertura sem receios</p> <p>Sentimento de tranquilidade</p>

<p>problema... é um sentimento de calma e de compreensão...dou-me muito bem com ela./</p>		
<p>US37</p> <p>I- Ok. À exceção das violações que me falou... já esteve envolvido noutras relações sexuais contra a sua vontade?</p> <p>P3- Sim, com a minha prima de 14 e eu na altura tinha 10, ela deu-me tantos estalos e forçou-me a ter relações com ela...também já tive com outras raparigas que faziam chantagem comigo e agrediam-me para obterem relações sexuais.../</p>	<p>P3 alega envolvimento em outros relacionamentos sexuais, contra a sua vontade. P3 menciona a chantagem e agressividade exercida em si, com o intuito de consentir relacionamentos sexuais</p>	<p>Envolvimento em relações sexuais contra a sua vontade</p> <p>Chantagem e agressividade exercida por outros associados ao envolvimento nas práticas sexuais</p>
<p>US38</p> <p>I- Como se sentia nestas situações?</p> <p>P3- Sentia-me zangado, mas consumava o ato./</p>	<p>P3 manifesta sentimentos de fúria nos episódios anteriormente relatados, referindo que o ato era consumado.</p>	<p>Sentimentos de fúria nas práticas sexuais</p> <p>Consumação do ato</p>
<p>US39</p> <p>I- E depois do ato como se sentia?</p> <p>P3- Normal... aceitava a situação... sei lá... aceitava as coisas como elas eram./</p>	<p>P3 refere que posteriormente aos atos considerava a situação.</p>	<p>Aceitação do envolvimento nas práticas sexuais</p>
<p>US40</p> <p>I- Quanto tempo ficava sem agredir? E quanto tempo durava as agressões?</p>	<p>UP40</p> <p>P3 informa o período temporal sem cometer agressões bem como o tempo que durava cada violação</p>	<p>Período temporal sem praticar agressões</p> <p>Durabilidade das violações</p>

<p>P- Podia ficar semanas sem fazer nada...mas depois violava...quanto ao tempo que tinha com elas... penso que talvez uma meia hora a quarenta minutos...os crimes ocorreram mais ou menos durante seis a sete meses... não foram seguidos./</p>		
<p>US41</p> <p>I- Ok. Uma outra questão. Acha que as agressões teriam continuado se não fosse detido?</p> <p>P3- Acho que não continuava! Tinha ajuda de uma amiga que me queria tirar de Portugal e ajudar a organizar a minha vida...quando soube da denúncia nem queria acreditar, fiquei envergonhado por mim, pelas minhas colegas...fiquei assustado sem saber o que elas poderiam pensar de mim... mas até que me têm apoiado/</p>	<p>P3 refere que, mesmo após descoberta dos crimes praticados, não daria continuidade às agressões sexuais P3 refere a disponibilidade e ajuda por parte de outro significativo na organização da sua vida, caso não fosse detido.</p>	<p>Interrupção das agressões sexuais</p> <p>Disponibilidade e ajuda por parte de outro significativo na organização do seu quotidiano</p> <p>Descoberta dos crimes provocou sentimentos de vergonha e receios de julgamentos de outros significativos</p>
<p>US42</p> <p>I- Ok. Antes da detenção tinha companheira?</p> <p>P3- Sim... estava com a minha companheira e tenho 1 filha... atualmente não tenho companheira... sabe que 7 anos</p>	<p>P3 refere inexistência de companheira, associada à durabilidade da presente reclusão</p>	<p>Inexistência de outro significativo associado ao período temporal da reclusão</p>

aqui é complicado. /		
<p>US43</p> <p>I- Ok. Usou algum objeto para intimidar as vítimas?</p> <p>P3- Sim...usava sempre um x-acto nas agressões para coagir as vítimas e houve resistência mas não me fez parar a situação...fiz sempre o que quis./</p>	<p>P3 refere o uso de arma nas agressões com a finalidade de coagir as vítimas. P3 informa que apesar de as vítimas oferecerem resistência, deu continuidade às violações.</p>	<p>Utilização de arma nas violações</p> <p>Resistência por parte das vítimas não foi impeditiva ao cometimento das violações</p>
<p>US44</p> <p>I- E utilizou algum disfarce?</p> <p>P3- Não, nunca usei.../</p>	<p>P3 nega utilização de disfarce nas violações</p>	<p>Não utilização de disfarce</p>
<p>US45</p> <p>I- Ok... chegou a ficar com algo pessoal das vítimas?</p> <p>P3- Sim, fiquei com as malas... porque na altura era uma forma de garantir que elas (vítimas) vinham comigo... mas houve um episódio em que a rapariga deu-me a sua mala, quando a persegui e a abordei na estação ferroviária, mas não quis ficar com a mala...</p> <p>I- Mas ficava com as malas das pessoas para que finalidade? Ou depois dava-lhes de volta?</p> <p>P3- Cheguei a dar e cheguei a</p>	<p>UP45</p> <p>P3 alega ter ficado com as malas das vítimas, de forma a garantir que estas aceitassem a violação.</p> <p>P3 descreve um episódio onde perseguiu uma vítima com o intuito de proceder à violação</p>	<p>Roubo dos pertences pessoais das vítimas</p> <p>Perseguição da vítima</p>

<p>ficar... Fiz isto apenas para elas (vítimas) virem comigo.../</p>		
<p>US46</p> <p>I- Ok. Tenho conhecimento que teve anteriores reclusões. Trata-se de que crimes?</p> <p>P3- Foi em noventa e nove...um processo de abuso sexual de menores...tive preso 4 anos e meio por causa deste processo... conheci a vítima, era do meu círculo próximo... /</p>	<p>P3 aborda anterior reclusão pela prática de um crime de abuso sexual de menores, afirmando conhecer a vítima.</p>	<p>Anterior reclusão pela prática de um crime de abuso sexual de menores.</p> <p>Vítima conhecida</p>
<p>US47</p> <p>I- Foi premeditado?</p> <p>P3- Não foi premeditado, foi ocasional... na altura pensei só em coagir a vítima e sentir-me bem por isso... pelo meu passado... mas não quero falar mais nisso... faz parte de um processo passado./</p>	<p>P3 informa que o crime ocorrera de forma ocasional, tendo como finalidade coagir a vítima e sentir-se bem com a situação. P3 mostra relutância em falar do processo anterior</p>	<p>Agressão ocasional</p> <p>Sentimento de bem-estar resultante da coerção da vítima</p> <p>Relutância em falar do processo anterior</p>
<p>US48</p> <p>I- Ok. Sabe precisar quantas vítimas foram no total?</p> <p>P3- Sim...cerca de quatro pessoas...a do abuso sexual de menores e as restantes do processo de violação./</p>	<p>P3 informa o número total de vítimas</p>	<p>Totalidade das vítimas</p>
<p>US49</p> <p>I- Alguma repetida?</p>	<p>P1 informa que as vítimas não</p>	<p>Não repetição de vítima</p>

<p>P3- Não, isso não! /</p>	<p>foram repetidas</p>	
<p>US50</p> <p>I- Ok. Tem mais algum processo relativo a outros crimes?</p> <p>P3-Sim...De serviço comunitário, destruição de património, vandalismo, apreensão de armas, muitas agressões físicas, abuso e violação e furtos.../</p>	<p>P3 descreve os diversos processos judiciais</p>	<p>Descrição de outros processos judiciais</p>
<p>US51</p> <p>I- Ok... outra questão. Alguma vez visualizou imagens ou vídeos que continham pornografia?</p> <p>P3- Sim, eu sei eu tinha isso, eu confesso... isso consta no processo... eu tinha um Nokia e há vestígios, eu navegava na internet, tenho três discos e às vezes tinha vírus e eu sacava vídeos e coisas...quando via sentia uma curiosidade e via as fotografias.../</p>	<p>P3 alega ter visualizado ficheiros com conteúdos pornográficos, manifestando curiosidade pelos mesmos</p>	<p>Visualização de Pornografia Curiosidade</p>
<p>US52</p> <p>I- Que tipo de fotografias se refere?</p> <p>P3- Na maior parte eram raparigas nuas em atos sexuais... e também tinha ficheiros com crianças...em</p>	<p>P3 salienta a presença de adultos ou crianças nos ficheiros pornográficos que visualizava. P3 informa que nos ficheiros, os homens comandavam o cenário sexual e intimidavam as mulheres.</p>	<p>Visualização de ficheiros pornográficos com adultos ou crianças</p> <p>Liderança e intimidação do sexo masculino sobre o sexo feminino</p>

<p>alguns dos vídeos que vi apanhava a parte do tronco da vítima... estavam nuas e via-se que os homens exerciam intimidação nas mulheres, comandavam o cenário sexual...mas elas gostavam... mas pronto do que me lembro é mais ou menos isso.../</p>	<p>P3 alega que as mulheres gostavam da intimidação dos parceiros sexuais</p>	<p>Identificação de prazer no sexo oposto associada à intimidação dos parceiros sexuais</p>
<p>US53</p> <p>mas não recorria a pornografia para me excitar!</p> <p>I- Não? Então o uso tinha que finalidade?</p> <p>P3- Não... eu excito-me com mulheres bem mais velhas do que eu...as mais novas foi para ter experiências... por exemplo eu tinha 18 e a mulher 46...foi o marido que quis... e tive o ato sexual com várias pessoas...senti-me “a última coca-cola do deserto”... eu era pago para isso! /</p>	<p>P3 alega que não visualizava pornografia com a finalidade de excitação sexual. P3 informa que a excitação advém do envolvimento com parceiras com idade superior à sua, salientado que as práticas sexuais com parceiras mais novas surgiram apenas como experiências. P3 menciona um envolvimento sexual com diversas parceiras, sendo recompensado monetariamente</p>	<p>Pornografia visualizada não tinha como finalidade a excitação sexual</p> <p>Excitação sexual advém do envolvimento com parceiras com idades superiores</p> <p>Envolvimento com parceiras mais jovens apenas por experiência</p> <p>Recompensa monetária pela prática sexual com diversas parceiras</p>
<p>US54</p> <p>Acontecia de tudo...sexo oral, anal, tudo...foi atrás desta ocupação que aprendi uma regra... primeiro dar prazer à parceira e depois a nós...aprendi muitos truques que são úteis. Nessas situações havia um meio-termo... podia ser usado como</p>	<p>P3 menciona as diversas práticas sexuais, encarando a prostituição como uma ocupação profissional, onde prevalecia a regra de satisfazer em primeiro lugar o parceiro e posteriormente a si. P3 refere que, poderia ser utilizado ou usar as parceiras como objeto</p>	<p>Prostituição vista como ocupação profissional</p> <p>Destaque para satisfazer em primeiro lugar o parceiro</p> <p>Aceitação de si ou das parceiras como objeto sexual</p>

objeto sexual e outra que podia ser o inverso... /	sexual	
US55 comecei a ter um caso com uma mulher casada e ela introduziu-me neste meio da prostituição e fazia isto para ganhar uns lucros e alguma satisfação sexual./	UP54 P3 encara a prostituição como uma forma de adquirir lucros monetários e satisfação sexual.	Recurso à prostituição como forma de adquirir lucros monetários e satisfação sexual
US56 I- Costuma receber visitas? P3- Não quero que ninguém venha ver-me... é muito doloroso para mim ver as minhas amigas aqui dentro. /	UP55 P3 informa que não costuma receber visitas. P3 experiencia a presença das amigas nas visitas, com sentimentos de sofrimento e de constrangimento	Ausência de visitas Sofrimento e constrangimento associados à presença de outros significativos nas visitas.
US57 E estava a usar ansiolíticos porque ficava nervoso com as visitas.../	P3 alega que encontrava-se a tomar medicação ansiolítica, pelo facto de se encontrar nervoso nas visitas	Medicação associada ao estado de nervosismo nas visitas
US58 mas tenho uma amiga aqui dentro a trabalhar que considero minha amiga, como uma mãe. I- Alguém próximo de si, presumo? P3- Sim...uma profissional que me ajuda muito./	P3 refere a importância de uma profissional, considerando-a uma figura de referência vinciativa próxima	Profissional vista como figura de referência vinciativa próxima
US59 I- Acha justa a situação em que se encontra?	P3 considera justa a situação jurídico-penal, tendo presente a	Considera justa a moldura-penal

<p>P3- Sim acho justa a situação em que me encontro porque não se faz aquilo que eu fiz... se eu não gostei do que me fizeram no passado ... já passei na pele o que elas passaram e sei as marcas que deixam.../</p>	<p>noção do ilícito criminal e dos danos causados às vítimas</p>	<p>Noção da ilicitude do crime e dos danos causados às vítimas</p>
<p>US60</p> <p>I- Se fosse juiz que medida atribuía a si próprio?</p> <p>P3- Não sei... talvez deixasse as coisas como estão...apanhei doze anos... /</p>	<p>P3 aceita a moldura penal que se encontra condenado</p>	<p>Aceitação da moldura-penal</p>
<p>US61</p> <p>talvez queria de forma diferente a nível de abordagem... ter acompanhamento psicológico diário e não de quinze em quinze dias... seria ótimo um acompanhamento diário para obter mais respostas pelos crimes que fiz./</p>	<p>P3 revela a necessidade de um acompanhamento diário, em vez de quinzenalmente, de forma a conseguir obter respostas pelos crimes praticados</p>	<p>Periodicidade dos acompanhamentos vivenciados como insuficientes para partilhar as suas vivências</p>
<p>US62</p> <p>I- Compreendo. Chegamos ao fim da entrevista! Quer questionar ou esclarecer algo que tenha ficado por dizer?</p> <p>P3- Não...acho que lhe disse tudo.</p>	<p>Final da entrevista, onde P3 alega a inexistência de questões ou dúvidas</p>	<p>Final da entrevista</p>

I- Obrigada pela sua participação e pela sua disponibilidade em colaborar nesta entrevista. /		
---	--	--

4- Análise da Entrevista do participante P4

Unidades de Significado	Transformação das Unidades de Significado em Unidades de Significado Psicológico	
<p>US1</p> <p>II – Ainda se recorda o motivo que originou o seu processo judicial?</p> <p>P4-Sim...Quer saber de qual o processo? ... é porque estou condenado por vários processos de violação... violação com roubo e sequestro... mas isso já deve ter consultado./</p>	<p>UP1</p> <p>P4 identifica o crime de violação sexual como o motivo que originou o processo judicial pelo qual se encontra condenado</p>	<p>Identificação dos crimes</p> <p>Destaque para o crime de violação sexual</p>
<p>US2</p> <p>I- Sim... Agradecia então que referenciasse os crimes de violação. Consegue explicar o que o levou a praticar estes crimes?</p> <p>P4- Olhe, não consigo arranjar palavras certas para o que fiz...nem sei ao certo porque o fiz...os crimes que cometi surgiram depois de terminar o relacionamento com a minha</p>	<p>UP2</p> <p>P4 não consegue definir o motivo dos crimes praticados, alegando que os mesmos surgiram após rutura do seu relacionamento. P4 refere que nesta fase começou o consumo de substâncias, havendo uma desorganização na sua vida.</p>	<p>Dificuldade na atribuição de motivo para as violações</p> <p>Início das violações após rutura do relacionamento conjugal</p> <p>Consumo de substâncias e desorganização pessoal</p>

<p>companheira... também comecei a consumir substâncias...estava desorientado e não sabia que rumo dar à minha vida.../</p>		
<p>US3 sentia-me a nível emocional muito instável...mas não sei justificar o porquê do que fiz... passei estes anos todos a pensar numa resposta e não arranjo./</p>	<p>UP4 P4 identifica instabilidade emocional após rutura do relacionamento, alegando não encontrar uma explicação para os crimes cometidos</p>	<p>Instabilidade emocional associada à rutura do relacionamento Dificuldades em definir o motivo das violações praticadas</p>
<p>US4 I- Porque terminou o relacionamento? P4- A minha companheira disse que já não dava...tínhamos algumas zangas de casal...zangas normais, e a minha mulher fartou-se... I- O que entende por “zangas normais”? P4- Discutirmos... assuntos de casal... coisas da nossa vida... do dia-a-dia, despesas... e depois não deu mais... /</p>	<p>UP4 P4 alega ter vivido situações menos positivas antes da rutura do relacionamento</p>	<p>Vivências negativas associadas aos desentendimentos conjugais</p>
<p>US5 I- Havia agressividade física nestes desentendimentos conjugais? P- Não, isso não.../</p>	<p>UP5 P4 nega agressividade física no relacionamento</p>	<p>Ausência de agressividade física na relação</p>

<p>US6</p> <p>I- Como se sentiu com o fim do relacionamento?</p> <p>P- Muito mal, doutora...não consegui aceitar o não... apesar das nossas discussões, considerava a relação boa... e quando acabou, fui abaixo...comecei a consumir substâncias...várias drogas e a desorientar-me e escolhi outros caminhos... até acontecer as agressões.../</p>	<p>UP6</p> <p>P4 informa que sentiu dificuldades em aceitar o término do relacionamento, alegando posteriormente os consumos de diversas substâncias psicotrópicas, o que levou a que houvesse uma desorientação pessoal. P4 refere que nesta fase ocorreram as agressões sexuais</p>	<p>Dificuldades em lidar com a separação</p> <p>Consumos de substâncias psicotrópicas</p> <p>Desorientação pessoal</p> <p>Destaque para o início das agressões</p>
<p>US7</p> <p>I- Acha que há uma interligação entre a rutura do vosso relacionamento e o início das agressões?</p> <p>P4- Atualmente tenho discutido isso com a psicóloga... acho que estava a castigar as vítimas para castigar a minha ex-companheira... sei que é uma possibilidade... mas não é a única.</p> <p>I- Castigar a sua ex-companheira?</p> <p>P4- Sim... pelo fim do relacionamento... por tudo o que sofri com a nossa separação./</p>	<p>UP7</p> <p>P4 concorda com a questão colocada pela entrevistadora, alegando que têm discutido certos assuntos no acompanhamento psicológico. P4 informa que as violações tinham como possibilidade atribuir a punição nas vítimas para punir a ex-companheira, pelas vivências dolorosas da separação.</p>	<p>Debate de assuntos no acompanhamento psicológico</p> <p>Punição às vítimas para punir inconscientemente a ex-companheira pelas vivências dolorosas da separação</p>

<p>US8</p> <p>I- Existem então outras possibilidades para os crimes cometidos?</p> <p>P4- Sim... não vou negar que não adquiria prazer... /</p>	<p>UP8</p> <p>P4 refere que uma das possibilidades de ter cometido as violações deve-se ao facto de adquirir prazer sexual.</p>	<p>Satisfação sexual nas violações</p>
<p>US9</p> <p>I- Quando?</p> <p>P4- Antes de violar as moças e durante as violações... /</p>	<p>UP9</p> <p>P4 refere que o prazer sexual surgia antes e durante as violações</p>	<p>Satisfação antes e durante as violações</p>
<p>US10</p> <p>I- Ok. Gostava de perceber, o que sentia exatamente antes de realizar as agressões sexuais?</p> <p>P4- Não sei dizer muito bem... explica-se com o sentir, sentir o momento mais do que palavras ...aquilo era uma coisa instintiva, uma coisa do momento...como disse, aquela vontade de chegar perto delas... de controlá-las...mas também era pelo prazer.../</p>	<p>UP10</p> <p>P4 informa não conseguir explicar o que sentia quando realizava as agressões sexuais, referindo que o sentimento era superior a qualquer explicação. P4 considera que agia de forma instintiva e que sentia a necessidade de controlar as vítimas. P4 aborda que obtinha satisfação nas violações</p>	<p>Dificuldade na atribuição de motivo para as violações</p> <p>Impulsos instintivos antes das violações</p> <p>Necessidade de controlo nas vítimas</p> <p>Satisfação sexual</p>
<p>US11</p> <p>I- Prevalecia a vontade de controlar a pessoa juntamente com o prazer?</p> <p>P4- Sim...não consigo explicar, sente-se...</p>	<p>UP11</p> <p>P4 alega não mais do que explicar o sentimento vivenciado, este é sentido. P4 refere querer transmitir nas vítimas a sua vontade e que elas entendessem o que ele sentia.</p>	<p>Vontade de transmitir às vítimas as suas vivências e sentimentos, acompanhados de excitação sexual</p>

<p>I- De que forma queria controlá-las?</p> <p>P4- Queria que elas sentissem a minha vontade... que entendessem aquilo que eu sentia...</p> <p>I- E acha possível ter surgido?</p> <p>P4- Talvez...nunca lhes questioneei sobre isso.../</p>		
<p>US12</p> <p>I- Descreva-me essa vontade que falou.</p> <p>P4- (silêncio)... sei que sou uma pessoa impulsiva... ou melhor, já me encontro mais contido... mas na altura dos crimes, sentia que não me servia de nada não ir atrás delas... que ganhava mais ao levar a minha ideia até ao fim... não pensava nas consequências.../</p>	<p>UP12</p> <p>P4 refere que se considera uma pessoa impulsiva mas que atualmente, assume-se como mais contido. P4 informa que adquiria mais ganhos em proceder às violações e que não pensava nas consequências da sua atuação.</p>	<p>Impulsividade</p> <p>Avaliação dos benefícios das violações, sem pensar nas consequências</p>
<p>US13</p> <p>I- O que sentia em relação às vítimas?</p> <p>P4- Sinto pena delas... sei que as vítimas estão a sofrer...sei que não há palavras para o que fiz.../</p>	<p>UP13</p> <p>P4 empatiza com o sofrimento das vítimas. P4 informa que não consegue encontrar explicação para os crimes cometidos</p>	<p>Empatizar com o sofrimento das vítimas</p> <p>Dificuldade em expressar um motivo para os crimes cometidos</p> <p>Noção do ilícito criminal</p>
<p>US14</p>	<p>UP14</p>	

<p>no dia da violação não sentia nada por elas... não pensava no que elas poderiam estar a sentir... queria fazer aquilo... /</p>	<p>P4 informa que no ato sexual não havia sentimento pelas vítimas, alegando que o desejo prevalecia</p>	<p>Ausência de sentimento pelas vítimas no ato sexual Prevalece o desejo sexual durante o ato</p>
<p>US15 só depois de acontecer é que me arrependia...</p> <p>I- Então havia o arrependimento depois das violações?</p> <p>P4- Sim, o arrependimento surgia sempre... ia para casa e sentia que não havia necessidade de fazer aquilo... mas depois voltava a seguir outra moça e voltava a violar... /</p>	<p>UP15 P4 alega encontrar-se arrependido após as violações, mas que posteriormente voltava a agredir outra vítima</p>	<p>Arrependimento posterior ao crime Reincidência nas agressões</p>
<p>US16 I- Quanto tempo passava até cometer a próxima violação?</p> <p>P4- Podia ser uns dias ou umas semanas... mas não era mais do que isso./</p>	<p>UP16 P4 ressalta o período temporal mantido sem agressões sexuais</p>	<p>Período temporal sem praticar agressões sexuais</p>
<p>US17 I- E o que sentia nesse período sem agressões sexuais?</p> <p>P4- Sentia-me normal... não pensava em violar ninguém... mas depois passado esse tempo, começava a sentir aquela vontade de seguir... de violar...de voltar a</p>	<p>UP17 P4 explica que ficava um período temporal sem cometer qualquer agressão, pelo que, surgia a vontade de perseguir e violar alguém, o que de certa forma o levava a reincidir nos crimes. P4 informa que cometia as violações por prazer sexual</p>	<p>Vontade incontrolável de perseguir e violar alguém Reincidência nas violações Prazer sexual nas violações</p>

<p>controlar a moça e sei que isso é que era o principal fator... mas também o prazer./</p>		
<p>US18 I- Em que circunstância é que abordou ou interagiu com as pessoas envolvidas no processo? P4- Quando saia do trabalho...e quando me dirigia aos transportes, avistava uma rapariga e depois seguia-a... dava-me aquela grande vontade... /</p>	<p>UP18 P4 descreve como surgiram as violações, alegando que nesta altura, surgia um acrescido desejo sexual</p>	<p><i>Modus operandi</i> Acrescido desejo sexual antes das violações sexuais</p>
<p>US19 I- Era costume pensar em seguir alguém? P4- Não...mas sei acabava por acontecer... senão não seriam tantas raparigas.../</p>	<p>UP19 P4 tem consciência que mesmo não planeando a perseguição de alguém, isto acabava por ocorrer.</p>	<p>Consciência sobre o planeamento prévio de perseguição de alguém</p>
<p>US20 I- Então pode-se falar num planeamento prévio das agressões? P4- Acho que sim... eu de certa forma agia sempre do mesmo jeito... a hora do crime é que podia ser diferente... no final de tarde, quando saia do trabalho... ou à noite, também quando saia mais tarde do trabalho./</p>	<p>UP20 P4 informa existir um planeamento antecipado para cometer as violações</p>	<p>Planeamento prévio das agressões sexuais</p>
<p>US21</p>	<p>UP21</p>	

<p>I- E como procedia?</p> <p>P4- Depois de avistar a rapariga e seguir o caminho que ela fazia...agarrava quando elas estavam de costas e tapava-lhes a boca...trazia comigo uma faca para poder atuar... e levava-as até um sítio... ameaçava que se fizessem barulho e gritassem por socorro, que as matava.../</p>	<p>P4 descreve a forma como procedia nas violações, alegando o uso de arma. P4 alega o uso da força de forma a coagir as vítimas, bem como, a presença de ameaças verbais</p>	<p><i>Modus operandi</i></p> <p>Uso de arma</p> <p>Uso da força física como forma de coação</p> <p>Ameaças verbais</p>
<p>US22</p> <p>I- A coerção que descreveu estava sempre presente? Agia de modo idêntico com todas?</p> <p>P4- Sim...como disse, havia as ameaças físicas e verbais...e acabava por agir mais ou menos da mesma forma...</p> <p>I- Ou seja... um padrão de atuação?</p> <p>P4- Sim!//</p>	<p>UP22</p> <p>P4 afirma que agia de forma idêntica nas violações, mencionando a existência de ameaças físicas e verbais</p>	<p>Identificação de um padrão de atuação</p> <p>Identificação de Ameaças físicas e verbais</p>
<p>US23</p> <p>I5- E com se sentia nestas situações?</p> <p>P4- Uma certa vontade de as seguir... de as violar... não sei bem, porque aquilo era instintivo... também tenho um</p>	<p>P4 informa a vontade instintiva de perseguir e de violar alguém. P4 identifica-se como uma pessoa impulsiva, agressiva e que não ponderava sobre as consequências dos seus atos</p>	<p>Vontade incontrolável para cometer as violações sexuais</p> <p>Identificação de impulsividade, agressividade e a não reflexão das consequências dos seus atos</p>

<p>fraco controlo dos impulsos... e costume agir violentamente e não pensava nas consequências das coisas que fazia./</p>		
<p>US24</p> <p>I- Quando se refere ao facto de agir instintivamente, havia o pensamento de querer proceder às agressões?</p> <p>P4- Sabe, eu quando cometi esses crimes, eu era um garoto, era novo e não estava bem... não estava em mim... fiz isto sem pensar... mas sim, ficava um período sem fazer nada e lidava bem com isto... mas depois a vontade voltava a surgir e ai não havia volta a dar... tinha de violar./</p>	<p>P4 informa que os crimes aconteceram quando era jovem e que não se encontrava bem, afirmando agir instintivamente.</p> <p>P4 explica que ficava um período temporal sem cometer qualquer agressão, surgia mais tarde, a vontade de violar alguém</p>	<p>Agressões sexuais surgem em jovem</p> <p>Noção da ilicitude dos crimes</p> <p>Atuar de forma instintiva</p> <p>Vontade incontrolável para executar as violações</p>
<p>US25</p> <p>I- Quando é que se apercebeu da sua impulsividade e agressividade?</p> <p>P4- Aqui dentro...no início da minha pena eu estava noutra prisão... só depois é que fui transferido para cá...e sei que o meu comportamento não era o melhor...era impulsivo e levava alguns castigos.../</p>	<p>UP25</p> <p>P4 revela que tomou consciência da sua impulsividade e agressividade na sua reclusão.</p>	<p>Consciência da sua impulsividade e agressividade em contexto de reclusão</p>
<p>US26</p>	<p>UP26</p>	

<p>mas depois com os acompanhamentos fui-me endireitando...no início da pena, houve um certo momento que eu deixei de ir para o pátio, de conviver com as pessoas... cheguei mesmo a evitar estar com pessoas... e a psicóloga me disse que era uma espécie de evitamento social... mas aos poucos fui me adaptando...</p> <p>I4- Adaptando?</p> <p>P- Sim, fui recebendo medicação, fui ouvindo a psicóloga, fui questionando certas dúvidas da minha vida e ... hoje em dia não sou a mesma pessoa...não sou o mesmo garoto que cometeu esses crimes sem pensar.../</p>	<p>P4 aborda a importância que os acompanhamentos em contexto de reclusão, tiveram na organização da sua vida. P4 informa um certo período de evitamento social, alegando que a toma de medicação e os acompanhamentos psicológicos o fizeram mudar a percepção que tinha sobre si.</p>	<p>Organização da sua vida associada à importância atribuída aos acompanhamentos</p> <p>Evitamento social em contexto de reclusão</p> <p>Nova percepção positiva de si associada à toma de medicação e acompanhamento psicológicos</p>
<p>US27</p> <p>I- Então quem é esta pessoa que tenho à minha frente?</p> <p>P4- Doutora assumo que estou diferente... que lido com os problemas de forma diferente de antes... assumo que era muito impulsivo e tinha muita ansiedade em mim.../</p>	<p>UP27</p> <p>P4 percebe ser uma pessoa diferente e que lida de forma distinta com os problemas da sua vida. P4 assume no passado ser uma pessoa impulsiva e ansiosa</p>	<p>Percepção de si como uma pessoa diferente</p> <p>Passado marcado por impulsividade e ansiedade</p>
<p>US28</p> <p>I- Explique-me mais sobre essa</p>	<p>UP28</p> <p>P4 refere que a sua ansiedade</p>	<p>Ansiedade associada a vivências</p>

<p>ansiedade...</p> <p>P4- Era em tudo... nas coisas boas e más que me aconteciam... mas quando haviam situações negativas... eu quase explodia de agressividade... não me controlava... mas agora já é diferente... penso mais sobre o que faço.../</p>	<p>estava patente em vivências positivas e negativas. P4 informa que perante situações negativas, havia uma agressividade incontrolável.</p>	<p>passadas positivas e negativas</p> <p>Destaque de agressividade incontrolável em vivências negativas</p>
<p>US29</p> <p>I- Considera úteis os acompanhamentos?</p> <p>P4- Sim...sinto necessidade de ser acompanhado, de receber orientações pelo melhor caminho... aqui dentro fiquei motivado para concluir os estudos e consegui... agora estou trabalhando, sou fascina e tenho bom comportamento... também estou inserido no programa dos agressores sexuais... aí vou percebendo o que fiz.../</p>	<p>UP29</p> <p>P4 aborda a importância dos acompanhamentos psicológicos na presente reclusão. P4 identifica mudanças na sua vida devido à participação no programa de agressores sexuais</p>	<p>Benefícios do acompanhamento psicológico</p> <p>Acompanhamento psicológico proporcionou mudanças positivas</p> <p>Participação no programa para agressores sexuais</p>
<p>US30</p> <p>I- De que forma os acompanhamentos fazem-no entender o que fez?</p> <p>P4- Porque falamos abertamente, sem receios... “tenho consciência que é para me ajudar...por isto</p>	<p>UP30</p> <p>P4 sente que os acompanhamentos permitem-no ter uma atitude de abertura sem receios de julgamentos. P4 tem noção da importância dos acompanhamentos</p>	<p>Os acompanhamentos proporcionam uma atitude de abertura sem receios de julgamentos</p> <p>Importância atribuída aos acompanhamentos</p>

estou na boa. Sem stresses”		
<p>US31</p> <p>no início é sempre difícil falar dos crimes... sentia-me envergonhado pelo que fiz e não falava sobre tudo... mas depois vamos percebendo que é para nos ajudar...a cada sessão noto uma diferença, e sinto que o meu empenho é cada vez maior.../</p>	<p>UP31</p> <p>P4 considera ser que é difícil no início do acompanhamento expor as suas vivências. P4 identifica maior empenho da sua parte nos acompanhamentos para conseguir entender as suas vivências</p>	<p>Dificuldade no início do acompanhamento em expor as suas vivências</p> <p>Necessidade de maior empenho para compreender as suas vivências passadas</p>
<p>US32</p> <p>se pudesse pedia desculpa às vítimas, mas antes não estava em mim...</p> <p>I- Sente necessidade de se desculpar pelo que fez?</p> <p>P4- Sim...sinto que sim, doutora.../</p>	<p>UP32</p> <p>P4 sente necessidade de se desculpar às vítimas pelos crimes causados</p>	<p>Necessidade de se desculpar às vítimas pelos crimes causados</p>
<p>US33</p> <p>I- Outra questão. Como se encontravam as vítimas nestas situações?</p> <p>P4- Sinceramente sei que estavam amedrontadas.../</p>	<p>UP33</p> <p>P4 identifica que as vítimas se encontravam assustadas</p>	<p>Vítimas assustadas nas violações sexuais</p>
<p>US34</p> <p>mas algumas resistiram e outras não e acho que isso dizer muita coisa...</p> <p>I- Refere-se ao quê?</p>	<p>UP34</p> <p>P4 informa que algumas vítimas ofereceram resistência nas violações, enquanto P4 não considera violação sexual a determinadas vítimas, pelo facto</p>	<p>Resistência das vítimas</p> <p>Distorções cognitivas associadas ao facto de não considerar violação sexual nos casos em que</p>

<p>P4- Quando abordei pelo menos duas vítimas... elas não reclamaram... vieram comigo até onde quis... por isso penso até que não é bem o violar uma pessoa.../</p>	<p>delas não apresentarem resistência.</p>	<p>não existe resistência das vítimas</p>
<p>US35</p> <p>I- Acha que por não haver oposição da vítima, não se pode considerar violação?</p> <p>P4- Eu sei que fui condenado por 6 violações neste processo... mas considero apenas algumas umas violações, em que as raparigas não consentiam a violação e lutaram comigo... enquanto outras nem abriam a boca.</p> <p>I- Talvez já parou para pensar e chegar à conclusão que o facto de não resistirem não é o mesmo de não se encontrarem assustadas... que cada pessoa vivencia o medo à sua maneira... umas podem interiorizar o que sentem e outras exteriorizar.</p> <p>P4- Sim, faz sentido...</p> <p>I- Faz mesmo?</p> <p>P4- Sim faz.... Nem todos somos</p>	<p>UP35</p> <p>P4 informa o número de vítimas do presente processo, e continua a não considerar violação sexual nas situações em que as vítimas não exibem resistência.</p>	<p>Totalidade das vítimas do presente processo</p> <p>Distorções cognitivas associadas ao facto de não considerar violação sexual nos casos em que não existe resistência das vítimas</p>

seres iguais...entendo isso doutora.../		
US36 I- Quando as vítimas ofereciam resistência...dava continuidade ao ato? P- Sim... tinha sempre presente as ameaças... dizia para se calarem e caso não o fizessem, eu tirava-lhes a vida... aí elas percebiam que não estava ali a brincar... e que a situação era séria./	UP36 P4 refere que continuava com a agressão sexual nas situações em que havia resistência por parte das vítimas. P4 informa existir ameaças verbais	Não cessação da violação após resistência por parte das vítimas Ameaças
US37 I- Voltando à violação... Depois de as intimidar o que acontecia? Consegue descrever? P4- Sim... depois levava-as para um sítio onde não havia outras pessoas por perto... porque isso podia fazer com que gritassem... e despia-as e tinha sexo com elas até ejacular... /	UP37 P4 descreve que coagia as vítimas para um local onde pudesse concretizar a violação sexual. P4 informa que, havia ejaculação e consumação do ato.	<i>Modus operandi</i> Coerção das vítimas Premeditação do local Ejaculação e consumação do ato sexual
US38 depois fugia. I- Fugia e o que acontecia depois? P4- Não sei, porque não voltava ao sítio... para lhe dizer a verdade não sei como ficavam as moças depois.../	UP38 P4 refere que abandonava o local após dar por cessada a violação	Abandono do local após cessação da violação
US39	UP39	

<p>I- Durante o ato mantinha conversa com elas?</p> <p>P4- Não me recordo... mas penso que não./</p>	<p>P4 refere não manter contacto com as vítimas</p>	<p>Inexistência de contacto com as vítimas</p>
<p>US40</p> <p>I- Chegou a ficar com algo pessoal das vítimas?</p> <p>P4- Sim... cheguei a ficar com o dinheiro e os telemóveis delas.</p> <p>I- Porquê?</p> <p>P4- Não sei bem... sentia que devia fazê-lo... depois de as ver assustadas, aproveitava para tirar o que traziam... pedia para me darem tudo o que transportavam nas malas... e só depois é que continuava a violação.</p> <p>I- Ok. E o que fazia com os objetos retirados?</p> <p>P4- O dinheiro nem precisava daquilo porque como lhe disse, tinha um trabalho... mas aproveitava e depois comprava algo que necessitasse... os telemóveis guardava-os em casa./</p>	<p>UP40</p> <p>P4 menciona ter ficado com os pertences pessoais das vítimas, embora não houvesse um motivo em concreto para fazê-lo</p>	<p>Roubo dos pertences pessoais das vítimas</p>
<p>US41</p> <p>I- Disse-me há pouco que nem</p>	<p>UP41</p> <p>P4 tem consciência do medo</p>	<p>Perceção do medo vivenciado</p>

<p>todas as raparigas sentiam medo... Mas no entanto, considera que se encontravam assustadas...</p> <p>P- Sim... sei que no fundo estavam assustadas... às vezes é mais fácil esconder o que se quer dizer...</p> <p>I- Porquê?</p> <p>P4- Para não ter de lidar com o sofrimento delas... para não pensar no que fiz, é doloroso./</p>	<p>causado nas vítimas. P4 refere que o facto de ocultar o sofrimento causado nas vítimas torna-se mais fácil do que verbaliza-lo</p>	<p>pelas vítimas</p> <p>Reflexão sobre o sofrimento causado nas vítimas provoca desconforto e é sentida como dolorosa</p>
<p>US42</p> <p>I- Acha que as agressões continuariam caso não fosse descoberto?</p> <p>P4- Por acaso, já pensei nisso... cá dentro, pensamos melhor sobre a vida, porque estamos fechados e também temos tempo... e não consigo dizer sim nem não.../</p>	<p>UP42</p> <p>P4 considera na reclusão ter mais tempo para refletir sobre determinados assuntos da sua vida.</p>	<p>Reclusão possibilita a reflexão sobre determinados assuntos da sua vida</p>
<p>US43</p> <p>mas acho que continuaria... porque pensava que nunca ia ser descoberto...</p> <p>I- Porque considera isto?</p> <p>P4- Pela forma com falava com</p>	<p>UP43</p> <p>P4 considera a possibilidade de dar continuidade às violações sexuais, caso não fosse detetado. P4 julgava que o facto de exercer ameaças nas vítimas era o suficiente para não haver denúncias. P4 refere que, após</p>	<p>Possibilidade de prossecução das agressões sexuais</p> <p>Perceção de que as ameaças eram razoáveis para não haver denúncia</p> <p>Descoberta provocou sentimentos</p>

<p>elas... eu deixava bem claro que se abrissem a boca, que acabaria com a vida delas e pensei que isso bastava para não haver queixa....mas pelos vistos não...senão não me encontraria aqui hoje...senti-me em choque, nervoso, envergonhado, com medo do que a minha família me poderiam dizer, pensei em várias coisas ao mesmo tempo/</p>	<p>descoberta, sentiu-se em choque, ansioso, envergonhado e com receio dos julgamentos dos seus familiares.</p>	<p>de choque, ansiedade, vergonha com receios do julgamento de outros significativos</p>
<p>US44</p> <p>I- Tenho uma questão mais específica... O que o atraiu nas vítimas?</p> <p>P4- O corpo delas! Eram bonitas...atraentes... a cara delas... tudo em si./</p>	<p>UP44</p> <p>P4 refere que as características físicas das vítimas constituíam foco de atração</p>	<p>Características físicas das vítimas constituem o foco de atração</p>
<p>US45</p> <p>I- Durante quanto tempo é que sucederam as agressões? E quanto tempo durava cada ato?</p> <p>P4- Quase um ano... Penso que desde o avistar a rapariga, seguir e realizar as agressões, durava quase uma hora.../</p>	<p>UP45</p> <p>P4 refere que as agressões sexuais sucederam ao longo de um ano e o tempo que demorava cada violação sexual rondava uma hora</p>	<p>Destaque da periodicidade e duração das agressões</p>
<p>US46</p> <p>I- Utilizou algum disfarce nas violações?</p> <p>P4- Não, apenas a faca.../</p>	<p>UP46</p> <p>P4 informa a utilização de arma nas violações</p>	<p>Uso de arma</p>

<p>US47</p> <p>I- Houve repetição da mesma pessoa?</p> <p>P4- Não.</p>	<p>UP47</p> <p>P1 informa que as vítimas não foram repetidas</p>	<p>Não repetição de vítima</p>
<p>US48</p> <p>I- Se fosse juiz que pena atribuí a si?</p> <p>P- Não sei doutora...aceito o que recebi./</p>	<p>UP48</p> <p>P4 informa que não consegue conceber uma moldura penal para si</p>	<p>Questão jurídico-penal</p> <p>Imprecisão na moldura-penal</p>
<p>US49</p> <p>I- Já foi condenado por crimes de natureza idêntica aos do presente processo?</p> <p>P4- Sim... os outros dois processos de violação que falei./</p>	<p>UP49</p> <p>P4 informa já ter sido condenado por outros processos de violação sexual</p>	<p>Anteriores condenações por crimes de violação</p>
<p>US50</p> <p>I- Lembro-me que falou no consumo de substâncias... atualmente mantém consumos?</p> <p>P4- Não doutora... até porque “vamos ao copo” e se estou como fascina é porque tenho mantido um comportamento regular... pode perguntar à minha educadora...quando entrei na prisão, iniciei tratamento e já não consumo nada./</p>	<p>UP50</p> <p>P4 salienta que atualmente não consome substâncias psicotrópicas</p>	<p>Sem consumos psicotrópicos</p>
<p>US51</p> <p>I- Toma medicação?</p>	<p>UP51</p> <p>P4 refere que toma medicação para adormecer e para a ansiedade</p>	<p>Medicação</p>

<p>P4- Sim...vários comprimidos... para dormir, para a minha ansiedade...mas pergunte à minha educadora./</p>		
<p>US52 I- Tenho outra questão. Chegou a filmar ou fotografar as situações? P4- Não... nunca fiz isso!</p>	<p>UP52 P4 nega filmar ou fotografar as violações</p>	<p>Nega filmagem ou fotografia das violações</p>
<p>US53 I- Costuma ver pornografia? P4- Aqui dentro? Não...e não tinha esse hábito antes.</p>	<p>UP53 P4 afirma nunca ter visualizado pornografia</p>	<p>Nega visualização de pornografia</p>
<p>US54 I- Recebe visitas? P4- Da minha mãe e irmãos... I- Que opinião têm os seus membros familiares sobre os crimes praticados? P4- Não peço compreensão, não peço que a minha família me entenda...porque eu próprio estou procurando respostas até hoje... só quero é que não me abandonem...que me continuem a visitar./</p>	<p>UP54 P4 refere que recebe visitas da progenitora e irmãos. P4 informa que pelos crimes praticados não pede compreensão aos familiares, apenas que, não o abandonem e mantenham as visitas</p>	<p>Visitas Necessidade de manter os laços familiares</p>
<p>US55 I- Ok. Chegamos ao fim da entrevista. Têm alguma questão? P4- Não doutora./</p>	<p>UP55 Final da entrevista</p>	<p>Final da entrevista</p>

Anexo F. Síntese dos Constituintes Essenciais dos quatro participantes

1- Síntese dos Constituintes essenciais do participante P1

Constituintes essenciais do Participante

- Destaque do crime de violação
- Periodicidade dos crimes
- Dificuldade na atribuição de um motivo para as violações
- Dificuldade em excluir objetos inutilizáveis
- “Colecionador de vítimas”
- Ausência de padrão físico de vítima
- Sentimentos de vergonha e tristeza após descoberta do crime
- Identificação de um padrão de atuação nas agressões - *Modus Operandi*
- Ausência de um perfil rígido definido, embora haja características de atração.
- Escolha previa de um local com condições de privacidade
- Ameaças e coação das vítimas que eram conduzidas ao local
- Reconhecimento que algumas vítimas não ofereciam resistência
- Utilização de arma e disfarce– “Kit de violação”
- Roubo e guarda os pertences pessoais das vítimas
- Contacto com as vítimas - Criação de um elo de ligação com as vítimas
- Necessidade de sentir-se desejado a nível físico e sexual, como componente principal
- Procura de aventura
- Características físicas constituíam foco de excitação sexual
- Existência de uma calendarização temporal mensal ou bimensal
- Recurso a prostitutas não e uma opção substitutiva do ato de violação
- Cenário artificial e ausência de desejo por parte do outro
- Excitação sexual por práticas orais
- Durabilidade das violações sexuais
- Nega atitudes sádicas (tenta conciliar os desejos contraditórios- distorções cognitivas)
- Aumento do desejo sexual e impulsos sexuais incontroláveis previamente ao ato
- Vontade incontrolável para realizar a violação
- Noção da ilicitude do crime
- Dualidade entre sentimentos positivos e negativos associados à vontade de realizar os seus desejos sexuais
- Necessidade de tirar maior proveito sexual dos crimes praticados
- Sentimentos de arrependimento, angústia e culpa após realizar os atos
- Ideias recorrentes e persistentes em perseguir alguém
- Luta interna - autocontrolo sobrepõem-se se aos impulsos

- Totalidade de vítimas
- Racionalidade ao serviço do impulso (vítimas que do ponto de vista racional poderiam oferecer resistência)
- Não repetição da mesma vítima
- Resistência da vítima
- Reconhecimento da existência de uma parafilia voyeurística
- Questão do poder e coação
- Domínio sobre o outro
- Sinais físicos de excitação sexual (ejaculação)
- Curiosidade em ter outras relações sexuais
- Perceção do seu desempenho sexual
- Início das atividades sexuais masturbatórias de forma diária na adolescência
- Elege o caminho da masturbação como forma de gratificação sexual
- Visualização e categorização da pornografia
- Fantasias sexuais com algumas vítimas ou desconhecidas
- Medicação proporciona benefícios
- Diálogo com o psicólogo permitiu expressar os seus sentimentos e maior sentimento de tranquilidade
- Reconhecimento da eventualidade de ter sido alvo de agressões sexuais no passado
- Após descoberta dos crimes, sentimentos de vergonha, raiva e receios de expor a situação a outros significativos
- Indeterminação na atribuição de moldura penal
- Necessidade de tratamento hospitalar ou medida de permanência na habitação com pulseira eletrónica
- Acompanhamento Psicológico
- Satisfação e bem-estar com o acompanhamento psicológico atual
- Acompanhamentos proporcionam uma atitude de abertura e tranquilidade sem receios de julgamentos
- Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências no passado

2- Síntese dos Constituintes essenciais do participante P2

Constituintes essenciais do Participante

- Identificação dos crimes
- Destaque do crime de violação sexual
- Indefinição do motivo do crime
- Noção da ilicitude do crime
- Adrenalina e fraco controlo dos impulsos nas violações
- Sentimento de raiva e repugnância após cometer violações
- Adrenalina e vontade incontrolável associadas à necessidade de cometer a violação
- Prazer, adrenalina e vontade incontrolável prévio ao ato sexual
- Ato sexual sem prazer
- Crimes sem planeamento prévio
- Aleatoriedade das vítimas
- Impulsos incontroláveis antes do ato
- Adrenalina e vontade de perseguição de alguém e cometer a violação
- Posse sobre o outro
- Características físicas das vítimas constituem o foco de atração
- Escolha das vítimas
- Domínio sobre as vítimas
- Afirmação perante o sexo oposto como forma de exercer o seu poder
- Perceção de que as violações foram executadas com vontade
- Companheira disponível na altura das violações
- Violação cometida para valorização pessoal
- Destaque da necessidade de se desculpabilizar perante o sexo oposto
- Ausência de protótipo de vítima
- Contra a prática dos crimes de violação
- Banalização do crime de violação em contexto cultural – Distorções cognitivas
- Crimes de violação cometido por outro significativo
- Outro significativo alvo de agressões sexuais
- Perda de interesse por outro significativo
- Perceção de uma atitude incompreensível por parte do progenitor na aceitação do crime
- Outro significativo aponta sentimentos de tristeza e desilusão
- Vivência de luto mal resolvido partilhada com o entrevistador
- Progenitora não tem o conhecimento dos crimes praticados
- Características de atração das vítimas

- Utilização de arma – “Kit de violação”
- Ameaças e coação
- *Modus Operandi*
- Período temporal das violações
- Premeditação do Local
- Perseguição de alguém
- Roubo dos pertences pessoais das vítimas
- Resistência das vítimas
- Não cessação da violação após resistência por parte das vítimas
- Consumação do ato sexual após satisfação sexual
- Distorções cognitivas associadas ao sofrimento da vítima
- Contacto com as vítimas
- Arrependimento posterior à violação
- Período temporal sem praticar violações
- Sentimentos de náuseas em relação ao crime praticado
- Reconhecimento como o único responsável pelos crimes praticados
- Tentativa de suicídio devido à confrontação de outro significativo pelos crimes cometidos
- Totalidade das vítimas
- Não repetição das vítimas
- Durabilidade das violações
- Pesadelos com as vítimas
- Recordação das vítimas através de sonhos
- Recordação do episódio de violação provoca sentimentos de raiva, tristeza, náuseas e arrependimento
- Descoberta das violações provocou sentimentos de vergonha, arrependimento e tristeza
- Concordância com a medida aplicada
- Reconhecimento que o programa para agressores sexuais traz benefícios
- Reconhecimento do bem-estar e satisfação proporcionados pelo acompanhamento psicológico e psiquiátrico
- Maior sentimento de tranquilidade
- Atitude de abertura sem receios de julgamentos
- Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências no passado
- Benefícios da medicação
- Destaque para a não reincidência

3- Síntese dos Constituintes essenciais do participante P3

Constituintes essenciais do Participante

- Identificação dos crimes
- Condenação por crimes de violação sexual
- Dificuldade na atribuição de causa para os crimes cometidos
- Periodicidade dos crimes
- Identificação de problemas pessoais, familiares e laborais
- Identificação de problemas clínicos e antecedentes
- Desequilíbrio psicológico
- Destaque de vivências difíceis
- Benefícios do Acompanhamento Psicológico
- Noção da ilicitude do crime
- Atribuição de vivências difíceis no passado à progenitora e padrasto – Negligência
- Reconhecimento do descontentamento da progenitora aquando do nascimento de P3
- Avó materna única figura de referência afetiva
- Vivência de abusos sexuais por parte da progenitora, padrasto e círculo de amigos da mãe
- Internamento em Instituição
- Sentimentos de raiva e ódio devido às agressões sexuais vivenciadas no passado
- Luto e perda da figura de referência afetiva vivenciados de forma altamente negativa
- Destaque para o tratamento psicológico associado ao desinteresse pela vida
- Desinteresse por datas festivas associado à perda da figura vinculativa
- Identificação do motivo para as violações cometidas
- Perseguição das vítimas
- Vivências negativas contribuíram para uma desorganização psicológica
- Dependência e submissão da companheira
- Violações como forma de afirmação sobre o outro
- Necessidade de afirmação e poder sobre o outro
- Sentimento de raiva e arrependimento após as agressões
- Vontade de transmitir às vítimas as suas vivências negativas passadas, acompanhada de excitação sexual
- Sentimentos antagónicos de revolta e desejo sexual antes do ato
- Ato sexual sem satisfação sexual
- Período temporal de excitação sexual com a companheira
- Recurso a prostitutas como forma de obter satisfação pessoal e inexistência de satisfação sexual
- Infidelidade para com a companheira
- Necessidade de satisfazer em primeiro lugar o parceiro

- Aceitação da submissão perante o sexo oposto em várias áreas vivenciais
- Satisfação sexual que obtêm em atividades consensuais
- *Modus operandi*
- Força física como forma de coerção nas agressões sexuais
- Ameaças verbais e físicas
- Consumação do ato sexual
- Contacto com as vítimas
- Características físicas não constituem foco de atração
- Estabelece contacto com outros através do olhar
- Descrição física das vítimas
- Premeditação do local
- Necessidade de exercer domínio nas vítimas
- Excitação e vontade incontrolável para cometer as agressões sexuais
- Vítimas ofereciam resistência
- Roubo dos pertences pessoais das vítimas
- Ausência de dor devido ao luto e perda de outro significativo
- Dificuldade em expressar sentimentos e emoções
- Impacto positivo do acompanhamento psicológico na forma de expressar os seus sentimentos e emoções
- Necessidade de adesão total ao acompanhamento psicológico de forma a compreender certas vivências no passado
- Facilidade em lidar com o sexo oposto e dificuldade em lidar com o mesmo sexo
- Desvalorização de sujeitos do mesmo sexo em comparação com o sexo oposto
- Utilização da agressividade como forma de resolução de problemas vivenciados no quotidiano
- Sentimentos de revolta
- Sentimentos de raiva e de agressividade associados a vivências negativas
- Existência de outras situações de agressividade
- Importância do acompanhamento psicológico
- Envolvimento em relações sexuais contra a sua vontade
- Chantagem e agressividade exercida por outros associados ao envolvimento nas práticas sexuais
- Aceitação do envolvimento nas práticas sexuais
- Período temporal sem praticar agressões
- Durabilidade das violações
- Disponibilidade e ajuda por parte de outro significativo na organização do seu quotidiano
- Descoberta dos crimes provocou sentimentos de vergonha e receios de julgamentos de outros significativos

4- Síntese dos Constituintes essenciais do participante P4

Constituintes essenciais do Participante

- Inexistência de outro significativo associada ao período temporal da reclusão
- Utilização de arma nas violações
- Resistência por parte das vítimas não foi impeditiva ao cometimento das violações
- Não utilização de disfarce
- Distorções cognitivas associadas ao facto de considerar que as vítimas não se encontravam assustadas após a violação
- Roubo dos pertences pessoais das vítimas
- Anterior reclusão pela prática de um crime de abuso sexual de menores.
- Vítima conhecida
- Sentimento de bem-estar resultante da coerção da vítima
- Relutância em falar do processo anterior
- Totalidade das vítimas
- Não repetição de vítima
- Descrição de outros processos judiciais
- Visualização de Pornografia
- Liderança e intimidação do sexo masculino sobre o sexo feminino
- Pornografia visualizada não tinha como finalidade a excitação sexual
- Excitação sexual advém do envolvimento com parceiras com idades superiores
- Envolvimento com parceiras mais jovens apenas por experiência
- Prostituição vista como ocupação profissional
- Destaque para satisfazer em primeiro lugar o parceiro
- Aceitação de si ou das parceiras como objeto sexual
- Medicação associada ao estado de nervosismo nas visitas
- Profissional vista como figura de referência vinculativa próxima
- Considera justa a moldura-penal
- Noção da ilicitude do crime e dos danos causados às vítimas
- Periodicidade dos acompanhamentos vivenciados como insuficientes para partilhar as suas vivências

- Identificação dos crimes
- Destaque do crime de violação
- Dificuldade na atribuição de motivo para as violações
- Noção da ilicitude dos crimes
- Início das violações após rutura do relacionamento conjugal
- Consumo de substâncias e desorganização pessoal
- Instabilidade emocional associada à rutura do relacionamento
- Vivências negativas associadas aos desentendimentos conjugais
- Ausência de agressividade física na relação
- Dificuldades em lidar com a separação
- Consumos de substâncias psicotrópicas
- Desorientação pessoal
- Destaque para o início das agressões
- Debate de assuntos no acompanhamento psicológico
- Punição às vítimas para punir inconscientemente a ex-companheira pelas vivências dolorosas da separação
- Satisfação sexual nas violações
- Satisfação antes e durante as violações
- Impulsos instintivos antes das violações
- Necessidade de controlo nas vítimas
- Vontade de transmitir às vítimas as suas vivências e sentimentos, acompanhados de excitação sexual
- Impulsividade
- Avaliação dos benefícios das violações, sem pensar nas consequências
- Empatizar com o sofrimento das vítimas
- Ausência de sentimento pelas vítimas no ato sexual
- Prevalece o desejo sexual durante o ato
- Arrependimento posterior ao crime
- Reincidência nas agressões
- Período temporal sem praticar agressões sexuais
- Vontade incontrolável de perseguir e violar alguém
- Prazer sexual nas violações
- *Modus operandi*
- Coerção das vítimas
- Premeditação do local
- Acrescido desejo sexual antes das violações sexuais

- Consciência sobre o planeamento prévio de perseguição de alguém
- Planeamento prévio das agressões sexuais
- Uso da força física como forma de coação
- Ameaças
- Identificação de um padrão de atuação
- Identificação de impulsividade, agressividade e a não reflexão das consequências dos seus atos
- Agressões sexuais surgem em jovem
- Atuar de forma instintiva
- Consciência da sua impulsividade e agressividade em contexto de reclusão
- Organização da sua vida associada à importância atribuída aos acompanhamentos
- Evitamento social em contexto de reclusão
- Nova perceção positiva de si associada à toma de medicação e acompanhamento psicológicos
- Perceção de si como uma pessoa diferente
- Passado marcado por impulsividade e ansiedade
- Ansiedade associada a vivências passadas positivas e negativas
- Destaque de agressividade incontrolável em vivências negativas
- Benefícios do acompanhamento psicológico
- Acompanhamento psicológico proporcionou mudanças positivas
- Participação no programa para agressores sexuais
- Os acompanhamentos proporcionam uma atitude de abertura sem receios de julgamentos
- Dificuldade no início do acompanhamento em expor as suas vivências
- Necessidade de maior empenho para compreender as suas vivências passadas
- Necessidade de se desculpar às vítimas pelos crimes causados
- Vítimas assustadas nas violações sexuais
- Resistência das vítimas
- Distorções cognitivas associadas ao facto de não considerar violação sexual nos casos em que não existe resistência das vítimas
- Não cessação da violação após resistência por parte das vítimas
- Ameaças verbais
- Perceção do medo vivenciado pelas vítimas
- Reflexão sobre o sofrimento causado nas vítimas provoca desconforto e é sentida como dolorosa
- Reclusão possibilita a reflexão sobre determinados assuntos da sua vida
- Possibilidade de prossecução das agressões sexuais
- Perceção de que as ameaças eram razoáveis para não haver denúncia
- Descoberta provocou sentimentos de choque, ansiedade, vergonha com receios do julgamento de outros

significativos

- Características físicas das vítimas constituem o foco de atracção
- Destaque da periodicidade e duração das agressões
- Uso de arma
- Não repetição de vítima
- Totalidade das vítimas
- Questão jurídico-penal
- Imprecisão na moldura-penal
- Anteriores condenações por crimes de violação
- Sem consumos psicotrópicos
- Medicação
- Nega filmagem ou fotografia das violações
- Nega visualização de pornografia
- Visitas
- Necessidade de manter os laços familiares